

Oliver Lodge

Por que creio na imortalidade da Alma

Título original em inglês
Oliver Lodge - Why I believe in personal immortality
(1929)



El Greco - A Última Ceia



Conteúdo resumido

Nesta obra Sir Oliver Lodge faz um resumo das experiências levadas a efeito ao longo de anos de pesquisa científica, e que o levaram à convicção da sobrevivência do ser espiritual após a morte do corpo físico.

Os inúmeros contatos mediúnicos travados com o espírito de Raymond, seu filho, morto em 1915, durante a guerra, fortaleceram ainda mais sua convicção sobre a imortalidade da alma.

Todas as suas pesquisas e experiências mediúnicas se resumem nesta afirmativa, tirada de suas próprias palavras:

“Que nos baste saber, no momento, que esta vida não é o fim de nossa individualidade e que, se soubermos utilizá-la com

retidão, constituirá ela a primeira etapa, por muito tempo adiada, de uma tarefa sempre mais efetiva, tarefa em harmonia com a nossa natureza íntima, equivalente, por conseqüência, à liberdade completa.”

Sumário

Nota da editora	3
Prefácio	7
Introdução	19
<i>I</i> – Visão cósmica da vida e do Espírito	21
<i>II</i> – As sete proposições	32
<i>III</i> – A pesquisa psíquica	53
<i>IV</i> – Explicação de alguns fenômenos psíquicos	66
<i>V</i> – Métodos de comunicação ou mediunidade	100
<i>VI</i> – É possível a comunicação com os mortos?	113
<i>VII</i> – Perspectiva. Breve resumo	124

Nota da editora

As “Edições FEESP” estão publicando a 3ª edição da magistral obra de autoria de “Sir” Oliver Joseph Lodge, intitulada *Por que creio na imortalidade da Alma*, cuja 1ª edição foi lançada pela Editora Calvário, no ano de 1973.

Trata-se de uma impecável tradução elaborada pelo emérito Dr. Francisco Klörs Werneck, um dos mais eruditos espíritas dos tempos presentes.

Por que creio na imortalidade da Alma foi o sugestivo título escolhido pelo notável sábio inglês para essa importante obra, o que, por si só, revela o seu empenho em legar aos seus contemporâneos e pósteros, um manancial de ensinamentos que contribui para elucidar um tema que sempre se constituiu na cogitação máxima dos homens.

Na realidade, o problema da imortalidade da alma tem merecido a atenção dos homens de todos os tempos, principalmente nos dias atuais, quando se salienta a escalada da violência e das dores, e quando o materialismo deletério procura preencher os claros que as religiões vão deixando, pela total incapacidade de poder comprovar que a alma subsiste à chamada morte.

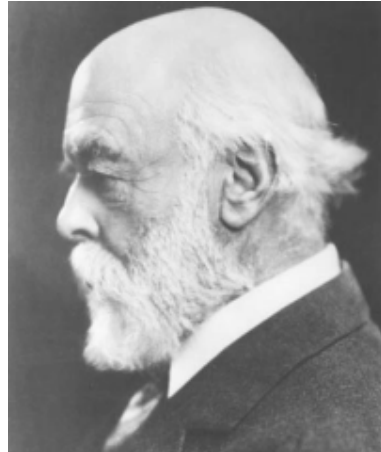
Indagações aflitivas partem de todos os lados: Por que vivemos? De onde viemos? Para onde vamos? Uma coisa, no entanto, é absolutamente certa e irretorquível: o túmulo não é o fim. O corpo, mera indumentária que reveste o espírito para o desempenho de sua tarefa terrena, se desintegra, mas a alma imortal persiste, porque ela é eterna e progride incessantemente, caminhando rumo ao Criador de todas as coisas.

O contato com o espírito de Raymond, seu filho desencarnado em 1915 nos campos de guerra da França, robusteceu a sua convicção, embora não tenha sido esse fato que o entusiasmou a estudar os fenômenos espíritas. Ele já fazia isso muitos anos antes. Os resultados das investigações não foram guardados unicamente para si. Lodge jamais silenciou diante dos fatos; divulgou-os na certeza de que, assim procedendo, estava prestando inestimável serviço à humanidade sofredora.

Dessa forma, a obra de Oliver Lodge representa mais um contributo do Espiritismo, ajudando as demais religiões a comprovarem a imortalidade da alma, uma vez que a falta dessa comprovação tem sido uma das causas do esvaziamento dos templos, pois muitas religiões não conseguem fazer com que seus adeptos aceitem uma coisa que lhes é imposta como artigo de fé, como um dogma que não admite discussão.

Oliver Lodge nasceu no dia 12 de junho de 1851, em Penkhull, Staffordshire, Inglaterra, e desencarnou a 22 de agosto de 1940, com a avançada idade de 89 anos.

A sua vida pode ser dividida em duas partes, durante as quais sempre procurou elucidar o que ainda não estava bem claro e que ainda não se acreditava muito. O primeiro desses períodos



Lodge o empregou em experiências materiais sobre as coisas da Natureza e durou até aos seus 56 anos de idade. Nesse campo granjeou ele fama mundial como inventor, contribuindo para o desenvolvimento da eletricidade e os seus fenômenos, notadamente no campo da radiotelegrafia. Mais ou menos nessa época, escreveu a sua famosa crítica a respeito da obra de Haeckel, *Os Enigmas do Universo*, que o colocou novamente em evidência por um espaço de 20 anos.

Foi educado na *Grammar School*, de Newport e no University College, de Londres, especializando-se em Física. Suas contribuições no domínio da ciência propiciaram-lhe muitos galardões. Em 1891 foi eleito presidente da Seção de Matemática e de Física, da *British Association*; em 1898 foi o detentor da medalha Runford da *Royal Society*; em 1899 e 1900 foi presidente da *Physical Society*, de Londres; de 1901 a 1904 tornou-se presidente da *Sociedade de Pesquisas Físicas*; em 1903 professou uma cadeira da Universidade de Oxford; de 1913 a 1914 foi presidente da *British Association* e em 1919 foi o detentor da medalha da *Royal Society of Arts*.

Foi feito cavaleiro pelo rei Eduardo VII, no ano de 1902, recebendo ainda o grau de doutor em ciências por sete universidades: Oxford, Cambridge, Toronto, Victoria, Liverpool, Sheffield e Adelaide.

Oliver Lodge, chamado o gigantesco, em vista de sua estatura de 1,90 m, iniciou os estudos científicos dos fenômenos espíritas publicando o resultado de suas pacientes e laboriosas pesquisas em várias obras que alcançaram grande repercussão mundial. De 1901 a 1903, como estudioso dos fenômenos espíritas, presidiu a Sociedade de Pesquisas Psíquicas (S.P.R.), cargo que tornou a ocupar mais tarde, no ano de 1932.

Atendendo a veemente apelo de Fredrich W. H. Myers, exarado no livro *A Personalidade Humana*, Oliver Lodge abandonou seu laboratório de física e química, onde havia efetuado numerosos e importantes inventos, a fim de dedicar-se às pesquisas do invisível, onde foi encontrar a solução para os problemas da imortalidade da alma e dos transcendentais mistérios da vida.

Seus instrumentos de trabalho deixaram de ser retortas, alambiques, tubos de ensaios. Onde houvesse uma reunião espírita, lá estava ele implantando o seu laboratório. Clarividência, premonição, voz direta, xenoglossia, incorporação, materialização e uma infundável terminologia caracterizaram os surpreendentes e maravilhosos resultados de seus esforços em novos estudos. No Livro *Por que creio na imortalidade da Alma (Why I believe in personal immortality)*, à luz meridiana da ciência e da razão, esboça a sua crença e enaltece a sua fé.

Lodge realizou numerosas experimentações com os médiuns Madame Piper e Verall, a primeira uma grande médium que a tantos sábios e materialistas converteu e convenceu.

As provas que afirma ter obtido da sobrevivência e comunicação do espírito de seu filho foram das mais robustas. Numerosas comprovações foram obtidas com médiuns de confiança em grande número de sessões. Essas manifestações foram para ele de transcendental importância e tão evidentes, que escreveu o livro *Raymond*, vertido para o português por Monteiro Lobato.

Lodge foi o inventor do “coherer”, o primeiro detector de ondas a ser usado, o qual representou relevante papel na telegrafia sem fio. Em memorável aula realizada em Oxford, no ano de 1894, ele foi o primeiro a enviar mensagens pelo telégrafo sem fio, entretanto, devido ao emprego de correntes de baixa frequência, que não eram adequadas, não se obteve um raio de transmissão suficiente. Essa engenhosa prova foi feita pouco antes de Marconi ter-se ocupado do assunto. Uma das suas maiores glórias foi a momentosa descoberta das ondas hertzianas e o modo de detectá-las. A mesma descoberta foi efetuada por Hertz quase que simultaneamente, daí o nome desse último ligar-se àquelas ondas eletromagnéticas.

As obras sobre eletricidade, de autoria de Oliver Lodge, desfrutam de justo renome mundial, sendo também muito apreciados os seus livros de vulgarização científica e pedagógica.

Prefácio

por João Teixeira de Paula

Sir Oliver Joseph Lodge nasceu em Penkhull (Sttafordshire), a 12 de junho de 1851. Universitário então, passou a lecionar, em 1875, Mecânica e Física, no *Bedford College*, e depois na *University College*, de Londres, de onde foi para as Universidades de Birmingham e Liverpool.

A sua autoridade em Física, segundo o psiquista Joseph Maxwell, que lhe traduziu e prefaciou uma das obras, “era considerável”. Já antes o sábio Marconi fizera, através de correntes de baixa frequência, experiências curiosas de telegrafia sem fio. São mundialmente conhecidas as pesquisas lodgianas no “domínio da óptica, da eletricidade (tendentes às mesmas conclusões de Hertz), da física do éter (que anunciavam as teorias de Einstein), da telegrafia sem fio (em que imaginava a primeira regulação dos comprimentos de onda)”.¹

Foi cantor sempre jovem, não obstante a sua ancianidade terrena, da sobrevivência espiritual. O tempo madura as uvas e nos dá a reflexão. Dedicou-se, com devoção científica, aos então e ainda modernamente (e mais no passado do que na atualidade) chamados estudos transcendentais. Não era um místico nem tampouco um pesquisador de “boa fé”, a quem um corriqueiro fenômeno ou o mais complicado deles pudessem perturbar. Antes, era experimentador de cérebro árido e objetivo, com o qual tudo pesava e media, do que de coração, com o qual podia enganar-se nas conjeturas e ilações. Ernesto Bozzano chama-lhe o “grande naturalista positivista”. Não era criatura de instintos demolitórios, mas fugia a deliriosos religiosismos, que mais confundem que orientam.

Nas suas obras, que deletreamos com crescente aproveitamento, ressumbra a sua fé na imortalidade e a sua crença na pluralidade dos mundos, principalmente (como é natural) depois que a 14 de setembro de 1915 perdeu, na Grande Guerra, o filho Raymond. Acusam-no, aliás, de só se haver interessado pelos

assuntos supranormais depois do falecimento do filho. Maldosa invencionice, pois que já em 1883 – conta-o ele mesmo – se entregava a experiências de telepatia com o Sr. Malcolm Guthrie, que tinha à sua disposição dois sensitivos, modestos empregados de uma firma inglesa. Quando a Sra. Leonora Piper esteve na Inglaterra, Lodge fez com ela, em Liverpool (1889-1890), interessantes investigações no campo metapsíquico, que o levaram a acérrimas discussões com outros cientistas da sua têmpera, da mesma ácie mental.

Como muito bem acentua *La Revue Spirite*,² essas datas reduzem a nada a gratuita pecha dos adversários. Com Charles Richet, que lhe dedicava especial apreço, assistiu, em 1894, a algumas das célebres sessões de efeitos físicos de Eusápia Paladino. Talvez se possa dizer que, entre os valores de coturno da Inglaterra que se entregaram às questões supernaturais, como William Crookes, Fredrich Myers, Richard Hodgson e outros, é Lodge um dos poucos que encarou com simpatia a nascente parafísica. Aliás é mais ou menos desta opinião Gastone De Boni, ao escrever que Lodge “*non solo accettò la casistica metapsichica, ma anche la intera teoria spiritica della sopravvivenza*”.³ A concentricidade das suas conceituações espirituicas é honesta e coerente.

A bem da verdade histórica, convém frisarmos que Oliver Lodge, na sua mocidade, negava os fenômenos espiritistas. Não havia nenhuma congneridade entre um e outros. É uma característica normalmente desconhecida da sua máscula personalidade de parafísico. Nos verdores dos anos, quando então quase sempre presumimos tudo saber, e mesmo a caminho da maturidade, que lhe apontaria novos rumos na larga trilha das pesquisas hipernormais, Lodge era negativista contumaz. Sendo homem de ciência, apegado tão somente à explicação da fenomenologia, anormal ou não, pelos princípios materialistas conhecidos e admitidos, negou os fenômenos de efeitos físicos produzidos pela médium Annie Abbott, que na época trabalhava com o Dr. H. Goudard, com quem o nosso autor manteve discussão, em termos cavalheirescos, pelas colunas dos famosos *Annales des Sciences Psychiques* (número de março-abril de 1895 e outros

que se seguiram). O Dr. Goudard era pela explicação espírita do fenômeno; porém Lodge apresentava uma explicação normal, simplesmente física, apelando até para a possibilidade de um truque. Um dos fenômenos era o de levitação: cinco ou seis pessoas se acomodavam num banco e a médium levantava o banco do chão e o sacudia no ar com a pesada carga. Lodge replicava que não, que tudo não passava de um jogo hábil de pernas e pés para o qual concorria a médium, que se colocava atrás do banco, movimentando-o para cá ou para lá!

Era o nosso consciencioso imortalista um representante legítimo da incoseqüência dos negadores! A incoseqüente circunção do nada!

Não menos digna de rememoração foi a querela que, alguns anos depois, e já inteiramente integrado nas pesquisas supernormais, manteve com Charles Richet, então no apogeu do seu materialismo científico. Aí Lodge não era o descrente dos anos passados, o único detentor da verdade das coisas; não era réu, não era a parte passiva a quem queriam impingir alhos e bugalhos; era a parte ativa, o acusador, interessado em demonstrar a realidade de um mundo extraterreno, tão real como o nosso e até com maiores possibilidades de vivência do que o nosso. Aliás, acerca dessa vivência supraterrena iria contar aos seus leitores em língua inglesa, como o está contando agora a outros leitores seus em língua portuguesa, a história que iremos encontrar nesta obra: a do peixe que, escapando do seu reduto aquíeo, viu, com boca e escâncaras, aves voando para cá, transvoando para lá, as quais, interrogadas por ele sobre a existência ou inexistência de um novo mundo, lhe confessaram que o delas era muito maior do que o dele, com imensas possibilidades de existência com que o vivente písceo jamais poderia sonhar! Elas voavam e transvoavam, iam aonde queriam num espaço para elas infinito e tinham uma visão das coisas quase que incomensurável! Não circunvolviam como ele...

Mas voltemos ao caso com Richet, seu “eminente e erudito amigo”. Richet não cria na sobrevivência da alma, de que descreu mais ou menos até o fim dos seus longevos anos carnis, não obstante a falação final, celeumática e demulcente com

Ernesto Bozzano, da qual não resultou nenhum elemento preponderantemente conciliatório. Richet era um homem de ciência como também o era Lodge; mas os homens de ciência (reconhecia-o ingenuamente agora Lodge) não têm senão um “conhecimento parcial e imperfeito dos fatos”. Depois de muitas considerações a respeito da descrença do dedicado amigo e colega francês, o insigne criador da Metapsíquica, lamenta Lodge a descrença de Richet, que só falava em clarividência, lucidez, criptestesia, alteração da personalidade, o que tudo não passava, confessa Lodge com energia, senão de *palavras* e mais *palavras*! Mas *dar um nome a um fenômeno não é explicá-lo* – consente Lodge, o negador formal dos fatos hiperfísicos de outrora!

A discussão, ou melhor, a troca de idéias confraternal, sem nenhuma acerbia, entre os dois admiráveis homens, continuou por alguns números da *Revue Métapsychique*, a partir de abril-maio de 1922. enquanto talvez Richet se perturbasse com razões acrológicas, Lodge se limitava a consolidar uma estrutura da sistemática espiritualística. Desprezavam, como veros cientistas, as ameaças estéreis de um não menos estéril academicismo. Para ambos eles, embora noutro intento, valeria aqui a afirmativa de Ernest Renan, o crítico sagacíssimo e honesto do Cristianismo, de que a condição do milagre é a credulidade da testemunha.

Um fato curioso, que estimamos sobremaneira trazer ao conhecimento dos nossos leitores, que porventura o não conheçam ainda: a obtenção paranormal das impressões digitais de Sir Oliver Joseph Lodge. O caso vem relatado pelo órgão da *American Society for Psychical Research*, número de março de 1932. Não o tiramos daí, mas do número de maio daquele mesmo ano de *La Ricerca Psichica*, páginas 224/26. Trabalhava-se em Londres com Margery Crandon, médium de efeitos físicos. Na sessão de 3 de julho de 1931, obtiveram-se três impressões parnormais do polegar direito de uma mão humana. O guia dos trabalhos (ou o controle, ou espírito-controle, como lá dizem), Walter, afirmou que uma das impressões pertencia a Lodge. Enviou-se-lhe uma fotografia da impressão com a recomendação de a mandar examinar por peritos em datiloscopia. Lodge pediu ao seu amigo, o inspetor Bell, da famosa Scotland Yard, que o

fizesse. O inspetor confirmou a identificação; nesse ínterim, o guia informava na sessão, em Boston, nos Estados Unidos, acerca dos resultados positivos da identificação.

*

Lodge era ou não espírita? Não o era, segundo o conceito que se tem da Doutrina Espírita codificada por Allan Kardec. Antes de tudo, ser espírita é aceitar os princípios doutrinários codificados pelo mestre lionês. Não sabemos se Lodge conhecia ou não as obras de Kardec, conquanto lhe aceitasse os princípios básicos; mas provavelmente as conheceria e as teria lido, estudioso insofreável. É certo que nem uma única vez, em toda a sua produção metanormal, citou o Codificador nem muito menos se valeu dele para nada. Isto porém lhe não desvaloriza as pesquisas mediúnicas, nem muito menos as próprias obras, sempre válidas e aceitosas nos postulados suprafísicos.

Lodge era um psiquista convicto e erudito; como tantos outros cultores do Psiquismo Transcendental, admitia a existência da alma, a sua preexistência ou sobrevivência, e a fenomenologia a que nós os seguidores de Allan Kardec damos o nome de fenomenologia espírita. Que o era indiscutível e insofismavelmente, temos a prova na sua bibliografia parapsíquica. Vamos passar, para comprovação ante o leitor possivelmente menos credente das nossas palavras, uma rápida vista de olhos a afirmações suas a propósito da sobrevivência da alma e da conseqüente fenomenologia sobrefísica.

Em *Phantom Walls*, que lemos através de uma tradução italiana,⁴ discreiteia, tratando do interesse da humanidade por religiões:

“Se é exato, como propalam por aí, que as religiões vão perdendo a sua influência, não menos exato é que os indivíduos em geral demonstram vivo interesse relativamente aos problemas que dizem respeito à realidade de um mundo espiritual.”

É observador ponderado. Quem lhe não sente a veracidade da asserção? A angústia do ignoto, no *consensus omnium populo-*

rum, numa citação do feiticeiro Eusèbe Salverte, sempre dominou o homem. Essa angústia é um dos mais concludentes motivos do aparecimento de tantas religiões, seitas e doutrinas. Theodor Reik, apesar do seu cru materialismo, que renegamos de viva alma, tinha razão ao dizer:

“A religião originou-se para satisfação de determinadas necessidades espirituais que outrora não existiam ou conseguiam sua satisfação adequada por outras formas ou por outras vias; talvez não esteja longe uma época que experimente outras tendências espirituais ou possa conseguir o objetivo das mesmas necessidades por outros meios (...). Em nome dela travaram-se guerras sangrentas e fizeram-se pazes, milhões foram assassinados, curados e tratados; a religião desgraçou os seres de inúmeras gerações humanas e lhes distribuiu consolo.”⁵

“A Verdade – ensina Lodge – apresenta diversas faces: quando pensamos nos inumeráveis mundos e na sua diferente distribuição no Universo, somos obrigados a crer num impulso que leva a humanidade a cogitar de realidades mais importantes, a perceber que a transitória vida terrena não pode ser tudo senão um prelúdio que a levará a um grande fim.

“Se cremos num Poder Supremo, ao qual, no afirmar daqueles que trabalharam e sofreram por nós, estamos submetidos e ao qual, tanto eles como nós, adoramos; se esse Poder Supremo criou a humanidade e a leva para um objetivo longínquo, embora luminoso, os nossos esforços devem trazer-nos encorajamento para que, por meio das forças divinas, *a vontade da Potência Superior se realize e dê frutos.*

“Deus obra sempre de modo ameno. É fora de dúvida que o Poder Supremo opera indiretamente sem exercer coerção, a qual, *se fosse exercida, o mundo hominal seria mais perfeito, como se pode dizer do mundo inorgânico ou mecânico, porém ele seria apenas uma máquina e não uma entidade espiritual.* Mas nós não somos máquinas; possuímos uma *vontade livre e a faculdade de escolher, privilégio esse a que podemos atribuir as nossas dificuldades e os nossos fracassos.*

“Realmente, a *vontade divina não é a de tornar nada perfeito mediante coação, mas assegurar-nos uma espontânea cooperação, criando uma raça de seres inteligentes, que, em parte, saberão do destino que os espera e farão o que lhes estiver ao alcance para o desenvolvimento e a realização de plano preestabelecido.*”

Que firmeza de raciocínio!

Depois de se haver referido ao movimento de Hydesville, quando os Espíritos, de maneira simples, revelaram por intermédio inicialmente de duas meninas, as irmãs Fox, mártires do Espiritismo, uma faceta do mundo espiritual, pondera:

“As religiões naturalmente tudo fazem por manter uma atmosfera de fé. Elas podem reagir à invasão das experiências que se tentam nesse particular, as quais, não obstante, vão aumentando. O homem começa a compreender que se pode ter uma noção do assunto e está ansioso por aprofundá-lo mais.”

É o que estamos vendo no mundo inteiro; a ânsia de crentes de diversas religiões por conhecerem crença melhor e a ânsia de descrentes por terem uma crença que os oriente no caminho da Divindade e lhes amenize as agruras da descrença nas suavidades de coração de alguma crença.

Até tratando de assuntos estritamente científicos, nunca descuidava da parte espiritual. Assim o fez em *Life and Matter*, que conhecemos pela tradução francesa de J. Maxwell.⁶ Procurou demonstrar erros cometidos por Haeckel, o conhecido materialista. Haeckel, como um único exemplo para os leitores, escrevia ser verossímil que o processo biogenético da Terra fosse o mesmo que o de alguns dos planetas do nosso sistema (Marte e Vênus), bem como o de outros planetas de outros sistemas solares; que mais verossímil ainda é que, se aquele processo biogenético desenvolveu tipos de plantas e de animais superiores estranhos ao nosso meio, talvez também seres superiores, que, pela sua inteligência e pela força do seu pensamento, estariam muito acima da bitola dos homens terrenos, provenham de uma

origem animal, a qual, pela sua capacidade plástica, seria superior aos vertebrados.

À assertiva haeckeliana, que, pela sua essência espiritual, nem parece ser a de um consumado materialista, responde assim o escritor inglês:

“Com efeito, isso é até muito provável e muito improvável é admitir-se o homem como o Ser mais superior de todos. Porém se o Prof. Haeckel está disposto a conceder-nos essa probabilidade ou mesmo essa possibilidade, por que exclui ele, tão energicamente, a idéia da revelação, queremos dizer, a idéia dos conhecimentos que provenham de seres superiores? Os selvagens podem certamente receber dos homens civilizados uma espécie de *revelação*. Por que seria inconcebível que criaturas humanas possam adquirir conhecimentos de seres que lhes estão em grau de superioridade no Universo? Isso pode vir ou não ao caso, mas não vemos nenhuma razão científica para se dogmatizar a propósito de determinada coisa e, por outro lado, afirmar que ela é inconcebível.”

Em *Survival of Man* (A Sobrevivência Humana), edição de 1909, o nosso eminente catedrático se dedica às perquirições dos fatos psíquicos, seguindo a orientação da sociedade de Pesquisa psíquica (*Society for Psychical Research*) e iniciando-as pela telepatia experimental. É obra valiosa, já com numerosas edições em inglês e traduções em muitas línguas. As suas quatro partes, com muitos subtítulos, abrangem uma introdução ao estudo das pesquisas psíquicas, como telepatia experimental, telepatia espontânea, clarividência, automatismo e lucidez. Na última parte relatava as sessões que teve com a Sra. Leonora Piper, a quem fizemos menção. A sua crença na imortalidade é indiscutível. Confessa-o:

“Que o homem sobrevive à morte do corpo é convicção certa minha, baseada, de mais a mais, numa longa série de fatos naturais. O presente livro permite ao leitor ter disso alguma idéia, que o autor considera pertencer às mais diretas e imediatas razões, graças às quais um dia a sobrevivência será cientificamente provada.”

Interessante é notarmos como Lodge fala dos fatos hiperfísicos, aos quais chama de “naturais”. Outros lhes dariam as mais extravagantes denominações e acabariam ainda talvez por negá-los. Ninguém quer saber de *prosa fiada* (agalhas, emboança, farfância...) com fantasmas ou pretensos fantasmas!...

Em *Making of Man* (A formação do Homem), que conhecemos em tradução da nossa língua, encontramos páginas de esperanças numa vida melhor no após túmulo. Eis cá um trecho:

“O nosso destino final não é reconhecível através da nossa atual condição imperfeita. Os santos e profetas nos têm falado, ou nos deram sugestões, mas não os ouvimos. Estamos demasiadamente ocupados com bagatelas, que absorvem a nossa atenção; porém, algum dia o véu será erguido, não só para alguns, mas para muitos. Os que nos precederam na morte agora vêem o que nos escapa. Na outra margem eles nos estendem suas mãos auxiliadoras e nos reservam um bom acolhimento.”

Em *Raymond*, que o nosso Monteiro Lobato traduziu para bom vernáculo, o sábio físico declarou abertamente, por mais de uma vez, com diferentes termos:

“Jamais ocultei minha crença de que a personalidade não só persiste, como ainda continua mais entrosada ao nosso viver diário do que geralmente o supomos; de que não há nenhuma solução de continuidade entre os vivos e os mortos...”

Em *Por que creio na imortalidade da Alma*, que o leitor ora tem sob os olhos, há tantas passagens edificantes e tão belas, que procurar transcrevê-las seria quase que repetir a obra por inteiro. Melhor fará o leitor, e muito mais ganhará com a decisão, se começar logo a ler a obra. Queremos pôr um ponto-final na catação excertuária, insignificante embora, transcrevendo umas palavras de fé e convicção de Oliver Lodge, extraídas não obstante de outra obra sua, a *Phantom Walls*, palavras partidas de um catedrático, de um cientista, de um pensador, dignas de

figurar no canhenho de muitos espiritistas que, se não duvidam do seu destino, não o compreendem às vezes devidamente:

“Tenhamos coragem, pois que estamos apenas começando a pôr os pés no invisível, no campo inexplorado; já estamos tomados de grande esperança e, com essa mesma esperança e numa crescente certeza, caminhamos para a meta final do nosso sublime destino.”

Uma palavrinha acerca da mudança do título: *Por que creio na imortalidade da Alma* e não *Por que creio na imortalidade pessoal*: ora, a mudança baseia-se unicamente não numa questão doutrinária, mas numa questão tão-só de clareza de etnia: o conceito anglo-germânico de *alma* por certo é o mesmo que o anglo-latino. Mas o povo em língua portuguesa, de formação religiosa com mais profundidade mística, que a inglesa, para exemplificarmos, estranhará a denominação de *pessoal* em vez de *alma*. Que a *pessoalidade* é a própria *alma*, nas obras do nosso autor, está em as inúmeras referências anímicas de Lodge. Alma encarnada ou desencarnada, alma com existência corporal ou extracorporal, livre dos liames carnis ou presa a eles – é sempre alma a caminho do seu objetivo espiritual.⁷

O tradutor, a quem apresentamos as nossas razões, não desconcordou de nós. Temos certeza que a gente luso-brasileira concordará também conosco, sentindo-se mais à vontade ao ouvir falar de imortalidade da *alma* em vez de imortalidade *pessoal*.

Queríamos acrescentar mais uma palavrinha, já agora relativa ao Dr. Francisco Klörs Werneck, que nos honra com a sua amizade há alguns decênios (nós e ele estamos agora descendo, no cômputo etário, o Cabo da boa Esperança...), é tradutor sobejamente conhecido nos arraiais espiritistas, não só pela sua reconhecida capacidade de tradutor de várias línguas, mas também pelo seu conhecimento da Doutrina espírita, que lhe assegura um lugar honroso entre os nossos melhores tradutores vernáculos.

Não é preciso mais.

*

Sir Oliver Joseph Lodge, casado com a Sra. Mary Fanny Alexander Lodge, faleceu aos 89 anos de idade, em agosto de 1940, em Amesbury (Wiltshire), na Inglaterra. A sua defunção foi pesarosamente sentida tanto nos meios científicos como em toda a comunidade espiritista.

*

Eis, tanto quanto pudemos apurar, a rica bibliografia de Sir Oliver Lodge:

1. *Manual of Elementary Mechanics* (1879)
2. *The Modern Views of Electricity* (1889)
3. *Pioneers of Science* (1893)
4. *Life and Matter* (1905)
5. *Electrons or the Nature and Properties of negative Electricity* (1907)
6. *The Survival of Man – A Study in Unrecognized Human Faculty* (1909)
7. *The Ether of Space* (1909)
8. *School Teaching and School Reform*
9. *Easy Mathematics, Arithmetic etc.*
10. *Lightning Conductors and Lightning Guards*
11. *Signaling without Wires through Space*
12. *Modern Views on Matter*
13. *The Substance of Faith, allied with Science*
14. *Atoms and Rays*
15. *Reason and Belief* (3ª edição, 1911)
16. *Man and the Universe: a Study of the Influence of the Advance in Scientific Knowledge upon our Understanding of Christianity*
17. *Phantom Walls*
18. *The War and After* (1915)
19. *Raymond or Life and Death* (1916)

20. *Christopher: a Study in Human Personality* (1918)
21. *The Making of the Man* (1924)
22. *Ether and Reality* (1925)
23. *Relativity* (1925)
24. *Talk about Wireless* (1925)
25. *Science and Human Progress* (1927)
26. *Modern Scientific Ideas* (1927)
27. *Why I Believe in Personal Immortality* (1929)
28. *The Reality of a Spiritual World* (1930)
29. *Beyond Physics or the Idealization of Mechanism* (1931)
30. *Past Years* (1931)
31. *My Philosophy, containing final view on the Ether of Space* (1933)

Introdução

Os argumentos em favor da sobrevivência humana, isto é, os de que a morte é um acontecimento que só diz respeito ao corpo, são tão velhos quanto o mundo. Parte deles pode ser considerada como teológica, baseada na bondade e na justiça de um Criador, ao passo que a outra parte, que se pode chamar de antropológica, se apóia na repulsão instintiva da idéia de aniquilamento no homem e ainda no postulado de que os instintos, produtos da evolução, devem corresponder, até certo ponto, à realidade.

Nesta obra não me apoio em nenhum destes argumentos, respeitando-os todavia. De fato, não alimento desejo algum de controverter, porém toda a minha tese repousa na experiência e na aceitação de uma categoria de fatos que podem ser verificados por qualquer pessoa, com a condição de que se dê ao trabalho de investigá-los.

Conheço o peso da palavra “fato” na Ciência e digo, sem hesitação, que a continuidade individual e pessoal é para mim um fato demonstrado. Cheguei a esta conclusão pelo estudo das faculdades humanas obscuras, isto é, ainda não reconhecidas pela ciência ortodoxa e que não receberam aprovação dos teólogos em geral. É, pois, permitido e talvez mesmo obrigatório fornecer, de um tempo a outro, uma desculpa a respeito de minha persistência neste estudo e de minha convicção profunda no que concerne aos seus resultados.

Incidentemente, é claro que a palavra “imortalidade”, empregada no título desta obra, deve ser tomada em sua significação convencional, visto que nenhuma asserção relativa ao “infinito” é possível nos limites de nossa inteligência. Tudo que podemos ter a esperança de demonstrar é a sobrevivência da personalidade. O verdadeiro rompimento aparente na continuidade da vida humana nos espera no limiar da morte. Se sobrevivemos a esse rompimento, é pouco provável que encontremos, em seguida, qualquer outra descontinuidade mais profunda ainda cuja influência nos destrua.

Tudo o que possuímos, como prova, diz respeito à persistência individual após a separação de nosso invólucro terrestre. Seria, pois, presunção pretender saber o que nos reservará um futuro algo obscuro e remoto. É, na verdade, um amanhã sobre o qual não temos necessidade de pensar agora.

Que nos baste saber, no momento, que esta vida não é o fim de nossa individualidade e que, se soubermos utilizá-la com retidão, constituirá ela a primeira etapa, por muito tempo adiada, de uma tarefa sempre mais efetiva, tarefa em harmonia com a nossa natureza íntima, equivalente, por conseqüência, à liberdade completa.

“In la sua volontà è nostra pace.”

O. L.

Capítulo I

Visão cósmica da vida e do Espírito

“A distinção entre a religião e a moral está na crença em um outro mundo e no esforço para comunicar-nos com ele.”
(Padre George Tyrell, no *Quarterly Review* de julho de 1909).

Durante a maior parte de sua história, a humanidade só conheceu a Terra que, para ela, era o único mundo existente, e as estrelas do céu só serviam para iluminar as coisas (“Uma luz maior para iluminar o dia e uma menor para presidir à noite. Deus criou, assim, as estrelas”). Alguns raios de uma ciência mais vasta brilharam na Antigüidade. As poesias clássica e medieval discorriam sobre regiões supersensoriais que se acham acima e abaixo da superfície terrestre, olhadas sempre como subordinadas e em estreita relação com a Terra. Somente alguns séculos depois de Copérnico (A. D. 1500), a idéia da Terra, como um corpo celeste entre uma multidão de outros, penetrou na inteligência popular. Nos tempos hodiernos, as idéias se estenderam do plano terrestre à vida cósmica. Esta grande revolução no pensamento é hoje um fato mais ou menos aceite e cada um admite a existência de uma porção de outros mundos, ao menos quanto à constituição material e nos seus movimentos no espaço. Esperemos que, afinal, graças a essa ampliação em nossas concepções materiais, nos seja possível reencontrar a luz espiritual e o entusiasmo da Idade Média, de que somos devedores a Chartres e outras catedrais.

Ainda que essa luz esteja desaparecida nos presentes séculos, pode-se fazer com que torne a brilhar. Com um conhecimento mais aprofundado da ordem material, um sentimento renovado de ordem espiritual se desenha. Não foi sem um fim que a catedral de Liverpool, tão vasta e imponente, foi construída por uma empresa civil neste século de perigos, lutas e tumultos.

Apesar de nossos conhecimentos materiais, no entanto, é verdade que, quando nos ocupamos do domínio mental e espiritual, verificamos que ainda subsiste alguma coisa da antiga limitação terrena. A Ciência não conhece nem vida nem espírito fora dos limites deste planeta e todos os nossos sistemas de pensamento repousam nesta base estreita. Em Psicologia, o homem é considerado como o único ser inteligente pairando acima de todos os outros. Admitem-se, por força, inteligências inferiores e relações íntimas entre ele e o resto da vida animal, mas a existência de seres superiores ao homem é geralmente ignorada ou negada. Todas as tentativas feitas para entreter relações com essas entidades hipotéticas, para conhecer algo sobre a sua natureza ou mesmo para verificar a sua existência são reprovadas como uma superstição indigna da ciência.

Ao mesmo tempo, existem provas de fenômenos raros e bizarros que nos sugerem que essa limitação à vida terrestre, anterior a Copérnico, e essa falta de interesse ou de crença no Além, são uma visão muito limitada de nossa concepção do universo, longe, aliás, de ser inteiramente satisfatória. Para manter a hipótese de um isolamento completo e absoluto da Terra é preciso rejeitar, resolutamente, certos fatos e considerá-los, sem discriminação, como fraudulentos. É preciso recordar que os instintos não têm sido governados senão mui fracamente por considerações científicas. A vida humana é mais poderosamente regida pela emoção e pelo instinto do que pela razão e a lógica e, por toda parte, o instinto do homem o leva a considerar a existência de forças Superiores, forças que, de uma forma ou outra, governam o seu destino, que ele pode melhorar ou piorar, por meio de cerimônias. Que essas forças sejam múltiplas ou que sejam a prerrogativa de um Ser Único é coisa de pouca importância. No que concerne aos atributos desse Ser Único, verifica-se uma grande diversidade de doutrina e um progresso gradual para uma maneira de ver que vai melhorando sempre.

O mais elevado ideal atingido pela humanidade reflete, em cada época, nas suas noções sobre a Divindade, uma concepção adequada, necessariamente limitada pelo seu desenvolvimento moral e intelectual.

Se o animal tem um culto qualquer, não pode adorar senão o homem, seu superior tangível e visível. O homem já atingiu um culto supersensível. Ele é capaz de representar a sua interpretação simbólica do Universo em imagens ou sob outras formas artísticas. O Cristianismo iluminou a nossa percepção do divino, exaltando a idéia da Encarnação.

Sejam quais forem, porém, a diversidade e a elevação de nossas concepções, é fora de dúvida, como disse o padre Tyrell, que a essência da religião repousa na crença em um outro mundo, em uma outra ordem de existência e em nossas tentativas para entrar em relação com ele. As nossas igrejas e as nossas capelas, com as suas cerimônias de oração e adoração, são eloqüentes testemunhos dessa tendência universal. A base de todas as religiões é a crença na existência de um mundo espiritual, isto é, na existência de inteligências ou seres mais elevados do que o homem. Quando se admite a existência de tais inteligências, sente-se que elas podem influenciar e auxiliar a nossa vida; quando se entrevê a possibilidade de entrar em relação com elas e obter o seu auxílio, torna-se então essa crença mais do que intelectual e desabrocha em forma de religiões mais ou menos perfeitas.

Os sábios, que são tão humanos quão cientistas, reagiram individual e diversamente contra tal tendência para o supranormal, que se poderia chamar justamente de milagroso. Alguns vão até ao desprezo e à condenação dessas experiências, que estão fora da verdadeira ciência; outros as aceitam humildemente, como herança da humanidade, sem buscar pesquisar ou compreender. A maioria, porém, considerando de forma respeitosa e mesmo compassiva a conduta das pessoas religiosas, é de opinião que essas coisas nada têm a ver com as suas ocupações profissionais e intelectuais e, sem positivamente negá-las, por elas não se interessam. O grupo extremo dos cientistas, que pretendem ser filósofos, olhando a vida sob o ponto de vista materialista ou sensualista, não tem eloqüência, nem entusiasmo, tendendo para o dogmatismo, a fim de consolidar a sua filosofia robusta, porém um pouco fria.

Tais homens se ufanam de sua emancipação da tradição religiosa e convidam os outros a compartilharem dessa audaciosa

rejeição das fontes do consolo humano, mostrando uma calma estóica no meio do que, para os demais, pareceria a ruína e a desolação. Citarei, para exemplo, um extrato do ensaio de Bertrand Russell, membro da *Royal Society*, intitulado *A Free Man's Worship* (O culto de um homem livre), e numerosas profissões de fé, menos eloqüentes, de outros escritores, poderiam ser citadas, mas diriam a mesma coisa que este extrato:

“Que o homem é produto de causas sem nenhuma previsão do fim que buscam; que a sua origem, o seu desenvolvimento, as suas esperanças e os seus temores, as suas afeições e crenças são apenas o resultado de aglomeração fortuita de átomos; que nenhum entusiasmo, nenhum heroísmo, nenhuma intensidade de pensamento ou sentimento podem conservar a vida individual além-túmulo; que os trabalhos de todas as idades, a devoção, a inspiração, o brilho resplendente do gênio humano estão votados à extinção com o desaparecimento grandioso do sistema solar e que o templo inteiro das obras humanas deve ficar infalivelmente soterrado sob os destroços de um universo em ruínas – todas essas coisas, se não são indiscutíveis, são quase tão certas que uma filosofia que as repila não poderá se sustentar. Só com o alicerce dessas verdades e sobre a sólida base de um desespero intransigente será doravante possível construir, com toda segurança, a habitação da alma humana.”

Esse conselho de desespero final está impregnado de uma convicção quase triunfal. Talvez seja um cântico guerreiro destinado a sustentar a moral dos combatentes. Não está ele afastado dessa triste contemplação da sorte dos seres humanos pela qual os poetas da Antigüidade se mostravam às vezes cheios de aflição. Tennyson assim apostrofa a Virgílio:

*Tu, que vês toda a Natureza Universal movida pelo
Espírito Universal,
Tu, majestoso em tua tristeza pelo destino duvidoso da
Espécie Humana.*

No agnosticismo hodierno, essa triste asserção foi substituída por um sentimento que se assemelha mais à exaltação do fato de que o destino não é aparentemente duvidoso. Se isto fosse verdade, não poderíamos deixar de admirar esse estoicismo, espantando-nos por ver tanta energia dispensada ao serviço de uma raça votada ao desaparecimento. A razão única que me leva à discussão de tal filosofia e de tal ética é que, por mais admirável que seja em si mesma, creio firmemente que, no fundo, é cientificamente falsa.

O agnosticismo do século XIX esquecia-se às vezes de ser simplesmente ateu e, assim como o professor W. K. Clifford, comprazia-se na negação exuberante de toda a existência espiritual ou supra-sensorial. Essa fé negativa é hoje compartilhada por grande número de pessoas, inclusive a clientela desse infalível e pouco modesto periódico *The Freethinker* (O Livro Pensador). Tais pessoas muito se ufanam do que consideram como a sua liberdade de pensamento, que não é mais do que um ponto de vista limitado:

“O Universo é composto de éter e de átomos e nele não há lugar para espíritos.”

Negações especulativas dessa espécie deveriam ser confirmadas por conhecimentos mais extensos e aceitas com o veredicto da Ciência, mas no decurso destes últimos anos, vários daqueles que haviam consagrado as suas vidas aos estudos científicos fixaram a sua atenção sobre certos fenômenos bizarros e pouco comuns, fenômenos que muitas pessoas consideram como a demonstração da existência de um mundo invisível e supranormal, e provavelmente espiritual, um mundo de realidades individuais e imateriais, na expressão de Fredrich Myers.

Após detido estudo desses fenômenos, alguns chegaram à conclusão, não sem vivo sentimento de sua responsabilidade, de que a explicação mais fácil que se pode dar deles se encontra na hipótese de que a nossa existência não é apenas limitada à Terra e às coisas terrestres, como supomos, e que estamos em relação e em contato com uma outra espécie de vida. Assim, a nossa atitude para com tais fenômenos, mesmo de ordem mental,

deverá modificar-se e tornar-se cósmica e universal. Em outros termos, os fenômenos não podem ser explicados se os limitarmos a experiências ordinárias e normais da vida terrestre.

Uma segunda revolução de Copérnico está assim em curso: a Terra, inclusive os outros planetas que se lhe assemelham, não é mais a morada única da inteligência. Começo, com efeito, a pensar, não em consequência de intuições religiosas, mas em razão de indicações, ainda um pouco obscuras, em uma ciência nascente, mais vasta, em que a inteligência não é limitada às superfícies das massas planetárias, mas que penetra e domina o Espaço. Ela é ativa em toda parte, não está ausente em parte alguma. Parece-me possível e mesmo provável que a essência da vida e da inteligência deve habitar o éter; todavia, se tem necessidade de um veículo físico, ela só se encarna na matéria excepcional e temporariamente quando as circunstâncias são favoráveis e se verificam delicadas e excepcionais condições.

Assim, parece que a vida encarnada, tal como a conhecemos, tem necessidade da substância complexa a que chamamos protoplasma, à guisa de morada. Essa aglomeração molecular complexa não se pode formar senão em uma temperatura bastante baixa. O mesmo se dá com certos átomos de que ela se compõe. Ora, sabemos nós que a maior parte da matéria que compõe o Universo está a uma temperatura muito elevada e mesmo incandescente. Entre as massas que se encontram bastante arrefecidas, muitas são bem pequenas para reter uma atmosfera. É inteiramente excepcional que um corpo celeste tenha uma massa bastante importante para reter, pela gravidade, gases em sua superfície, sem ser bastante volumosa para aí conservar ou desenvolver muito calor. Para conservar a vida, um planeta não deve ter uma temperatura bastante baixa, que solidificaria a água, nem muito elevada, o que lhe daria evaporação. A fim de que a água possa existir em estado líquido e que o protoplasma viva, é preciso exatamente a escala das temperaturas que se encontra na atmosfera terrestre.

A vida na Terra se acha distinta e evidentemente associada à matéria, em toda parte que isso seja possível. Nos seres superiores a vida expande-se em inteligência. Assim, de um modo

curioso, e apesar de tudo bastante natural, chegamos à conclusão de que a vida e o espírito não podem coexistir senão associados à matéria, e quando o veículo da vida fica usado e é abandonado, somos levados a crer que a vida e a inteligência, emancipadas, desapareceram, para sempre, da existência.

O que surpreende não é que sobrevivam às suas encarnações materiais, mas que não tenham nunca podido encarnar-se pouco que seja. Sou levado a admitir a verdade provável, tanto quanto possa saber, de que a união da vida e do espírito com a matéria é uma coisa excepcional. Creio que tal associação é mais perfeita na região cósmica e interplanetária, quase ignorada ainda hoje pelas ciências ortodoxas, tanto biológicas como fisiológicas. Admito que um veículo qualquer seja praticamente necessário para o exercício da inteligência, mas não suponho que o corpo seja unicamente composto de reunião de cargas elétricas positivas e negativas a que chamamos comumente “matéria”. Isto me parece uma suposição gratuita e mal fundada, assim como muitas outras suposições que teorias científicas recentes (especialmente as pretensas doutrinas da Relatividade) nos levaram a rejeitar.

Posso imaginar uma outra estrutura composta de éter, tão sólida e substancial quanto a matéria ordinária, mas com a diferença de que ela ultrapassa o limite dos nossos atuais sentidos corporais e que não está sujeita à intervenção muscular direta. As partículas que compõem um bloco material são mantidas juntas por forças de coesão, de afinidades químicas e gravitação e essas forças imateriais ou tensões são cada vez mais conhecidas como funções do éter do Espaço. O corpo material, que vemos e tocamos, não é nunca o corpo inteiro; ele deve possuir uma contraparte para manter sua entidade e eu penso que, no caso dos seres vivos, é a contraparte etérica que é verdadeiramente animada. Em minha opinião, a vida e o espírito não estão nunca diretamente associados à matéria e não podem agir senão indiretamente por suas conexões com um veículo etérico que é o seu real instrumento, um corpo etérico, que, por sua inter-reação, é capaz de influenciar a matéria.

As partículas materiais, reunidas pelo corpo etérico, sofrem uma modificação contínua, a sua natureza é fortuita e temporária-

ria; são às vezes desagradáveis e mal dispostas, finalmente, o corpo material deteriora-se. A matéria tem numerosas imperfeições, porém o éter jamais deu sinal algum de imperfeição. É absolutamente transparente e não deixa nenhuma energia escapar-se; toda a estrutura composta de éter é, segundo toda a probabilidade, permanente. Possuímos um corpo etérico independente de todo o acidente que possa acontecer ao conjunto da matéria associada, e continuamos a possuir sempre esse corpo etérico depois do desaparecimento do seu corpo material. A única objeção a esta realidade reside no fato de que nada existe, de natureza etérica, susceptível de impressionar os nossos sentidos atuais. Tudo o que pertence ao éter (mesmo na ciência física) deve ser conhecido por deduções. A observação direta parece sem esperança. Pode suceder que vivamos em um corpo etérico permanente e invulnerável, do qual não conhecemos absolutamente nada, porque ele penetra todo o conjunto das partículas do corpo material, que estão perpetuamente em vibração, ativando constantemente os nossos nervos e atraindo toda a nossa atenção.

Tal é, de forma sumária, a conclusão a que lentamente cheguei. Fica por indicar, de maneira geral, a base de experimentação sobre a qual ela repousa e tudo o que ela implica. Não posso empenhar-me aqui na discussão dos argumentos atuais relativos ao éter e de sua necessidade filosófica para a compreensão de todos os fenômenos tratados de uma forma abstrata, mas procurarei resumir a posição geral que a observação dos fatos me levou a tomar. Tratarei, a seguir, dos fatos, tais como me são conhecidos. Um método, que consiste em citar as deduções, antes de mencionar os fatos sobre os quais elas repousam, parecerá talvez um método algo paradoxal, mas uma hipótese de trabalho serve sempre de auxílio. Assemelha-se a um fio ao qual se pode enfiar uma pérola. Sem uma pista, batemos o campo, perdidos em um labirinto, sem meios para orientar-nos. Se uma hipótese não estiver em harmonia com a verdade, deverá ser ela modificada ou abandonada e isto vai por si, porém, se esperarmos, ela nos poderá ser útil e a melhor maneira de se lhe verificar os pontos fracos é pô-la à prova.

Resumo de postulados ou conclusões tirados da experiência

(Numerados para referência)

1) – Que a atividade mental não é limitada às suas manifestações corporais, se bem que, em certo meio material, seja necessária para demonstrar-nos sua atual atividade neste plano.

2) – Que o mecanismo cérebro neuromuscular, assim como o resto do corpo, formam um instrumento construído, dirigido e utilizado pela vida e pelo espírito, instrumento que pode deteriorar-se ou usar-se de modo a impedir a sua utilização regular pela entidade dirigente normal; que os sinais dessa deterioração ou desse deslocamento podem claramente mostrar-se sem dar-nos o direito de daí tirar outra conclusão que a de uma obstrução ou de uma imperfeição no canal ou laço de comunicação entre o espírito e a matéria.

3) – Que nem a vida nem o espírito deixam de existir quando são separados do seu invólucro ou órgão material: cessam somente de funcionar na esfera material anterior, como quando o instrumento estava em bom estado. De fato, nada deixa de existir; só a forma de vida é que muda. Certa coisa pode perfeitamente desaparecer diante dos nossos olhos, tornar-se imperceptível aos nossos sentidos, mas isso não é uma prova de que tenha deixado de existir. Esse fato, bem evidente quando se trata de matéria e de energia, é igualmente verdadeiro, em minha opinião, quando se trata da existência vital ou espiritual. Não temos razão alguma para supor que algo de real possa deixar de existir, ainda que facilmente disperso ou tornado inacessível aos nossos sentidos.

4) – Que o que chamamos “indivíduo” é uma encarnação definida ou associação com a matéria de algum elemento vital ou espiritual que possui em si mesmo uma existência contínua. A entidade, ou, nos seus desenvolvimentos superiores, a personalidade, não depende certamente da identidade das partículas

materiais que a fazem manifestar-se; ela não pode ser senão um atributo da entidade dirigente que congrega tais partículas durante certo tempo, as deixa e as renova durante a sua vida ordinária, sem que a sua continuidade seja de qualquer forma alterada.

5) – Que o valor da encarnação se acha na oportunidade assim oferecida para a individualização de uma parte da mentalidade específica gradualmente mais vasta, isolada do seu meio primitivo cósmico, a fim de permitir-lhe desenvolver uma personalidade que será a característica desse organismo particular.

6) – Que, quando tal individualidade ou personalidade é real, há lugar para crer-se que ela persista como toda outra realidade e que, em conseqüência, pode sobreviver à sua separação do organismo material, que a ajudava outrora a isolar-se, para tornarem-se possíveis os traços característicos individuais do seu caráter. Que o caráter individual, assim formado, persiste verdadeiramente como indivíduo, conservando a sua memória, as suas experiências e as suas afeições, segundo oportunidades e privilégios associados ao corpo material, durante a vida terrena. É uma questão que será resolvida pela observação direta e pela experiência.

Eis, pois, a minha conclusão final:

7) – Que a evidência, já acessível, basta para provar que o caráter individual e a memória persistem, que as personalidades que deixaram esta vida continuam a existir com os seus conhecimentos e as experiências adquiridas neste plano e que, em certas condições parcialmente conhecidas, os nossos amigos invisíveis podem provar-nos a sua sobrevivência real, individual e pessoal.

Posição atual destas teses

No momento em que escrevo, todas estas conclusões ou deduções, provenientes de um longo inquérito, são consideradas duvidosas pela ciência ortodoxa, que, até aqui, se tem limitado a

manifestações terrestres, sem buscar o que quer seja no plano espiritual.

Qualquer insistência sobre tais proposições topa com a zombaria que as encara como pura especulação ou mesmo como superstição. Essas conclusões, por outro lado, não parecem essenciais à religião, em sua aceitação geral, e são, na maioria, desaprovadas como ensino religioso. Pode-se, portanto, perguntar por que, como tantos outros fomos de tal forma tocados pela verdade e a importância vital desta doutrina que não nos importamos acarretar com todas as censuras e zombarias que nos possam lançar os seus adversários e por que considero um dever a defesa de tais teses, que merecem respeitosa consideração e que se aperfeiçoam na medida do progresso de nossa experiência e de nosso conhecimento.

Tal a pergunta que desejo responder brevemente nesta obra, tanto quanto possível. Uma resposta completa exigirá o estudo de fatos registrados em uma literatura pelo menos de meio século ou de mais ainda, porque a literatura antiga está cheia de fatos idênticos, alguns insuficientes e pouco científicos, que são as suas narrativas.

A evidência dos fatos aumenta dia a dia e aumentará mais rapidamente ainda quando o grupo da crítica desdenhosa tiver desaparecido e a pobre humanidade terrena ficar livre do jugo da opressão militante.

Capítulo II

As sete proposições

*Dos milagres, o maior é este – que tu és tu
Com poder sobre os teus próprios atos e o mundo
Deste mundo real dentro do mundo que vemos
Do qual o nosso é apenas uma zona limítrofe.*

(De um poema de Tennyson)

Tomemos as proposições do fim do capítulo anterior e procedamos à sua apreciação.

– 1 –

Primeira: O espírito pode agir independentemente dos órgãos corporais. Fiquei certo disto desde 1883 em razão dos casos de telepatia experimental que Sir William Barrett já assinalara em um relatório dirigido à *British Association* em 1876.

A telepatia experimental, como já se sabe, é a transmissão de uma idéia, imagem ou sensação de um espírito encarnado a outro na mesma condição, sem necessidade dos órgãos materiais. Ela requer a participação de duas pessoas: o agente transmissor e o receptor. O receptor, ou o que recebe a transmissão, é posto ao abrigo de toda sensação, ao passo que o transmissor pensa em algo, fixa um objeto ou, de uma forma qualquer, procura fixar em seu espírito o que deseja transmitir mentalmente. Já se verificou que, em certas condições bem definidas, algumas pessoas possuíam faculdade receptora, de modo que, após breve intervalo de silêncio, estavam aptas a perceber a idéia e mesmo a fazer um desenho, sem auxílio da visão, da audição e do tato.

Esse fato, cuidadosamente estabelecido por numerosos observadores, serviu para explicar grande número de casos, outrora incompreensíveis, que pareciam causados pela utilização espontânea da faculdade telepática, consciente ou não, sob a influência

de forte emoção. Assim, aplicando-se essa concepção – a mais aproximada da *vera causa* – esperava-se eliminar a superstição e explicar, de forma racional, numerosas lendas contemporâneas, onde se dizia que tal ou qual pessoa recebera de outra pessoa afastada impressão de doença, de perigo ou de morte.

Sabemos que tais fatos ocorreram muitas vezes sob a forma de visão ou aparição de fantasma e supomos que, em semelhantes casos, a impressão mental era de tal forma poderosa que provocava no espírito do percipiente uma alucinação de caráter visual ou auditivo, mentalmente e não fisicamente. Palavras eram ouvidas e uma visão percebida por vias anormais, como uma espécie de reconstrução mental. Nos casos melhores e mais importantes, a impressão era a que chamamos “verídica”, isto é, que corresponde realmente a acontecimentos que se produziram algures, de sorte que se podia provar a sua autenticidade.

Tal foi a conclusão de um livro, em dois volumes, cuidadosamente escrito e editado em 1886 sob o título de *Phantasms of the Living* (Fantasmas dos Vivos), cujos autores foram Myers e Gurney, com a colaboração de Podmore. Grande número de acontecimentos misteriosos, devidamente atestados, ocorrendo, constantemente, em todas as partes do mundo, se explicam, assim, de modo racional, sobre a fase do fato observado da comunicação psíquica, fato esse descoberto por meio da telepatia experimental. A aparição ou o fantasma, visto pelo percipiente sensitivo e que, até aqui, tinha naturalmente sido considerado como efeito de uma presença real e misteriosa, podia ser assim atribuído a uma impressão viva produzida, telepaticamente e sem seu conhecimento, por uma pessoa afastada, em angústia, perigo e mesmo prestes a falecer.

Numerosos casos análogos foram reunidos pelos seguidores daqueles e examinados a fundo por investigadores sérios e hábeis em um livro intitulado *Census of Hallucinations* (Censo de Alucinações). Foi uma tarefa trabalhosa, executada antes e durante o ano de 1894, tratando abertamente dos fantasmas dos vivos, bem como dos mortos. Depois da eliminação de todos os casos duvidosos, apresentados os pontos fracos e as explicações segundo as hipóteses normais, a conclusão dos investigadores foi

resumida, nos *Proceedings of the Society for Psychical Research*, vol. X, pág. 394, da seguinte maneira:

“Existe, entre os casos de morte e as aparições de moribundos, uma relação que não é consequência só do acaso. Consideramo-la como um fato certo. A discussão de tudo que ela implica não pode ser feita só nesta obra e, provavelmente, não será mesmo esgotada em nossa época.”

Esse relatório, longo e extremamente consciencioso, estava assinado pelo professor Henry Sidgwick e Sra. e trazia também outras assinaturas. Não pretendo impor dogmaticamente a idéia de que a hipótese de telepatia do agente transmissor ao receptor seja realmente a explicação completa dessas experiências. Creio que existem outras explicações suplementares assim como outras causas. Em todos os casos, porém, a hipótese telepática, entre duas pessoas em relação, é a mais plausível e a mais racional.

Interessante recordar que o grande filósofo Kant se ocupou, em certa época, dos estudos psíquicos e examinou mesmo dois ou três casos notáveis, referentes a Swedenborg. O falecido professor William Wallace fez notar, em seu ensaio sobre Kant, que é possível considerar as aparições sob um ponto de vista subjetivo e termina com uma citação de Kant, que estava certamente a par da explicação telepática sugerida muito mais tarde por Myers e Gurney em sua obra *Phantasms of the Living*.

Eles se apóiam particularmente no fato de que tais visões, qualquer que seja a sua origem, são autênticas, podendo acontecer mesmo que tenham mais importância do que a que lhes queria Kant conferir.

Eis a citação de Kant, feita por Wallace:

“A possibilidade da comunicação entre um espírito puro e um espírito revestido de seu invólucro carnal depende do estabelecimento de uma ligação entre idéias abstratas e espirituais e imagens da mesma espécie, revelando concepções sensoriais que são análogas e simbólicas. Tais associações se encontram em pessoas que têm uma constituição especial. Em dados momentos esses videntes são assaltados por aparições que não são (como supõem) entidades espirituais, mas

apenas ilusão da imaginação, que submetem as suas próprias imagens a influências reais e espirituais imperceptíveis à grosseira alma humana. Assim, a alma dos mortos e os espíritos puros, ainda que não possam jamais produzir certa impressão em nossos sentidos exteriores ou entrar em contato com a matéria, são, todavia, susceptíveis de atuar sobre a alma humana, que pertence, como eles, à grande comunidade espiritual. Destarte, as idéias que imprimem na alma se vestem, segundo a lei da fantasia, nas imagens ligadas e criam, fora do vidente, a aparição de objetos correspondentes.”

– 2 –

A segunda proposição – que o corpo é um instrumento – depende, de certa forma, da primeira proposição e serve de refutação ao argumento muitas vezes apresentado pelos anatomistas e fisiologistas de que cérebro e espírito são a mesma coisa, de modo que uma lesão no cérebro imprime, *ipso facto*, uma lesão correspondente no espírito e que a destruição de um equivale à destruição de outro.

Essa hipótese pode ser considerada como base da filosofia materialista e está, evidentemente, de acordo com a experiência ordinária de que uma lesão cirúrgica do cérebro implica em um defeito mental correspondente. Desnecessário é dizer que todos esses fatos de verificação corrente são inteiramente admitidos por mim, porém acho que a dedução proposta ultrapassa o que é legítimo. Tudo o que está realmente provado é que, se o instrumento ficar avariado, o poder de desenvolver a atividade mental ficará igualmente avariado, mas não se segue desse fato indubitável que temos o direito de deduzir o que quer que seja relativamente ao espírito, a menos que não suponhamos que cérebro e espírito sejam um “só”.

Se o cérebro deixa de funcionar, não há, naturalmente, mais comunicação: a manifestação do espírito, na falta de função do mecanismo, cessou. A afasia talvez se tenha declarado, as idéias não podem mais ser expressas se a porção do cérebro em função ficou avariada. Acontecimentos passados não podem mais ser retidos pela memória se as células cerebrais ou as suas vias de

comunicação ficaram incapazes de estimular os músculos da mão ou da laringe. Dizer, porém, que a memória ficou aniquilada porque o seu órgão de reprodução não pode mais funcionar é uma dedução que ultrapassa o que é lógico. Aqueles que consideram que o cérebro não é apenas um instrumento do espírito, mas o próprio espírito, se vêem forçados a emitir suposição estranha, gratuita e intrinsecamente absurda de que a massa de matéria encerrada no crânio é capaz de conceber, de olhar para o passado e o futuro, de urdir grandes obras literárias e artísticas, de compor grandes poemas, de explorar o mecanismo do universo, de sentir a dor, de ter afeições, de praticar ações, em uma palavra, de não apenas manifestar, mas, na realidade, de sentir em si todos os sentimentos associados com as palavras: Fé, Esperança e Amor.

Deve-se, todavia, admitir que o cérebro não pode mais que a vista. A vista e o cérebro não constituem senão um instrumento único graças ao qual a visão se torna uma possibilidade. O ouvido é, indubitavelmente, um instrumento físico que nos permite ouvir, mas é bem verdade que é o espírito quem vê e ouve, é ele quem interpreta a significação da visão e da audição, quem extrai uma impressão mental ou uma emoção das imagens, poemas e músicas – resposta psíquica inteiramente estranha aos atributos da matéria.

O sentimento do belo, por exemplo, pode ser despertado por um conjunto de partículas materiais, mas nenhum conjunto dessas pode admirar a sua própria beleza. Não se pode supor tampouco que uma porção de matéria, por animada que seja, é capaz de tomar a iniciativa de uma série de ações, de imaginar uma obra de arte, de conceber uma teoria científica ou de praticar uma ação espontânea qualquer. As partículas materiais são inteiramente subordinadas a forças mecânicas que agem sobre elas. Não têm vontade própria, pois são absolutamente dóceis. Isto não é verdade acerca dos átomos da matéria orgânica quanto sobre a matéria inorgânica, porque a Ciência tende a abolir a distinção entre o orgânico e o inorgânico e a acentuar o fato, algo excepcional, tal como o modo de agir dos organismos, de que as partículas estão inteiramente subordinadas a leis da Física e da

Química e não podem produzir fenômenos vitais e mentais senão em função de controle vital e mental.

Achei um singelo enunciado deste princípio em uma obra do professor Vincenty Lutolawski, filósofo polonês, intitulada *O Mundo dos Espíritos*, obra que parece ter sido escrita em 1899, só foi publicada na Inglaterra em 1924 e que não é suficientemente conhecida, apesar da apreciável recomendação que dela fez o professor William James.

Eis o trecho a que me refiro:

“Para compreender a relação que existe entre o pensamento e o cérebro, basta admitir que o cérebro é o órgão através do qual recebemos todas as nossas impressões exteriores e graças ao qual produzimos todos os movimentos, particularmente a palavra. A evidência consiste apenas em manifestar essas funções do cérebro e toda asserção que atribui a ele o poder de pensar é baseada em um sofisma semelhante ao de atribuir ao coração todas as emoções, porque as emoções tem certa influência sobre a ação do coração... Assim, o pensamento fica conhecido, não como processo fisiológico, mas como um fato de consciência, por nossa experiência mental, e não temos razão alguma para supor que possa ele identificar-se com uma atividade corpórea qualquer visível. Vossa alma outra coisa não é além daquilo de que tendes consciência... É por uma falsa analogia de linguagem que dizemos “minha alma”, como dizemos “meu cérebro”, “meu corpo” e assim por diante. Com efeito, sois uma alma e não deveis falar de possuir uma alma como se a alma diferisse de vós mesmos.”

– 3 –

Muitos fenômenos conhecidos permitem ilustrar a terceira proposição que estabelece que as coisas desaparecidas não perdem a sua existência. A indestrutibilidade da matéria não deixa de ser um fato que salta aos olhos, mas é preciso prová-lo cientificamente.

Acredita-se geralmente que uma coisa queimada está destruída, que o leite derramado na terra está perdido, que a nuvem se evaporou devido ao calor solar, etc. Todo o mundo sabe, porém, hoje, que qualquer que seja a dispersão da matéria, as suas partículas são indestrutíveis, que existe igualmente o vapor d'água, ainda que invisível, mesmo quando a nuvem se evaporou. Desnecessário é insistir, detalhadamente, sobre tal fato. Poder-se-ia, porém, replicar que a admissão disso depõe contra a sobrevivência individual; superficialmente sim, mas, no fundo, de modo algum. A nuvem não tinha individualidade, não era mais do que uma reunião de partículas que, por acaso, possuem poder de afetar os raios luminosos, de forma a torná-los visíveis aos nossos olhos. Uma multidão pode ser dispersa, um exército desmobilizado, mas sua existência foi corporal até a sua dispersão. A realidade dessa existência, durante sua permanência, encontra-se no estimulante mental que unia as partes constituintes e não no próprio grupo. Os componentes da multidão afastaram-se por ocasião da separação, porque nada é duradouro na justaposição. Um exército ou uma armada obedecem às ordens de homens de Estado, transmitidas a seguir por meio de oficiais graduados. Os componentes desses grupos assemelham-se a partículas de nosso próprio corpo, reunidas por algum agente superior, obedecendo a ordens durante certo tempo, até o instante do licenciamento. Eles deixam de existir ao mesmo tempo que o corpo, mas a entidade dirigente, que os comandava e dirigia, nada mais de comum tem com eles, que eram apenas o instrumento de que se servia o agente transmissor para possuir certos efeitos.

O poder dirigente pode continuar a funcionar muito tempo depois do abandono do mecanismo subordinado, porém sem instrumento não o pode fazer. Deus não produz resultados sem meios convenientes. O espiritual e o material parecem continuamente em relação. Em resumo: deve ser sempre verdade que a Divindade age por meio de seus agentes. O que chamamos leis da natureza são as nossas fórmulas de reconhecimento de algum de seus agentes operadores. Supõem os teólogos que anjos e outros seres sobrenaturais se contam entre os agentes e mensa-

geiros divinos, ao passo que se reconhece como verdade corrente que somente o homem pode executar certas coisas. O homem é um instrumento das forças superiores e ele próprio tem necessidade de instrumentos para o exercício e a manifestação das suas faculdades.

Como um fabricante de instrumentos pode rejubilar-se quando um exímio artista faz bom uso deles, do mesmo modo o Altíssimo pode alegrar-se com o uso benéfico as faculdades e talentos dos seus filhos.

Diz George Eliott:

“Quando um maestro tem entre as suas mãos e sob o seu mento um dos seus violinos, sente-se feliz por ter Stradivarius vivido e fabricado os melhores violinos do mundo, porque, se Deus concedeu o gênio, deu instrumentos para ajudá-lo. Não teria podido fabricar violinos de Antônio Stradivarius sem Antônio Stradivarius.”

– 4 –

A quarta proposição – que um indivíduo é uma encarnação temporária de algo imortal – toca ao problema mais difícil da identidade pessoal. Que entendemos nós por “individualidade pessoal”? Deve-se supor que homem sempre existiu? Podemos, em suma, compreender que isso não é necessário. Um poema e um drama podem ser imortais, mas viram o dia em um tempo definido e circunstâncias especiais os fizeram nascer.

Parece-me hoje provável que a individualidade se formou durante o isolamento da matéria, do que podemos chamar substância psíquica bruta, não experimentada. O corpo é gradualmente saturado pela psique ou alma não identificada, segundo as suas capacidades de recepção, porção infinitesimal no começo do processo, aumentando pouco a pouco numa medida certa em razão dos esforços e das oportunidades do ser. O afluxo é às vezes de tal modo importante que forma o que chamamos um “grande homem”, se bem que, na maior parte dos casos, a ação pára muito tempo antes de chegar a esse resultado.

Depois de certo intervalo no desenvolvimento, a alma, agora identificada, retorna ao seu ponto de partida, quer gradual e naturalmente, quer bruscamente, em caso de acidente, mas em ambos os casos ela conserva as suas capacidades, as aptidões, os gostos, a memória e a experiência adquiridas durante a vida terrena. Leva esse acréscimo de valor e o faz adicionar ao Todo que ela junta – qualquer que seja esse Todo – apropriado à sua natureza, Todo esse que pode ser um “ego” subliminal maior cujas porções talvez estejam submetidas a uma forma modificada da reencarnação numa vida futura. Reservo minha opinião a respeito destas questões, mas podemos estar certos de que as partículas materiais, sempre subordinadas aos fins da pessoa cujo crescimento era temporário, desempenharam o seu papel e foram definitivamente abandonadas. Essas partículas provêm de uma nutrição qualquer, são assimiladas durante certo tempo, depois rejeitadas para dar lugar a outras. As partículas não exercem nenhuma função; impelidas dali e de acolá, são perpetuamente afluentes. Todo o organismo, porém, conserva a sua identidade, à moda de um rio que é sempre o Ganges ou o Tibre, ainda que partículas d’água, que passam pelo seu leito, mudem constantemente. Tais analogias não são, de forma alguma, exatas, mas simplesmente sugestivas. Uma vez recitado, um poema não deixa de existir. Uma partitura de orquestra é a encarnação temporária de um homem de gênio, cujas idéias são sujeitas à reencarnação.

– 5 –

A quinta proposição implica a idéia de que a encarnação terrena tem um fim e que podemos compreender-lhe parcialmente a razão. A entidade se manifesta a nós por seu corpo e a experiência ordinária nos mostra que assim é ele obrigado a viver a sua própria vida e desenvolver, da melhor forma, o seu próprio caráter. Quando ele encontra outros seres na mesma situação, tem ocasião de fazer amigos. O corpo material é uma espécie de anteparo psíquico, assim como um meio físico de união: encontramos gente na rua, que não teríamos conhecido de outro modo. Nosso aparelho corporal nos faz conhecer acontecimentos histó-

ricos e mesmo fatos que só existem na literatura. O corpo é um belo instrumento de educação.

O mecanismo cérebro neuromuscular que constitui, do lado material, o ser humano é bastante complexo em si mesmo; não é geralmente sensível às influências exteriores senão por meio de seus órgãos sensoriais. Torna-se assim consciente do mundo exterior e dos outros seres que estão numa condição semelhante à sua. Pode ter contato e cooperar com eles pelos meios físicos da comunicação para saber algo desse universo de que constitui uma porção individualizada. É inteiramente excepcional que uma pessoa possua uma relação telepática ou direta com outras pessoas ou delas receba uma inspiração imediata. Em geral, a experiência se limita à informação recebida pelos meios físicos e, sobretudo, por um código de símbolos constituindo a linguagem, que somos obrigados a aprender por meio de outros e que chegamos gradualmente a interpretar.

Todo conhecimento é difícil de adquirir e exige certo esforço: sem instrução e sem esforços, os nossos conhecimentos seriam bem limitados. Os órgãos especiais dos sentidos são, por assim dizer, umas tantas janelas que dão para o universo e através das quais a alma olha e recolhe os seus conhecimentos. Assim considerada, a matéria é útil e, todavia, parece ter algo de estranho, sendo preciso manipulá-la energicamente para que exprima ou receba as idéias. É preciso mesmo certo esforço para sustentar e para manter o corpo material.

As dificuldades assim encontradas fazem parte da educação da alma; o valor do caráter individual depende do bom êxito de seus esforços, da utilização de condições especiais, enfim, da sabedoria dos meios de seu emprego. O episódio, que é a vida terrena, é, pois, de grande transcendência para desenvolver o caráter, ampliar os conhecimentos, cultivar novas amizades e aumentar, de um modo geral, a riqueza da vida.

– 6 –

A sexta proposição afirma que as realidades são permanentes e não dependem dos veículos materiais que manifestam, ajudam

e tornam possíveis as nossas compensações. Unidades psíquicas, encarnadas e isoladas, são munidas de órgãos sensoriais que lhes permitem comunicar-se com o resto do universo. É preciso, todavia, que nos lembremos de que os nossos sentidos especiais são muito limitados em seu alcance, que tiveram nascimento muito baixo, no reino animal, a fim de permitir ao organismo ganhar o seu sustento, escapar aos seus inimigos e evitar outros perigos ambientes. É apenas nos seres superiores que tais meios de informação são utilizados, não somente para as necessidades ordinárias, mas também para os estudos científicos e filosóficos. Sabemos, contudo, que os fatos, no homem, são apenas observados e citados como nos animais, mas, classificados e generalizados, formam o assunto de especulações de que se tiram conclusões.

A Ciência torna-se um sistema que ultrapassa, de muito, tudo o que se poderia esperar como resultado de simples vibrações e de contatos que só nos são transmitidos pelo universo material.

Falarei, no quinto capítulo, das deduções de nossos sentidos. Tudo que é preciso reconhecer, no momento, é que os nossos sentidos nos ensinam muito pouco, ou mesmo nada, diretamente do universo, em seu conjunto e em sua imensidade. Eles nos limitam à percepção da matéria. Não percebemos mesmo, na realidade, senão vibrações, senão os corpos sonoros, luminosos ou iluminados, de onde elas provêm. É por isso que a matéria desempenha papel tão vasto em nosso pensamento e certas pessoas são levadas a crer somente nelas. Eis por que nos parece tão difícil acreditar que há um universo de vida, espírito, pensamento e inspiração fora das aglomerações materiais temporariamente animadas por essas coisas que, somente elas, de qualquer forma, podem impressionar diretamente os nossos sentidos.

Quando ultrapassamos a sensação direta, somos obrigados a exercitar nossa imaginação e formar mentalmente imagens, isto é, formar o que a terminologia científica chama “modelos”, se bem que, nesse sentido, só tenha esta palavra uma significação puramente técnica. O físico imagina constantemente analogias ou modelos de experiências quando deixa o terreno positivo de suas equações. É assim que faz ou concebe imagens mentais do

imperceptível, até mesmo na quarta dimensão, e é assim que segue as complicações da estrutura do átomo, o movimento dos elétrons, a natureza da radiação e tudo o que está em relação com o éter sutil do espaço, o físico pode ser incapaz de formar imagens claras e satisfatórias e durante todo o século XIX isso lhe foi até certo ponto impossível. Só no início do século XX é que ele começou a achar a chave do problema, mas, durante todo o decurso do século XIX o químico serviu-se desse método imaginativo para descobrir a composição das moléculas de quase todas as substâncias que o interessavam, com numerosos detalhes notáveis, dos quais uma parte se confirma atualmente com o progresso da Física. A distribuição de algumas manchas numa chapa fotográfica, exposta aos raios X, fala à imaginação do físico como o fariam vários volumes.

Em um nível mais elevado e mais misterioso, é o único meio que permite aos homens entrever os mistérios da religião e edificar uma teologia. A apreensão sensorial tem necessidade de ser ajudada, o que não é possível, com efeito, senão por meio de imagens. O invisível deve ser ilustrado e tornado acessível pelo que é visível.

A imaginação deve ter um ponto de percepção sensorial para ser clara e distinta. Se esse processo é levado muito longe, torna-se menos perigoso, o que incitou uma escola de pensamento a desaprová-lo. Não devemos, todavia, confundir a imagem com o ídolo. As verdadeiras imagens não são idolatria, mas visão. As imagens são essenciais para a compreensão das coisas espirituais; constituem uma espécie de incorporação, uma glorificação da natureza material e se elevam até a sua verdadeira altura na encarnação. E se a matéria se transforma durante uma encarnação *in excelsis*, não nos devemos espantar, porque tornar possível à alma a encarnação é a mais alta função da matéria, é a sua apoteose. Tal é a sua glória principal e a sua razão de ser, porque a alma é a forma e o modelo do corpo. O corpo é feito para encaixar e auxiliar a alma. A alma pode refletir, em seus momentos de serenidade, o próprio Deus. Presumo que é a significação de um poema escrito por um filho meu, no qual o corpo é representado como um tabernáculo da alma, que, por sua vez, é um

cálice ou uma taça, cujo conteúdo, quando está calmo e sereno, pode refletir a realidade por mais afastada e brilhante que esteja:

A casa e a taça

Ó corpo, tu que és livre e bom, sê uma morada condigna para receber o espírito;

E tu, espírito, faz bela tua grande taça para receber a alma,

ó alma, sê calma, reflete a imagem clara e longínqua da Estrela da Noite.

O. W. F. L.

É pelo exercício de nosso poder de imaginação que formulamos teorias e descobrimos a verdade oculta, mesmo detrás da coisa mais ordinária. Inferimos constantemente a realidade, o substrato ou a entidade que não percebemos senão indiretamente, começando pelos fatos da eletricidade e do magnetismo. O magnetismo, por exemplo, não o conhecemos mais que pelos movimentos bizarros de certas substâncias e, todavia, todo o mundo admite a existência do campo magnético do vácuo. O desenvolvimento teórico da Ciência é imenso, nesse sentido. A luz, desde que ela existe, é também completamente independente da matéria e não deixa de existir, mesmo sem a matéria. Nada se perde na vida, tudo se transforma. As realidades são permanentes. Da mesma maneira que a luz existe e viaja durante milhares de anos no espaço, desprovida de matéria, levando consigo cada vestígio da impressão de que era objeto em sua origem, revelando os seus segredos e um espectroscópio muito afastado, no decurso de gerações vindouras, o mesmo acontece, em minha opinião, com a inteligência impressa da memória exata da vida terrena que ela conserva em seguida sob forma que pode ser decifrada por um médium possuidor de uma receptividade passiva.

– 7 –

A sétima proposição comporta a prova da sobrevivência humana – questão de uma importância capital. Mesmo admitindo-

se uma espécie de persistência impessoal do espírito, pode a consciência conservar sua individualidade muito tempo após a dispersão do aglomerado de partículas que habitava, isto é, quando o organismo material é destruído, ainda que esse mesmo organismo tivesse podido ser a condição física de sua individualidade? Poderíamos imaginar, sem razão, que a personalidade depende do conjunto especial de partículas que, para nós, constituem o indivíduo e que, depois de sua dispersão, a personalidade desapareceria ou voltaria ao oceano cósmico de onde veio. Seria desarrazoado supor que ela deva deixar inteiramente de existir, mas é e tem sido razoável acreditar que o que chamamos morte é o fim do indivíduo, tal como o conhecemos. Não podemos estabelecer, só pelo raciocínio (quanto a mim, isto é impossível), a existência contínua da personalidade que se desenvolveu em associação com a matéria, quando essa matéria foi abandonada. O Sócrates de Platão fez o que pôde nesse assunto, mas a sua obra não é convincente.

Chegamos assim à pedra de toque da questão e devemos, pois, recorrer à experiência. Devemos guiar-nos por fatos resultantes da observação e estabelecer (como melhor pudermos) a sobrevivência do que podemos chamar agora de alma individual, não por meio da lógica, mas de fatos. Como?

Certas declarações curiosas, feitas por fisiologistas eminentes e por alguns médicos (que não têm tendência para o Espiritismo, antes certa repulsão) afirmam a formação ou a produção de matéria protoplásmica fora do corpo de uma pessoa em estado de transe, enfim, a observação dessa substância como a manifestação de uma inteligência temporariamente encarnada. Tal inteligência, depois de ter executado algumas ações ordinariamente feitas por contração muscular, como, por exemplo, o deslocamento de objetos, deixando talvez certa impressão na matéria plástica, abandona o tecido organizado que ocupava provisoriamente e volta provavelmente à região espiritual de onde veio, ao passo que a substância material, supostamente emprestada, retorna evidentemente à sua fonte. Não devo insistir muito em tal fenômeno; pode-se admitir que seja difícil acreditar nele.

Muitos fatos, porém, inerentes à materialização normal e à hereditariedade nos pareceriam incríveis se não nos fossem familiares, todavia a evidência da telecinesia e dessa materialização ainda um tanto comum me impressiona. Creio que esses fatos estranhos, uma vez estabelecidos, serão susceptíveis de fortalecer e de ilustrar a minha doutrina da associação temporária, com a matéria, de uma entidade que habita o éter, associação que se encontra na base de todas as encarnações.

É mesmo possível que eles surgiram como métodos para levar a vida e o espírito a entrar em relação com a matéria, de uma forma diferente daquela com a qual estamos familiarizados, mas a ocorrência mesmo dessas encarnações ou materializações, por assim dizer, anormais, dessas alterações materiais psicofísicas, é discutível e, em todo o caso, sua significação e finalidade continuam um tanto obscuras. É pouco razoável que, por esse meio ou com tal auxílio, cheguemos a fortalecer nossa convicção na sobrevivência pessoal. Para muita gente, tais fenômenos parecem fora do caminho trilhado, considera-os lúgubres e experimenta certa repugnância por eles, mas a Ciência nunca os repelirá por tais motivos.

Cito-os de passagem, porque testemunham, em todos os casos, algo de tangível e de físico, além do alcance da doutrina científica reconhecida e pode ser que, por meio dessa via de aproximação, a fortaleza científica seja flanqueada, que a curiosidade e o interesse sejam despertados e que, em seguida, portas se abram à invasão de um fluxo de conhecimentos supranormais. Tenho a esperança de que tal aconteça com o decorrer do tempo.

Deixemos de lado esta parte do assunto, como se fosse relativamente fora de propósito, e voltemos à questão. Qual o meio mais simples e mais direto para se estabelecer a persistência da personalidade individual depois da morte? Se realizável, o meio mais direto seria seguramente o de permanecermos em comunicação com os mortos para sabermos se eles sempre existem e se conservam, sem modificação, o caráter e a memória. Como, porém, pôr-nos em relação com as entidades desencarnadas, supondo-se que elas existam desde que não têm mais corpo material, nem meio algum de manifestação ou método de comu-

nicar-se conosco, graças aos nossos sentidos? Poderá isso parecer impossível, mas os que viram a coisa de perto e que abriram os seus espíritos à evidência dos fatos, verificaram pouco a pouco que a coisa não é impossível, e a telepatia veio em seu auxílio.

Já vimos que certas pessoas não ficavam completamente ao abrigo das influências psíquicas quando os seus órgãos estavam como “fechados” e que nenhuma excitação física se aplicava no caso. Poder-se-ia “receber” algo independentemente de todo o instrumento transmissor ou receptor. Se essas influências persistiam ainda, tais pessoas poderiam receber impressões mesmo da parte de inteligências desencarnadas, pois que não seria preciso recorrer sempre aos métodos de comunicação física, no caso em que elas as tivessem ainda. Seria possível, por conseqüência, utilizar algum meio de comunicação quer etérea, quer puramente psíquica, quando os velhos corpos materiais estivessem destruídos.

Parece assim possível que uma verdadeira comunicação se possa estabelecer com os desencarnados, todavia a faculdade de receptividade não é ainda muito espalhada, só é possuída não por muitas pessoas ainda, como acontece com qualquer outra faculdade. Uns há que possuem a faculdade matemática ou simplesmente a aritmética lhes é particularmente notável, sendo tais pessoas os calculadores-prodígios. Outros já têm excelente dom musical e o conhecimento da relação entre os tons que lhes vêm naturalmente. Têm, por conseqüência, a faculdade de apreciar e produzir a sucessão e a co-existência das vibrações etéreas que podem igualmente ser apreciadas, em um grau inferior, por pessoas comuns.

Tal faculdade não é apenas resultado de educação, pois que se mostra também em crianças de pouca idade. Pessoas há em que é ela muito desenvolvida, de modo que uma reunião de cores suscitará em uns e outros uma emoção intensa: podem falar ao mundo uma linguagem de cor e de forma, linguagem somente em parte compreendida pelas pessoas comuns.

Há grande diversidade de dons, que não são resultado de desenvolvimento material e sim espiritual. Não nos espantemos,

pois, quando encontrarmos pessoas dotadas de uma facilidade especial de receptividade psíquica, que lhes parece natural fora de uma educação especial.

Encontramos, em conseqüência, seres cuja faculdade receptiva ou telepática é particularmente desenvolvida. Em linguagem popular, são chamados “médiuns”, pois que é por eles e com o auxílio deles que nos é possível obter o privilégio da comunicação indireta com os desencarnados. Tal faculdade parece independe de raça, circunstância, educação, sexo e mesmo da inteligência. São homens, são mulheres, são crianças, uns instruídos, outros ignorantes, porém, a maior parte pessoas comuns e simples, que não seriam consideradas por ninguém como excepcionais.

A maneira de exercer os dons varia segundo os casos. A faculdade receptiva não é nunca contínua. Uma certa serenidade é bem necessária. A sós ou com um observador, o organismo corpóreo é posto em ação por uma inteligência que não é a própria. Dir-se-ia mesmo, em certos casos, que o operador espiritual age diretamente sobre o organismo por intermédio do respectivo aparelho cérebro neuromuscular. Em outros casos, a transmissão parece de natureza telepática. O espírito do percipiente recebe idéias que são reproduzidas pelo seu organismo fisiológico, da maneira mais simples, à qual estamos habituados, por algo misteriosa que seja a ação entre o espírito e a matéria. Desenvolverei esta idéia no capítulo V.

Resulta daí que ou bem a mão escreve ou a boca emite palavras e frases, talvez mensagens a um parente ainda na Terra, cujo significado seja inteiramente estranho ao escrevente automático, mas que representa, mais ou menos bem, a intenção da personalidade comunicante, adaptada para ser mais bem compreendida pela pessoa a quem se dirige ou a quem é destinada. Tais mensagens são muitas vezes recebidas por pessoas que perderam algum membro de sua família. É assim que elas chegam a pôr-se em relação com os seus caros mortos e a descobrir que a memória, a afeição e o caráter deles persistem sempre. A prova da identidade é fornecida e deve ser dada pelo que se pode chamar de fatos triviais, espécie de reminiscências de que se serviria naturalmen-

te uma pessoa afastada, desejosa de estabelecer a sua identidade, digamos, pelo telefone. A prova da identidade é às vezes tão forte que o ceticismo da pessoa aflita desaparece e o consolo e a esperança lhe voltam ao coração. Pode-se supor por que as pessoas, assim aflitas, sejam particularmente aptas a crer e prontas a se agarrar a um pedaço de palha. Isto pode acontecer, mas nem sempre sucede assim; algumas vezes o desejo ardente de convicção as torna, justamente, muito cétricas.

A prova, aliás, não depende apenas do testemunho daqueles que perderam os seus. A evidência da identidade foi estudada por investigadores científicos que consideraram todas as dificuldades resultantes, tais como a possibilidade de transmissão do pensamento entre vivos, o perigo da personificação e outros mais. A evidência da identidade pessoal é assim gradualmente estabelecida de um modo sério e sistemático pelo exame crítico dos pesquisadores e, sobretudo, por esforços especiais e altamente inteligentes de comunicantes do Além. Alguns deles muito se interessaram pelo assunto, quando de sua existência terrena, e parecem fazer um esforço pessoal para a exclusão de hipóteses fáceis ou engenhosas, gradualmente acumuladas e apresentadas como hipóteses de explicações possíveis.

Para mim a evidência é virtualmente completa e não tenho mais dúvida alguma sobre a existência e a sobrevivência da personalidade, do mesmo modo que não a tenho sobre a dedução de uma experiência qualquer, comum e normal. As personalidades comunicantes se apresentam mais ou menos como eram neste mundo. Elas progridem gradualmente, sem dúvida alguma, mas não perdem logo o seu contato com a Terra. Algumas estão animadas de afeição por aqueles que nela ficaram, sofrem com a dor de que padecem, compartilham das suas alegrias e desejam vivamente dar-lhes consolo e esperança, tomando parte em suas afeições, em seus interesses, dando-lhes auxílio contínuo, a certeza de reconhecimento e de esperança da reunião final. Outras são animadas de sentimento de dever que as impele a esclarecer o mundo terreno sobre a realidade da sobrevivência, a nos instruir sobre o seu meio de existência, a nos mostrar a sua simpatia e o seu poder de nos auxiliar nos negócios desta vida.

Parece que elas podem, de quando em quando, prever o futuro e dar-nos conselhos, tal como fariam quando na vida terrestre. Em geral, podem fazer-nos sentir a importância da existência terrena, a responsabilidade dos nossos atos, a manutenção do nosso caráter, o valor do trabalho e da atividade no Além.

Uma vez estabelecida a sua identidade, podem conversar conosco, ainda que com alguma dificuldade e em condições especiais, não no que diz respeito à visão engrandecida de suas existências e suas possibilidades. Inútil é dizer que a sua compreensão das coisas está longe de ser completa, pois o seu saber é apenas um pouco maior do que o nosso. Há coisas que os intrigam ainda, embora já tenham encontrado a chave de alguns dos nossos problemas.

Não devemos considerá-las como oráculos ou fontes de informações infalíveis. Elas têm as suas falhas, mas tudo isso diminui com o tempo e o seu ensino apresenta, em geral, um caráter nobre e elevado. Poder-se-ia afirmar que certas inspirações nossas – os pensamentos geniais – provêm delas, que estão mais ao corrente das nossas idéias do que o suspeitamos, e parece que, de nosso lado, podemos auxiliá-las com os nossos bons pensamentos e as nossas boas ações. Não há, entre nós e o Além, nem precipício nem abismo, e sim apenas uma lacuna dos nossos sentidos: somos ainda a mesma família.

Essas inteligências venceram as dificuldades materiais, mas não mudaram de outra forma. Encaram a nossa vida terrena com coragem e esperança; formam, como se diz, um mundo de testemunhas. Aguardam uma época de reunião, um progresso contínuo e uma aquisição de condições ainda mais elevadas e melhores que, sem o homem, não seriam realizáveis.

Dificuldades e objeções

Faz-se objeção à utilização dos “médiums” para o recebimento das mensagens. Pergunta-se por que não podemos comunicarnos diretamente com o Além. Os que possuem faculdades mediúnicas podem fazê-lo, mas os que não as têm devem recorrer aos

meios conhecidos. Quando desejamos comunicar-nos, por telegrama, com uma pessoa distante, não o fazemos diretamente, não sabemos como expedi-lo, mas nos utilizamos do serviço de operadores não interessados no caso. Utilizamos-nos constantemente do serviço de um “médium”, sem que o percebamos. Isso acontece com todos os nossos meios de comunicações. Para falar, utilizamos-nos das vibrações atmosféricas; para a visão, das vibrações etéricas e, para o tato, do instrumento habitual, que é o nosso próprio corpo. Para a comunicação com os desencarnados, somos obrigados a nos servir do mecanismo corporal de pessoas que possuam a faculdade necessária para uma comunicação de tal espécie.

Essa faculdade nos é talvez misericordiosamente recusada, a fim de que possamos ocupar-nos de nossos afazeres e de cumprirmos com nossos deveres. Um médium é uma pessoa que sacrifica parte de sua existência para correr em auxílio de seus semelhantes. Devemos ser-lhe gratos e tornar a sua tarefa mais fácil. A idéia de lhe censurar, em alguns casos, o recebimento de uma remuneração modesta, que lhe permita viver devotado ao serviço alheio, é inteiramente absurda. A suspeita geral, ao mesmo tempo que uma legislação antiquada, tornam, atualmente, sua missão bem difícil e ele padece por causa da atividade enganosa de alguns impostores que, não tendo nenhuma faculdade verdadeira, o imitam para chegar aos seus fins interesseiros. Esses desalmados infelizmente existem, mas é provável que o seu número seja bem pequeno. Um verdadeiro espírita não o fará nunca e um pesquisador experimentado pode descobri-lo logo e pôr termo à sua carreira fraudulenta. Lembremo-nos de que um mau advogado ou um médico interesseiro também exploram os seus clientes, muitas vezes de poucos recursos.

A faculdade real de comunicação é variável. Certos médiuns são mais poderosos do que outros e o poder não é uniforme em nenhum deles. É preciso usar de bom senso e de indulgência para com eles a esse respeito, bem como para com todos os outros. Se o método de comunicação fosse fácil, há muito teria sido descoberto. Não há motivo para que a demonstração científica e a prova da sobrevivência sejam fáceis. A ciência moderna começa

a interessar-se por ela e o seu aperfeiçoamento será progressivo. Ela atravessa atualmente as primeiras etapas a que estão sujeitas todas as ciências. Outrora, a telegrafia sem fio era considerada impossível e já hoje é uma banalidade. Não quero dizer que o uso da telepatia ou da mediunidade tornar-se-á banal, porque temos que avir-nos aqui com forças que são bem menos compreendidas que os artifícios da telegrafia sem fio. Há apenas um século não sabíamos servir-nos da eletricidade e ela parecida e talvez pareça ainda algo misteriosa.

Negou-se a existência do éter universal, penetrando em todas as partes, apesar de sentirmos o seu contato quando nos aquecemos diante do fogo ou ao sol, e quando transmitimos diariamente mensagens por seu intermédio. Que exista um meio físico para a comunicação telepática, que o éter do espaço seja necessário para tal fim e que a nossa vida esteja constantemente associada com essa substância antes que com a matéria, eis do que estamos absolutamente certos.

Os desencarnados parecem pensar que assim é e, tanto quanto sei, têm eles razão. Justo é, pois, que prossigamos em nossas próprias investigações para resolver todas as questões científicas, não aceitando as opiniões do Além, ainda que aparentemente bem fundadas, senão depois da devida verificação. Relativamente a essa questão e a muitas outras também obscuras, poderemos adquirir mais conhecimentos e estaremos em boa posição de formular melhor teoria se progredirmos gradualmente, seguindo as pegadas do método científico, que já se mostrou tão fértil. Para citar ainda Fredrich Myers:

“A Ciência é uma linguagem comum de toda a humanidade. Ela pode dizer se é mal compreendida e retificar as suas afirmativas, se estiver errada. A humanidade ainda não verificou que, seguidos com inteligência e sinceridade, os métodos da Ciência não têm, afinal de contas, induzido ao erro.”

Capítulo III

A pesquisa psíquica

“Quando o pioneiro, experimentado e combatido por forças opostas, tiver, enfim, estabelecido a sua afirmativa na opinião geral, então a Autoridade inclinar-se-á perante ele e abrir-lhe-á as portas. Aquilo considerado outrora herético, passará tranqüilamente para os arquivos da Ortodoxia.” *Hubbert Journal* de janeiro de 1928 (artigo sobre as opiniões do Barão von Hugel a respeito de certas questões eclesiásticas).

“Se o nosso inquerito nos conduzir primeiramente através do espantallo da fraude e da loucura, haverá motivo para alarmar-nos? Cristóvão Colombo teria assim cedido ao pânico dos seus marinheiros quando se viu embaraçado no Mar de Sargaços. Se os primeiros fatos claramente estabelecidos a respeito do mundo invisível nos parecem ínfimos e comuns, deve isto desviar-nos de nossas pesquisas? Colombo teria retomado o caminho para a Espanha quando a América ainda estava bem longe, sob o pretexto de que a descoberta de um continente, que só se manifestava por meio de troncos de árvores flutuantes, não valia a pela.” (Fredrich Myers, em *Human Personality*, II, pág. 306).

A história da ciência é, sem dúvida alguma, o quadro de resultados interessantes, mas é também o registro da oposição e da obstrução conservadoras. As teorias, ao contrário, dominam o mundo e as hipóteses novas são mal acolhidas. Os defensores da verdade têm sempre apanhado a luva da crítica hostil e alguns tiveram ocasião de escapar à perseguição. Os anatomistas foram obrigados a prosseguir nos seus estudos em segredo. A circulação do sangue foi acolhida com desdém. As descobertas telescópicas de Galileu tiveram adversários e certos sábios recusaram a olhar em seus instrumentos, pois, por suas idéias, as aparências enganavam. Assim, não só teorias mas também fatos têm sido

repelidos ou desdenhados. Roger Bacon foi acusado de magia e superstição. Uma reprovação unânime tem acompanhado quase todas as descobertas. Basta recordar que, em nossos dias, as primeiras demonstrações de Joule sobre a conservação da energia foram repelidas e que a primeira comunicação feita à *Royal Society*, a respeito da teoria cinética, também foi rejeitada. Não podemos mesmo dizer que a descoberta do argônio, gás quimicamente inerte, tenha sido acolhida com entusiasmo pelos químicos. Nada, pois, de espantar que as investigações de Sir William Crookes, sobre os fenômenos psíquicos, tenham sido mal recebidas, desprezadas e deixadas completamente fora do domínio científico. Não foram admitidas por muitos até hoje e o ceticismo aí encontra certamente alguma culpa, considerando-se que tais experiências tiveram um caráter que pareceria absolutamente incrível. Todavia, ele persistiu em algumas experiências simples e mecânicas, mostrando quer uma modificação aparente no peso dos corpos, quer a existência de uma força misteriosa, e esperava, ainda assim, poder persuadir os membros da *Royal Society* a investigá-la, nada, porém, conseguindo, visto que recusavam, sistematicamente, verificar o que lhes parecia uma impossibilidade.

Ainda que isto se nos afigure talvez um pouco difícil na época atual, é sem dúvida instrutivo compreender que o método experimental e o método do livre exame dos fenômenos não têm numerosos séculos no seu ativo. Ele foi sustentado por Francis Bacon, Lord Verulam e, quando posto em prática por Galileu, consideraram-no uma novidade quase ímpia. Os resultados obtidos estavam muitas vezes em contradição com antigos ensinamentos, que tinham a autoridade de séculos, ou mesmo de milênios, a seu favor. Tais oposições, sem dúvida, vinham não somente dos filósofos aristotelianos, mas também eclesiásticos, que se baseavam em velhas escrituras sacras, com as quais pareciam estar em contradição os fatos da Astronomia e da Geologia. A oposição clerical à Geologia continua quase até aos nossos dias.

Apesar disto, a obstinação dos homens da Ciência já ganhou a luta pela livre exploração da natureza em quase todos os terre-

nos, mesmo em detrimento de antigas doutrinas e sem levar em conta as contingências. Nas ciências químicas, físicas e biológicas o método experimental ganhou, finalmente, o favor geral, à parte alguns dissidentes.

A oposição racional formula ainda hoje, principalmente, pontos de vista teóricos que podem ser legitimamente postos em debate, ao passo que os fatos são, na maior parte, aceitos ou pelo menos cuidadosamente examinados e estudados por quase todo o corpo científico. Assim, fatos verdadeiros são separados de falsos e todas as hipóteses de trabalho são toleradas como um esforço razoável para compreendê-los. Poder-se-ia dizer que atualmente nada existe, nas doutrinas estabelecidas sobre as ciências mecânicas, físicas ou químicas, que se possa considerar muito sagrada ou absolutamente certa, de modo a evitar a sua reconsideração, melhoria ou reforma. Poder-se-ia afirmar que a tolerância atual em admitir teorias revolucionárias, como as do “Quanta” e da “Relatividade”, é levada ao extremo, porque tais hipóteses são formuladas livremente, sem a mínima prova, e admitida como um passo preliminar para um conhecimento futuro mais amplo e mais elevado, embora às vezes vão temporariamente de encontro aos nossos conhecimentos adquiridos e às nossas predileções, baseados no que pensamos.

Não obstante tudo isso seja verdade no que se refere à maior parte das ciências conhecidas, é digna de nota que a que chamamos de “Ciência Psíquica” não tenha ainda ganho o seu inteiro direito à liberdade total. Nesta ciência, o método experimental ainda está sob uma nuvem de suspeita e aversão. Fatos são afirmados por investigadores competentes, embora nenhuma sociedade ortodoxa se digne de conceder-lhes atenção, por parecerem estar eles em contradição com a estrutura geral do universo, tal como é por nós conhecida e, por conseqüência, ultrapassarem os seus limites. O momento, porém, chegará, por certo, em que a oposição será vencida pelo valor das provas e pela renovação contínua dos próprios fatos, sem falar da ação de pesquisadores que se sacrificaram em produzi-los.

O método experimental desta ciência, que o professor Charles Richet denominou “Metapsíquica”, isto é, ramo anormal e raro

da Psicologia, está em prova. Ele caminha lentamente, arcando com as dificuldades causadas pela desaprovação quase geral e pela tendência em perseguir os “instrumentos humanos”, os únicos que permitem se façam tais experiências, graças às quais é possível adquirir conhecimentos sobre o assunto.

É preciso suportar tal estado de coisas algum tempo ainda, porque é falso admitir que os fatos sejam surpreendentes. Estudados em condições pouco comuns, são, por isto, cercados de uma atmosfera de lenda, de superstição e de fraude. Muitos desses fatos, indo ao encontro das esperanças e aspirações da humanidade, contribuem para o seu consolo e despertam a fé religiosa. Sentimos intuitivamente, por isto mesmo, que devam ser criticados e examinados, com metuculoso cuidado. É necessário fazer certo esforço para considerá-los com o sangue-frio e o espírito crítico que são peculiares ao método científico.

Tais fenômenos têm sido registrados em toda a existência humana sob uma forma ou outra, abundando na história religiosa da Antigüidade. É também observado nas práticas religiosas de raças não civilizadas. Parecem, de qualquer forma, estranhos ao estado atual de nossa civilização e não podem ser aceitos facilmente pelos observadores modernos, científicos e práticos. Tudo isso, porém, só servirá para demonstrar-lhes a imensa importância, pois a sua variedade é muito grande. Tais fatos não são apenas intelectuais, mas também físicos e fisiológicos e, logo que a sua autenticidade seja provada, como vem sendo, isto significará o início de mais um novo capítulo da história dos conhecimentos humanos.

Recapitemos brevemente alguns pontos em que parece que há desacordo com a tendência geral da explicação mecânica e material, tão frutuosa e vitoriosa depois de Newton. Preciso é insistir antes sobre o fato de que não se substitui, nem se nega, de forma alguma, a explicação mecânica e sim a suplementam como todos os fenômenos vitais, pois nos convidam claramente a ir mais longe e a admitir que a máquina fisiológica não é, de maneira alguma, a última palavra do problema. A explicação mecânica é incompleta se não se admitir alguma coisa mais. Os fatos implicam a admissão de que a vida e o espírito são realida-

des fora da matéria e dos processos materiais. São eles, no entanto, capazes de agir sobre esses últimos na qualidade de guia, em perfeito acordo com as leis da energia, a fim de obter resultados que pela natureza inorgânica somente não seriam nunca produzidos.

O cérebro torna-se órgão ou instrumento do espírito e não é o próprio espírito. O organismo, quer seja uma célula protoplásmica ou uma aglomeração de células semelhantes, é animado por uma entidade desconhecida que se chama Vida. É esta que se utiliza da matéria e da energia para os seus próprios fins. As operações mecânicas podem ser seguidas em cada domínio do metabolismo, as fases do crescimento de um organismo e de suas diversas partes podem ser estudadas em detalhe, mas a ação espontânea de um organismo não pode explicar-se somente segundo os termos da atividade molecular. Demais, essas entidades superiores, a que chamamos vida e espírito, parecem possuir faculdades de um caráter que, até aqui inexplorado e desconhecido, ultrapassam as leis atuais, estudadas nos diversos ramos da Biologia e da Psicologia.

Certos fatos parecem demonstrar que a atividade do espírito não se limita ao funcionamento do seu órgão corporal, mas que pode operar sem o auxílio de um instrumento material qualquer, ainda que se admita que um aparelho material seja necessário para indicar o resultado de tais operações. A razão disto reside provavelmente em que somos embaraçados em nossas percepções pela limitação dos órgãos de nossos sentidos – órgãos que partilhamos com os animais – que não nos instruem diretamente senão sobre a matéria e que não evoluíram senão para fins bem afastados da pesquisa científica e filosófica.

Verdade é que acrescentamos aos nossos órgãos fisiológicos vários instrumentos, mas esses são também de natureza material e mecânica, pelo menos se admitirmos a eletricidade como parte do universo material. De modo exato, porém, a eletricidade, o magnetismo e a luz, a coesão e a gravitação, ainda que percebidos por intermédio da matéria, são, em um sentido lato, de natureza *física* mais do que *material*, no sentido comum desta palavra. Parece-me que se levarmos em conta o éter, podemos

esperar descobrir a chave da atividade dessas entidades sobre a matéria. A vida e o espírito, segundo toda probabilidade, têm uma ligação mais real e mais permanente com o éter do que com as partículas materiais dissolvidas nele. É, no momento, uma simples hipótese de trabalho sobre a qual não é preciso insistirmos muito, porém aqueles que estão compenetrados da necessidade de um apoio físico para a atividade mental ou para qualquer outra não ficam obrigados a abandonar, prematuramente, a sua crença, mas podem ter a esperança de que uma explicação, até aqui desconhecida, da vida e do espírito, seja descoberta para uma compreensão mais justa da estrutura, das propriedades e das funções do *éter do espaço*.

Deixando tudo isto como matéria especulativa, quais são os fatos experimentais bastante aprofundados que devemos tomar para formar uma opinião a respeito? É primeiramente a telepatia, isto é, a comunicação de informações, de idéias ou mesmo de sensações entre dois espíritos, fora dos meios ordinários da comunicação corpórea. A faculdade de recepção telepática não é muito espalhada entre os povos civilizados, que têm usado mais de outras faculdades. É possível que a palavra e a escrita tenham tornado a telepatia inútil, de modo que essa faculdade ficou parcialmente atrofiada ou se tornou talvez gérmen de uma faculdade latente, que não atingirá o seu completo desenvolvimento senão depois do abandono do organismo corporal, porque esse parece isolar-nos individualmente e estorvar-nos na receptividade dos pensamentos a não ser pelos meios conhecidos da audição, da visão e do tato.

A experiência tem demonstrado que, em certas pessoas, a transmissão de idéias é possível por meios desconhecidos. A idéia transmitida pode ser noção de um objeto, uma dor localizada, uma impressão de doença ou morte. Esta última não entra, todavia, nas categorias da experiência; vem, antes, como uma impressão espontânea aparentemente independente da distância. É, às vezes, bastante forte para provocar uma imagem, a que se dá o nome de *alucinação* ou *visão* ou mesmo uma audição, da parte da pessoa afastada, muito desejosa de vê-las. A possibilidade de tais exemplos, às vezes patéticos, tem sido justificada

pela transmissão experimental do pensamento, onde a idéia transmitida é de um caráter muito banal e determinada somente pelo investigador encarregado da experiência.

As condições gerais das experiências telepáticas desse gênero devem ser hoje bem conhecidas e é inteiramente provável que, se mais experiências forem tentadas com cuidado, descobrir-se-ão sinais de faculdade receptiva em muita gente.

Tais fenômenos têm, sem dúvida, as suas leis próprias e está em nós descobrir as condições de êxito do processo e todo o experimentador sabe que o insucesso não deve desencorajá-lo.

Supondo-se que a existência da telepatia seja definitivamente estabelecida, qual seria a sua importância? Sua importância principal parece residir na demonstração de que a atividade mental não é limitada aos órgãos corporais e aos instrumentos que a transmitem regularmente ou, em outros termos, que o espírito é independente do corpo e que não somos obrigados a supor que o espírito deixa de existir quando o seu instrumento é destruído. Com efeito, seria um passo, mas um primeiro passo apenas, para a demonstração da sobrevivência.

Os pesquisadores, porém, já foram mais longe. Afirmam, com efeito, e eu também o afirmo, que é possível pôr-nos em comunicação telepática com aqueles que sobreviveram à morte do corpo. O espírito, o caráter e a personalidade deles persistem e, ainda que não possam fazer uma impressão direta sobre os órgãos de nossos sentidos, todavia, impelidos pela afeição ou por outra causa qualquer, são capazes, de vez em quando, de utilizar um instrumento fisiológico – o mecanismo cérebro neuromuscular pertencente a uma pessoa viva, dotada de faculdade receptiva ou telepática – de modo que podem transmitir mensagens aos que deixaram na Terra. Destarte, muitas vezes usam de meios especiais para provarem suas identidades e a continuidade das suas existências.

Tudo isto não é fácil de dizer-se, porque não é uma coisa que se diga levianamente. Falo sob o peso de um grande conjunto de provas hoje conhecidas por mim e outras pessoas mais. Ou ela é verdadeira ou é falsa. Se é verdadeira, difícil é encobrir a sua

formidável importância. É preciso longa e cuidadosamente examinar-se o assunto, pois a esperança e o futuro da humanidade dependem dela.

Tais experiências têm sido ignoradas pela ciência ortodoxa até os nossos dias. O mundo científico e o mundo religioso zombam, um e outro, das experiências sobre essas coisas. Os instrumentos humanos, isto é, os médiuns, com o auxílio dos quais fazemos as experiências, continuam expostos a certas perseguições legais no momento. A Ciência ainda não conquistou a sua liberdade. Existem ainda ramos impopulares de pesquisas, assuntos sobre os quais nos é interdito falar: é preciso afrontar o ridículo. Os tempos, porém, se modificam gradualmente e o horizonte se aclara também, pois já está mais claro do que no tempo de minha mocidade quando então se repelia, como eu também o fiz, tudo isto como simples superstição. Espero ver, em futuro próximo, alguns membros mais jovens da elite científica, não somente físicos, mas biólogos, abrirem o seu espírito a possibilidades insuspeitadas e, com o decorrer do tempo, construir um edifício suntuoso sobre as apalpadelas, as hesitações e as asserções incríveis do passado.

Esses fenômenos mentais, porém, que parecem grupar-se em torno da telepatia e estabelecer a sobrevivência, não são, de forma alguma, os únicos que os investigadores têm descoberto e sustentado. São, de alguma sorte, os mais interessantes, ainda que os menos tangíveis e os menos materiais dos fenômenos. Pretende-se, às vezes, que a telepatia, isto é, a ação do espírito sobre o espírito, existe, mas que existe também a telergia ou ação do espírito sobre o corpo e sobre o cérebro.

Que o espírito aja sobre o corpo é um fato bem conhecido, mas habitualmente se trata do próprio corpo. Em casos extraordinários, trata-se de um espírito estranho, agindo temporariamente sobre o mecanismo fisiológico de um dono que lhe cedeu temporariamente o aparelho. É provável que os fenômenos hipnóticos sejam produzidos por uma transmissão mental comum, mas o espírito subconsciente pode agir, de forma bizarra, sobre um corpo, segundo testemunho médico, produzindo stig-

mas e outras marcas, e intervir, de maneira incompreensível, no processo vital.

Afirma-se que isso pode igualmente produzir-se a distância e que as células de um cérebro, em seguida a um esforço especial, podem ser estimuladas por um espírito desencarnado, não habitualmente associado com o cérebro individual. É assim que a escrita ou a palavra automática se produz com relação a coisas desconhecidas pela personalidade normal. Enfim, afirma-se que, em condições especiais e na presença de um organismo em relação com elas, coisas inorgânicas podem ser movidas, pesos levantados, objetos transportados e outras ações executadas, as quais, embora fáceis de se executarem pela ação dos músculos, podem aparente e excepcionalmente fazer-se de outra forma.

Esses fenômenos bizarros foram, no continente europeu, estudados principalmente por pesquisadores cuja educação médica lhes permitiu tomassem todas as precauções capazes de garantir a autenticidade deles.

A hipótese de trabalho é que os objetos são movidos por uma espécie de emanção chamada “ectoplasma”, que sai do corpo do médium, porção do organismo exteriorizada temporariamente e que, tendo atingido o seu fim, volta ao corpo de onde emanou.

Alguns desses fenômenos podem parecer de aspecto repulsivo, porém, da mesma forma, merecem ser estudados pelos homens de Ciência. Pertencem à Biologia e talvez à Patologia, assunto sobre os quais tenho o hábito de calar-me. Pretende-se que, por meio dessa substância bizarra, verdadeiras materializações podem ser produzidas, mostrando formas que existiam antes somente no éter. Sustenta-se igualmente que, da mesma maneira que somos encarnações ou materializações associadas com a matéria, durante pouco menos de um século, essas coisas são formações ou materializações que só se mostram durante limitado tempo, para desaparecerem em seguida, sendo, nesse ínterim, vistas, tocadas e fotografadas. É de espantar que a Ciência faça ouvido surdo e fique cega diante desses fenômenos fantásticos tão perturbadores e às vezes tão penosos de se produzirem e tão difíceis de serem estudados, mas não é o caso de se espantar.

Todo fato novo pode, de início, parecer estranho, mas a prova é forte e aqueles que possuem competência para estudar tais coisas incorrem em falta, repelindo-o logo. Parece que elas não têm lugar no conjunto das ciências conhecidas. Quanto a mim, porém, nada direi no momento a seu respeito, porque os meus primeiros conhecimentos são comparativamente limitados em um domínio tão amplo. Tenho, porém, visto muitos deles para poder confirmar que a telecinesia, isto é, o deslocamento de objetos sem contato aparente, se produz realmente e a minha experiência me faz encarar, com interesse, a afirmativa dos fisiologistas e anatomistas que têm atestado a autenticidade dos fenômenos de materialização.

A emissão de matéria ectoplásmica fora de um corpo pode parecer, a princípio, um caso de investigação desagradável, mas é preciso nos lembrarmos de que os nossos próprios órgãos internos não são especialmente atraentes, embora úteis e interessantes aos que os estudam. Ectoplasma é nome dado a uma espécie de matéria celular organizada, que se diz emanada, temporariamente e com propriedades extraordinárias e inexplicáveis, de certas pessoas. Tal substância se molda, toma forma de rostos e mãos, como se fosse guiada por uma inteligência subconsciente, para executar, fora do corpo, as mesmas funções que habitualmente cumprem no interior deles. O fenômeno é devido, provavelmente, à atividade normal do corpo nos diversos órgãos destinados à manifestação. Não é o próprio sustento, mas o princípio formativo que determina o crescimento de uma unha ou de um cabelo ou de qualquer outra parte do corpo. Com efeito, com o auxílio da placenta, um óvulo fecundado é capaz de formar um organismo novo completo e separado, coisa que em si mesma poderia ser considerada como bastante extraordinária.

O fato de que esse princípio formativo seja capaz de agir fora do corpo, como faz normalmente no seu interior, é crível e, no entanto, a ciência ortodoxa ainda não o admite. Quanto à questão de saber se um fato é ou não líquido, o que cumpre é resolvê-lo, não por teoria ou preconceitos, mas pelas observações e pelas experiências. Os que fazem tais experiências já devem possuir

certos conhecimentos biológicos e anatômicos, pois o caso é puramente científico. Se for resolvido afirmativamente, alargará os nossos conhecimentos sobre as relações entre a matéria e o espírito, sem qualquer relação com a sobrevivência ou outros problemas que interessam a quase todo o mundo.

É preciso admitir-se, ao mesmo tempo, que todo fato, desde que seja verdadeiramente um fato, possui certa importância em si. Já uma autoridade competente afirmou que na natureza nada se deve considerar ordinário ou vil.

Existe ainda um grupo de fenômenos que são superficialmente menos desagradáveis do que esse último, como a clarividência e a lucidez, isto é, a percepção de acontecimentos sucedidos a distância, a leitura de cartas lacradas ou de livros fechados, a descoberta de objetos ocultos ou de cursos d'água subterrâneos. A prova de que certas pessoas possuem tal faculdade se confirma dia a dia. Alguns desses fatos não parecem explicar-se pela telepatia ou pela leitura do pensamento. Deve-se levar a hipótese telepática até ao seu extremo limite, antes de admitir-se qualquer outra. Desejamos ter o menor número possível de hipóteses. Considerando que tudo que está escrito ou impresso deve encontrar-se no espírito de alguém, em um dado momento, devemos abster-nos de supor que tais textos sejam lidos de forma supranormal, isto é, de um modo com o qual não estejamos habituados e do qual não possuimos o menor indício. Já é bem extraordinário que sinais negros no papel possam ter para nós um significado e ainda que estejamos habituados a este método de estimular as idéias e as percepções das coisas, seria temerário supor que se tenham esgotado todas as possibilidades de leitura desses traços, em face de prova contrária.

Parece existir, com efeito, uma ação recíproca entre o espírito e a matéria. Podemos moldar a matéria com os nossos pensamentos, a nossa vontade, a nossa intenção, e produzir, assim, não somente a escrita e a palavra, mas também grandes coisas, como pontes e catedrais, que não existiam antes senão na mente humana. E as combinações materiais assim obtidas, digamos, as obras de arte, são susceptíveis de evocar nos espíritos dos que existirem mais tarde algo lembrando a emoção experimentada pelo

gênio inventor. Tal é o princípio total das obras de arte, tal o acúmulo de inteligência e de emoção latentes.

Fica a questão de saber se outras combinações da matéria podem impressionar os nossos sentidos, de modo menos determinado. As impressões mentais já podem ser registradas na matéria por meio de instrumentos como os discos de músicas e as chapas fotográficas. Pessoas há que pensam que uma emoção viva pode igualmente ser registrada inconscientemente na matéria, de sorte que um quarto, em que uma tragédia aconteceu, pode influenciar a geração seguinte ou qualquer outra pessoa bem sensível. Espera-se que um dia, por esse meio, a influência estranha de certos lugares seja explicada de modo racional e, assim, o perturbador fenômeno, conhecido sob o nome popular de “assombração”, desapareça como superstição e entre para o domínio dos fatos.

De acordo com muitos relatórios existentes, as faculdades do subconsciente, tais como se mostram nas diversas espécies de clarividência e na lucidez, o que o professor Richet denominou “criptestesia”, ultrapassam os limites ordinários do espaço, de modo que a distância e a opacidade não são obstáculos a essa percepção ultranormal.

Alguns outros fatos, que gradualmente venceram o ceticismo daqueles que os estudaram e levaram os pesquisadores a pensar que as limitações do tempo podem vagamente ser vencidas, não só quanto a longínquo passado, mas também quanto a certo ponto do futuro, têm sido observados.

Essa questão das premonições e do pré-conhecimento é de uma dificuldade excepcional. Até que ponto é o futuro precisamente determinado para que se torne possível a percepção do que verossimilmente possa acontecer? Trata-se de uma questão que diz com problema relativo à natureza do tempo e que não podemos resolver no presente momento.

Sabemos que a predição é possível no que diz respeito ao mundo inorgânico, particularmente pelos movimentos estudados pela Astronomia e é permitido supor-se que um conhecimento mais amplo, digamos movimentos moleculares e da estrutura da matéria, nos permitiria prever essas mudanças catastróficas a que

chamamos comumente acidentes e antecipar, assim, os desastres e as convulsões da natureza, antes de qualquer indicação normal.

Pode-se admitir que o universo seja uma conseqüência da lei de causa e efeito e que um conhecimento mais completo das condições atuais poderia permitir-nos deduzir a emergência futura do que se prepara. Não possuímos ainda tais dados, mas, se há inteligências superiores no universo – seria absurdo supormos que somos as mais elevadas inteligências existentes – podem elas possuir meios de informações de que não dispomos e a nós comunicar por meio dos médiuns.

Tais especulações nos levam bem mais longe dos atuais limites das ciências conhecidas, por isso devemos caminhar nesse terreno com toda a prudência. Descobriremos, pouco a pouco, que não estamos tão isolados no universo como pensamos e que nos achamos cercados de inteligências sobre as quais pouco sabemos e ainda que não estão sendo senão direta e ocasionalmente associadas com a matéria.

Espero que um estudo do assunto, contínuo, prudente e cuidadoso, nos conduza bem mais longe de nossos presentes conhecimentos sobre as coisas, guiando-nos para regiões de que não temos, no momento, senão noções vagas e estranhas.

A Ciência está apenas no começo. Talvez não tenha ela mesmo começado a descobrir a realidade desse mundo espiritual que durante certo tempo exerceu sua influência sobre os poetas, os santos e os místicos, mundo que tem sido a fonte de inspiração, o tema da teologia e a eterna forma animadora da religião.

Capítulo IV

Explicação de alguns fenômenos psíquicos

“Bacon previu a vitória gradual da observação e da experiência, o triunfo da análise dos fatos reais, em todos os ramos dos estudos humanos, em todos os assuntos, salvo em um deles... Suponho hoje que não mais existe motivo para tal exceção.” (Fredrich Myers, em *Human Personality*, II, pág. 279).

A título de ilustração das faculdades a que fiz referência nos capítulos anteriores, poderia citar grande número de casos, muitos dos quais estão registrados em obras ou atas das Sociedades de Pesquisas Psíquicas, mas limitar-me-ei a alguns episódios inéditos que servirão para dar exemplos das faculdades mediúnicas.

Ainda que notáveis, tais episódios não serão concludentes por si mesmos, porém farão parte de um acervo de provas da mesma espécie, tendo, entretanto, o seu valor. As provas escolhidas são representativas de quatro categorias de fenômenos psíquicos simples. Por diversas razões não foram ainda publicados, salvo dois casos, não pessoais, com os quais começo e termino.

A primeira categoria consiste em fatos que mostram a possibilidade de informações a respeito de acontecimentos correntes e distantes, presentes ou futuros. Escolherei três desses casos: dois foram suscetíveis de verificação imediata e o terceiro não foi ainda verificado e, sem dúvida, é pouco provável que o seja alguma vez, todavia parece-me que deva ser registrado para o caso em que circunstâncias eventuais tornem possível sua confirmação ou ulterior refutação.⁸

A segunda categoria é uma ilustração da faculdade de predição de acontecimentos futuros improváveis. Não são acontecimentos de importância pública, todavia foram verificados mais tarde.

Na terceira categoria, cito um caso de psicometria de um objeto, faculdade esta bem conhecida dos investigadores.

Na quarta, trato de um episódio de gênero diferente: um exemplo de nossos colóquios com “Fedá”, o guia espiritual da Sra. Leonard. É a narrativa das relações entre mortos e vivos e tal conversa permitiu ocasionalmente estabelecer uma espécie de prova de difícil resultado para comprovar a identidade de um dos comunicantes.

Classe 1

Clarividência. Exemplos de percepção de acontecimentos da época

Episódio A – Antes do mais, menciono uma informação a respeito da comunicação do assassinato da rainha Draga e de seus irmãos, na antiga Sérvia. Essa informação foi recebida pelo meu amigo o professor Richet, que, na época dele (1903), me fez um relato completo. Ei-lo aqui, em resumo:

“Na noite do assassinato (que era absolutamente desconhecido e imprevisto), o professor Richet e alguns dos seus amigos assistiam em Paris a uma sessão de “mesa”, sendo as letras do alfabeto ditadas por pequenos golpes. Anotaram-se as letras para interpretá-las mais tarde. Eu não conhecia o grupo nem o médium e faço o relato de segunda mão. Após o recebimento de algumas mensagens comuns às sessões, o controle espiritual pareceu mudar e tornar-se mais preciso, sendo as seguintes letras ditadas por meio de golpes bem nítidos: *Bancalamo*. Richet observou: “Vão servir-se do latim”, com pena, mas a soletração continuou, sem significação aparente: *rtgu*. Sem dar ao caso a menor importância, ele continuou a anotar maquinalmente: *ettefamille*. A mensagem parecia destituída de sentido, talvez relacionada com certa família. Pouco depois perceberam que as letras podiam ser separadas em palavras, como segue: *Banca la mort guette famille* (Banca a morte espreira família). Essa mensagem foi recebida na quarta-feira, 10 de junho de 1903, às 22:30.

Decorridos dois dias, os jornais franceses publicaram numerosos detalhes sobre o selvagem assassinato do rei Alexandre e da rainha Draga, bem como de seus irmãos, em Belgrado. O nome do pai da rainha, falecido pouco antes, era dado como sendo *Pança*, cuja família toda estivera em perigo de desaparecer pelo assassinio (o “c”, com cedilha, podia ser a imitação mais aproximada, em língua francesa, de uma letra sérvia, que, segundo me informaram, se pronuncia entre os sons “s” ou “ts” e “z” ou “tz”, sem equivalente em francês). O que surpreendeu é que Richet, ao ler esse nome nos jornais da tarde, ficasse impressionado com a semelhança entre o nome *Pança* ainda desconhecido e por vezes citado como *Panca*, e o começo da palavra desconhecida e misteriosa, *Banca*, sendo o único erro a confusão entre o B e P. Ele podia, pois, ser a mensagem como uma espécie de comunicação telepática da parte de Pança ou Panca, prevenindo que, naquele momento, a morte espreitava a família: “A morte espreita a família”.

Depois de ter tomado informações e aprofundado o assunto, Richet soube que o crime fora cometido pouco depois de meia-noite, isto é, que, no momento da sessão, ainda não se havia realizado, mas a hora em que a mensagem chegara a Paris estava próxima da em que os assassinos deixavam o Hotel da Corça da Sérvia, em Belgrado, para perpetrar o seu trágico desígnio. Naquela época não existia hora de verão e 10:30 da noite em Paris correspondiam praticamente à meia-noite na Sérvia. Como faz notar Richet, a palavra “guette” (espreita) foi singularmente bem aplicada, traduzindo a atitude de um gato espreitando um ratinho. A palavra não viria tão a propósito algumas horas mais tarde, nem algumas horas antes.

O assassinato fora cometido quarta-feira pela meia-noite, ou melhor, “um pouco antes da madrugada”, na quinta-feira, 11 de junho de 1903, para citar o livro de Miatovitch (*Tragédia Sérvia*, 1906) “entre 10:30 da noite e 2 horas da madrugada de 11 de junho” para citar o *Times* de sexta-feira, 12 de junho de 1903. A notícia chegou a Paris na quinta-feira,

às duas horas da tarde, quando a soube Richet, mas os detalhes ele só veio a conhecer na sexta-feira. Richet não procurou explicar por que se fez a comunicação para Paris, a pessoas desconhecidas e indiferentes ao fato de estar em perigo de morte a família Panca. Tudo o que sabemos é que o conjunto de letras foi recebido no decurso daquela ocasião especial e que, subseqüentemente, pôde ser interpretado de forma inteligível. Richet o considera apenas como um caso de “criptestesia”, abrangendo a distância de 2.000 quilômetros, mas absolutamente não posso compreender como se possa aplicar a esse exemplo um termo que sugere a hipersensibilidade de uma impressão fisiológica. De acordo com a hipótese espírita, que estou disposto a aceitar, se bem não a aceitou Richet, poder-se-ia admitir que “Myers” ou qualquer outro membro da *Society for Psychical Research*, lá “do outro lado”, se tenha deparado com uma oportunidade de fornecer uma prova de faculdade supranormal, intercalando subitamente, entre as mensagens fragmentárias que eram soletradas pelo seu amigo Charles Richet uma frase que, ainda que obscura e incoerente, mais tarde se tornaria inteligível e interessante.”

Esse é o relato do incidente e a viva recordação do que me dizia o professor Richet naquela ocasião. O fato o impressionara bastante, sobretudo em razão da coincidência do tempo. Verdade é que a morte poderia estar espreitando muitas famílias, mas se se tratasse de uma família obscura, tal mensagem teria sido inútil. A família indicada, à qual se referia a mensagem, era simplesmente indicada pelo nome de Banca, que não é exatamente o mesmo que Pança ou Panka. No seu relato impresso (reproduzido no seu *Traité de Metapsychique*, pág. 264, vertido para o inglês sob o título de *Thirty years of Psychical Research*, pág. 167), comentou ele a soma de erros contidos e, pela doutrina dos cálculos de probabilidades, concluiu que é impossível supor que a grande semelhança do nome dado na mensagem seja devido ao acaso. Quanto à ausência real de notícias normais, era ela então completa. Ninguém em Paris estava a par da conspiração secreta tramada contra o rei Alexandre e a sua esposa Draga

e, entre as cinco pessoas presentes à reunião, nenhuma mantinha relações com o Estado balcânico e, provavelmente, jamais ouvira falar na rainha Draga. A mensagem, se se tratava de uma autêntica mensagem, certamente fora transmitida antes do acontecimento, ainda que se possa justamente classificá-la sob a rubrica “acontecimentos atuais” e não sob a de “previsões”. Toda a família Pança achava-se então sob a ameaça de terrível perigo: Draga e dois irmãos seus foram efetivamente assassinados e suas duas irmãs escaparam, por um triz, à mesma sorte.

Observação sobre o método de recepção alfabética das mensagens

A mensagem acima foi recebida por meio de pancadas vibradas na madeira. No que concerne ao método por meio do qual conheci incidentes análogos, devo dizer que uma das duas senhoras, com as quais eu realizava as sessões, possuía a faculdade de formar frases por um processo mais elementar do que por meio de golpes, isto é, por meio de movimentos feitos por um pequeno tripé em cima do qual pousava a mão. Rapidamente, ela recitava o alfabeto, parando na letra desejada pelo comunicante e que era imediatamente anotada pela outra senhora e simultaneamente por mim, quando presente. A significação da seqüência dessas letras nem sempre é logo clara, se bem que isso aconteça algumas vezes, e surpreendente é que se possa conseguir uma coerência por meio desse método aparentemente laborioso. Contudo, é de fácil manejo e não muito lento. Freqüentemente há uma série curta de comunicações que se seguem uma à outra, e cada comunicante cede o seu lugar a outro quando já ditou o que desejava. Conhecemos algumas vezes o comunicante, quando ele dá o seu nome, os habituais são facilmente reconhecidos pelo seu estilo e a maneira de agir. Quando “Myers” opera, a médium sente-se imobilizada e rígida; ela goza da faculdade de acompanhar os outros. No caso desta médium amadora de muitos anos, bastas vezes parece que o controle se exerce diretamente pelo comunicante sobre o braço que aciona o pequeno tripé, de sorte que o espírito da médium nada compreende ou raramente procura compreender o que se diz. Escritas as letras, torna-se clara a

significação de cada frase completa. Exatos são os relatórios das sessões, por vezes com ligeira omissão, para torná-los mais breves.

Episódio B – O caso seguinte é bem resumido e muito simples. Refere-se à eleição de Hindenburg à Presidência da República Alemã. Na manhã de domingo, 26 de abril de 1925, eu e a minha esposa realizávamos, em Paris, uma sessão particular com duas amigas inglesas. Familiarmente conversávamos com “Raymond” por intermédio de um pequeno tripé, sem pensar o que quer que fosse sobre negócios públicos e completamente desinteressados do que se passava na Alemanha, quando, de repente, às dez horas da noite, “Raymond” interrompe a conversa e soletra: “Hindenburg foi eleito. Vou ver a festa. Boa noite.”

Na manhã seguinte, segunda-feira, 27 de abril de 1925, uma notícia de última hora no *Daily Mail*, edição continental, dizia: “Uma mensagem da Agência Reuter, de 1:18 desta manhã, declara que Hindenburg foi eleito.”

Episódio C – O seguinte caso foi comunicado à *Society for Psychical Research* por um de seus membros do Canadá, cuja atenção fora atraída para o incidente em consequência de um relato publicado em um jornal, o qual fornecia indicações a um advogado residente no Estado da Carolina do Norte (onde se produziram os acontecimentos) para que ele fizesse investigações sobre os fatos em questão, por sua própria conta. Tais fatos já haviam sido mencionados como prova no decorrer de um processo, com exame de peritos profissionais para julgar o seu valor jurídico. A *Society* inglesa recebera, em tempo oportuno, certos documentos legalizados e o que se segue é um resumo desses documentos e extratos deles:

“James L. Chaffin, o testador, era um agricultor do Distrito de Davie, Carolina do Norte. Fora casado e pai de quatro filhos, em ordem decrescente: John A. Chaffin, James Pinkney Chaffin, Marshall A. Chaffin e Abner Columbus Chaffin. A 16 de novembro de 1910, o citado agricultor, James L. Chaffin, fez testamento, devidamente firmado com duas testemunhas, pelo qual ele deixava sua herdade ao seu terceiro

filho, Marshall, nomeado único executor e testamentário. Absolutamente nada deixava à sua viúva e aos seus outros três filhos. Dezesseis anos depois, a 7 de setembro de 1921, morreu o testador em consequência de uma queda. Seu terceiro filho, Marshall, entrou na posse dos bens a 24 de setembro do mesmo ano. Por falta de amparo legal, a mãe e os três filhos restantes não contestaram o testamento, porém, mais tarde, em 1925, começaram a ocorrer certos fatos insólitos.

*Extrato das declarações de James
Pinkney Chaffin, segundo filho do testador*

“Durante toda a minha vida, jamais ouvi falar que meu pai houvesse feito um testamento posterior ao que redigira em 1910. Foi, creio eu, em junho de 1925, que comecei a ter sonhos que me impressionaram vivamente: meu pai aparecia à beira de minha cama, mas nenhuma comunicação verbal me fazia. Pouco mais tarde, penso que foi em fins de 1925, ainda uma vez ele se mostrou junto ao meu leito e, dessa vez, trazia um velho capote que fora seu. Então me falou o espírito de meu pai. Ele pegou no seu capote, atirou-o para trás e me disse o seguinte: “Encontrarás o meu testamento no bolso de meu sobretudo” e, em seguida, desapareceu. Levantei-me na manhã seguinte, bem convencido de ter recebido a visita de meu pai com o propósito de me explicar algum erro. Dirigi-me à casa de minha mãe com o fim de procurar o tal capote, porém este lá já não se achava mais.

Minha mãe me explicou que o havia dado a meu irmão John, residente no Distrito de Yadkin, distante 32 quilômetros a nordeste de minha casa. Creio ter ido à casa de meu irmão na segunda-feira, 6 de julho, após os acontecimentos narrados acima, onde encontrei o capote. Ao examiná-lo, verifiquei que o forro do bolso interno havia sido fechado com uma costura. Imediatamente a desfiz e achei um pequeno rolo de papel atado, contendo apenas as seguintes palavras: “Lede o capítulo 27 da Gênese, na velha Bíblia de meu pai.”

Nesse ponto, era tal a minha convicção de que o mistério seria explicado que eu não quis ir à residência de minha mãe, para examinar a velha Bíblia, sem a presença de uma testemunha e então convenci um vizinho, o sr. Thomas Blackwelder, a acompanhar-me, estando minha filha e a des-se senhor também presentes. Quando nos achávamos em casa de minha mãe, difícil nos foi descobrir a velha Bíblia. Finalmente encontramos-na na gaveta superior de uma escrivaninha, em um quarto do andar de cima. De tal modo se achava o livro desconjuntado que caiu em três pedaços no momento em que foi retirado da gaveta. O sr. Blackwelder apanhou a parte que continha o Livro da Gênese, cujas páginas folheou até o vigésimo sétimo capítulo, onde estavam dobradas duas páginas, uma sobre a outra, a página esquerda dobrada para a direita, de modo a formar um bolso, e nesse bolso o sr. Blackwelder encontrou o testamento, isto é, ele achou um documento escrito sem as formalidades legais, em data de 16 de janeiro de 1919, assim concebido:

“Depois de ter lido o vigésimo sétimo capítulo da Gênese, eu, James L. Chaffin, escrevo minhas últimas vontades e testamento, como segue: Desejo que, depois de ter sido decentemente sepultado o meu corpo, minha pequena propriedade seja igualmente dividida entre os meus quatro filhos, se ainda estiverem vivos na ocasião de minha morte. Quero que a minha propriedade e demais bens sejam igualmente divididos e, se não estiverem vivos, que se entregue a parte a seus filhos. Se a minha mulher ainda estiver viva, todos os filhos deverão cuidar de sua mãe. Em fé do que aponho neste a minha assinatura.

16 de janeiro de 1919.

James L. Chaffin”

Ainda que sem testemunhas, foi este último testamento considerado legítimo pela lei do Estado da Carolina do Norte, visto ter sido redigido, por inteiro, pelo próprio punho do testador, com a condição de apresentação de prova suficiente de autenticidade da escrita. Redigido o seu testamento, resolveu o testador

encerrá-lo entre duas folhas da velha Bíblia, que outrora pertencera a seu pai, o reverendo Nathan S. Chaffin, dobradas as folhas à maneira de um bolso. As páginas, assim dobradas, eram as que continham o vigésimo sétimo capítulo da Gênese, onde se descreve como o segundo irmão, Jacó, conseguiu suplantar o irmão primogênito, Esaú, e assim conquistar o seu direito à progenitura, juntamente com a bênção paterna. Cumpre recordar que era o segundo filho o único beneficiário do primeiro testamento.

Ao que se pôde saber, o testador a ninguém revelara, antes de sua morte, a existência do segundo testamento, mas no bolso interno do capote que lhe pertencera, por meio de uma costura, ele ocultara um papel que continha estas palavras: “Lede o capítulo 27 da Gênese, na velha Bíblia de meu pai”.

Pouco depois de sua descoberta, foi o documento apresentado para ser legalizado, como verdadeiro, e apreciado na sessão de dezembro de 1925. Apresentado em juízo, realizou-se a audiência das partes, em seguida o tribunal adiou os trabalhos para depois do almoço. Reunido o tribunal, um advogado anunciou que, no seu intervalo, se havia conseguido um acordo amigável e que o novo testamento seria admitido à legalização, sem qualquer contestação.

As notas do Juiz Presidente do Tribunal estavam assim redigidas:

*Julgamento, por consenso, do testamento
de James L. Chaffin, falecido.
Estado da Carolina do Norte, Distrito de Davie.
Tribunal Superior
Dezembro de 1925
Julgamento*

Considerando que esta causa foi argüida e que as seguintes questões foram submetidas em juizado:

– Constitui a escrita do papel datado de 16 de janeiro de 1919, por inteiro, o último testamento de James L. Chaffin?

Resposta: Sim.

– Considerando que o juizado se pronunciou afirmativamente quanto à proposição dos srs. E. Morris, A. H. Price e J. C. Busby, advogados dos suplicantes, ordena-se, decreta-se e determina-se que o dito testamento seja inscrito no cartório do Tribunal Superior do distrito de Davie, Registro de Testamentos, e que o testamento datado de 16 de novembro de 1905, legalizado a 24 de setembro de 1921 (ver Registro de Testamentos, livro 2º, pág. 579), suposto ser o último testamento do falecido James L. Chaffin, fica, pelos presentes, anulado e revogado.

No início do processo já não existia Marshall, o herdeiro original, mas sua viúva e o filho estavam decididos a contestar o segundo testamento. No intervalo do julgamento, foi-lhes mostrado o testamento e comunicado estarem dez testemunhas prontas a jurar que efetivamente se tratava da caligrafia do testador, o que ela e o filho logo admitiram, após leitura, desistindo assim da ação.

A declaração de James Pinkney Chaffin termina da seguinte maneira:

“Durante o mês de dezembro de 1925, meu pai ainda me apareceu uma vez. Foi mais ou menos uma semana antes do processo Chaffin contra Chaffin. Ele me perguntou: “Onde está o meu antigo testamento?” Parecia estar de mau humor. A partir de tal dia, acreditei que a sentença seria a meu favor, o que se verificou. Na manhã seguinte desse mesmo dia, relatei essa aparição ao meu advogado.

Muitos amigos não acreditam na possibilidade da comunicação entre os vivos e os mortos, mas estou absolutamente convencido de que foi realmente meu pai que a mim se manifestou naquelas ocasiões e crê-lo-ei até o dia de minha morte.”

Seguem-se os testemunhos e as justificativas dos fatos. Citei apenas a declaração do sr. Blackwelder.

“Chamo-me Thomas A. Blackwelder, tenho 38 anos de idade e sou filho de H. H. Blackwelder. Moro numa fazenda

situada no distrito de Callihan, distante um quilômetro e meio da casa em que faleceu James L. Chaffin em 1921. Creio que foi no dia 6 de julho de 1925 que James Pinkney Chafin (filho de James L. Chaffin e um dos meus vizinhos) veio procurar-me. Pediu-me ele que o acompanhasse à residência de sua progenitora, afirmando, ao mesmo tempo, que seu falecido pai lhe aparecera e lhe explicara o modo de achar o seu último testamento. Chaffin me disse que seu pai havia falecido há quatro anos e lhe aparecera em sonho para informar-lhe que descobriria algo de importante no bolso interno de seu velho capote. Chaffin acrescentou que, tendo encontrado o referido capote, nele achou um pedaço de papel em que havia um escrito de seu progenitor e ele me pediu o acompanhasse à casa de sua mãe para examinar a velha Bíblia pertencente à família. Acompanhei-o, procuramos o livro, que encontramos algum tempo depois, na gaveta de uma escrivaninha existente no segundo pavimento da moradia. Retiramos a Bíblia, que era muito antiga, em três pedaços separados. Apanhei uma parte e Chaffin as outras duas. Por acaso, na que eu tinha em mãos, achava-se o livro da Gênese. Folheei as páginas deste e, no capítulo vigésimo sétimo, achei duas folhas dobradas interiormente com um papel escrito, também dobrado entre as duas folhas. Era o último testamento de James L. Chaffin.”

Classe II

Exemplo de predição – O episódio da casa

“Poucas pessoas hão refletido longamente sobre esses problemas do passado e do futuro sem se perguntarem se o passado e o futuro nada mais são do que palavras vazias e se não consideramos como um regato de sucessão aquilo que é um oceano de coexistência, recortando, em talhadas, ao gume de nossos séculos e de nossos anos subjetivos, coisas obsoletas que estão fora da época.” (Fredrich Myers, em *Human Personality*, II, pág. 273).

Preliminares – A 6 de maio de 1913, minha esposa tomava chá em companhia de sua amiga, srta. Clarissa Miles, no seu apartamento em Egerton-Gardens, Londres, e, como passatempo, essa moça convidara uma clarividente profissional chamada sra. Vera para realizar o que se poderia chamar de uma sessão de intuição, sem transe. Nada se produzira de importante ou mesmo algo de interesse especial, porém a minha esposa se habituara a tomar notas sempre que o podia fazer, sem o auxílio da estenografia, para o caso de um interesse eventual posterior. Suas notas eram aproximativas, mas revistas pelo nosso filho Raymond. O assunto o interessava tanto porque se tratava da Itália, onde havia estado em visita a amigos. Extraio as notas que se referem ao que dizia a sra. Vera no fim de sua mensagem. Suponho que não tenham sido tomadas palavras por palavras, pois o relato está interrompido e fragmentado. Creio, porém, que somente foram anotados os pontos principais. Eis o que foi escrito naquela data e copiado por Raymond, em 1913, antes da guerra em que ele faleceu:

“Uma casa de campo, alegre, um ribeiro correndo no fundo de um jardim. A casa aparece em todo o seu comprimento como um edifício assaz baixo e extenso; um prado desce para a água. Um lugar feliz, atmosfera também feliz. Sobre uma altura, um jardim se inclina para a água, sentimento de paz e tranqüilidade. À moda antiga, uma porta de igreja. Aposentos antiqüíssimos; não existem dois que se assemelhem, escadas baixas, muito curiosas; sobe-se por uma escada e desce-se por outra. Alguns aposentos são longos e estreitos, possuem todas as formas. Algo que se associará com a vossa vida. Pequeno vestíbulo, casa baixa, velho carvalho. É essa casa que ireis habitar. Grandes quadros suspensos, quadros antigos. A parede da frente parece ser de pedra. É em campo acidentado. Distante da estação. Um pavilhão que se estende transversalmente; há mesa e cadeiras no interior, fachada de vidro.”

A família interessou-se por essa descrição detalhada de uma casa imaginária e tentou compará-la a uma casa qualquer da redondeza, mas sem sucesso. A porta de igreja, tomada ao pé da

letra, parecia uma particularidade impossível pelo fato da impossibilidade de aplicar qualquer dos detalhes a uma casa susceptível de ser por nós habitada. Desde a minha juventude sempre morei nas imediações das “cinco cidades” de Arnold Benett. Sempre residi em Londres, Liverpool ou Birmingham, isto é, nos lugares nos quais se acham as novas universidades em que eu podia ganhar a minha subsistência e fazer jus à minha instrução. Era, pois, absolutamente inconcebível que me fosse “enterrar” no interior, porque me parecia que se tratava de uma casa de campo.

Agora é preciso deixar passar alguns anos para dar os necessários detalhes biográficos para a compreensão dos episódios. Em 1914 fomos à Austrália, com a *British Association for the Advancement of Science*. Começou a guerra e meu filho Raymond foi morto no ano de 1915.

Muito tempo depois, em 1919, eu ia deixar o meu cargo de Reitor da Universidade de Birmingham e, conseqüentemente, estávamos procurando uma pequena casa ou *cottage* para onde nos retiraríamos depois de deixar a grande casa familiar de Mariemont (Edgbaston, Birmingham). Graças a certos médiuns, tais como a sra. Leonard, que, de tempos em tempos, dava sessões à mãe de “Raymond”, este, já então no mundo espiritual, exprimiu o seu interesse pelo que chamava “nossa caça de casa”. Ele falava de diversas casas que sua mãe já havia visto. Por exemplo, descreveu um armário embutido na parede para o serviço, entre a sala de jantar e a cozinha, existente numa casa perto de Crowborough, que ela visitara. Em maio de 1919, ele tratou de outro prédio de Datchet, mas pensava que poderíamos encontrar coisa melhor e nos sugeria não deixar a casa de Mariemont antes de um ano. Enfim, estávamos determinados a alugar uma pequena casa nos arrabaldes de Hampstead-Londres, e já havíamos iniciado as conversações preliminares sobre o aluguel. “Raymond” não se mostrava inteiramente satisfeito e nos observava que as paredes eram muito finas e não inspiravam segurança e tranqüilidade. E ainda que faltava lugar para os meus livros, o que, na verdade, era exato. Contudo, estávamos resolvidos a alugar a casa. No começo do outono, em 3 de julho de 1919, minha esposa partiu para Vichy, na França, onde deveria perma-

necer algumas semanas. Na sua ausência, recebemos a seguinte comunicação pelos meios habituais: “Dizei à mamãe para cessar com a sua caça à casa. Já descobri certa morada e espero obtê-la para vós. “Raymond”.

Ainda durante a ausência de minha esposa, fui fazer uma das minhas visitas periódicas, de alguns dias, aos meus amigos Lord e Lady Glenconner. Eles não se encontravam em Glen, que fica na fronteira da Escócia, onde freqüentemente os visitávamos, mas se achavam em uma das suas propriedades menores, Wilsford Manor, cerca de 14 quilômetros ao norte de Salisbury. Essa planície não é plana como poderíamos supor; é formada de um grupo de colinas calcáreas, de pequena altura, que se estendem pela parte meridional do condado de Wiltshire. É banhada por cinco rios que convergem de vales largos e abertos como os dedos de uma mão aberta e se reúnem no punho, próximo a Salisbury, ao Sul. Esses cinco rios se prolongam pelo Avon até o mar, em Christchurch, no condado de Hampshire. Nessas campinas, irrigadas por esse riozinho e sobre um calcário seco, acham-se Wilsford e algumas outras casas.

Certa tarde, Lord Glenconner convidou-me para um passeio, visitando, durante a jornada, uma velha herdade do vale do Avon. Lord Glenconner acabara de comprar a propriedade, situada ao Norte da sua, a um dos seus vizinhos. De passagem, observou ele que vinha de fazer algumas modificações nela e acabara de construir um pórtico. A aquisição se realizara durante a guerra e ele mobiliara a casa para servir de habitação a alguns oficiais em serviço na planície de Salisbury, que é campo de instrução militar. Lá se achavam diversos quadros antigos, retratos de família, quadros esportivos, etc. Mandara executar também alguns melhoramentos e, entre outros, fizera construir um pórtico como nova porta de acesso, a fim de protegê-la contra as intempéries da costa norte. Os operários já haviam terminado e a casa estava entregue a um guarda. Havia pastagem e hortas, mas bem pouca relva, somente o necessário para o gado. Ele fizera esses melhoramentos porque desejava alugar a propriedade, mas acrescentou que daria alguma importância ao caráter dos eventuais locatários, pois que seriam seus vizinhos

próximos (menos de um quilômetro, com campos limítrofes). Ademais, a maior parte dos que desejavam alugar a propriedade, sem dúvida, desejariam ter direito à caça e à pesca nos trezentos hectares de terra cultivável anexa, mas a isso ele se opunha. Em seguida, visitamos a casa, cuja simplicidade logo me cativou e mais particularmente as campinas adjacentes e o belo vale do Avon, visto do alto da planície de Salisbury. Lembro-me de lhe ter dito durante o nosso percurso: “Por que não a alugam a nós? Eu não pretendo pescar nem caçar” e ele me respondeu: “Eu não poderia achar melhor inquilino, mas a propriedade não lhes convirá; está ela muito distante da estação e, sem dúvida, bem longe de Londres.” Eu era de seu parecer, visto não alimentar o desejo de enterrar-me no campo.

Entrementes, chegara uma das minhas filhas com o fim de visitar Wilsford Manor, antes de minha partida, e eu lhe mostrei a casa, bem como o campo adjacente. Sentiu-se tão satisfeita quanto eu e, certa de que agradaria à sua mãe, que sempre apreciou as paisagens do Sussex, perto de Brighton, de sorte que, após algumas correspondências telegráficas com Vichy, na França, resolvi alugá-la no caso de podermos instalar uma biblioteca no alto, levantando o teto. Assim ficou resolvido e iniciou-se o trabalho. Enquanto esperava, desembaracei-me de minha bela moradia da Cidade Jardim, em Hampstead, coisa que me deu algum trabalho, e medi os quartos de Normanton House, com o fim de nos instalarmos ali, digamos, seis meses após a nossa mudança de Mariemont. Efetivamente, só nos instalamos durante o verão de 1920, após a longa série de conferências que realizei na América, no começo do mesmo ano.

Uma vez instalados, tratamos de rever os papéis de “Raymond”, guardados numa caixa, e deparamos com a cópia de um velho papel contendo as notas da sessão espírita de sua mãe com a sra. Vera, datando de sete anos atrás... Logo nos impressionou a descrição de uma casa feita no fim dela, a qual não se adaptava a nenhuma casa por nós visitada e evidentemente se referia quase exatamente à nossa moradia atual. Ela dista bastante da estação (cerca de 14 quilômetros) e, se bem que a estação de Amesbury, no ramal de Bulford, esteja apenas a 5 quilômetros, a única, de

que nos servimos na linha-tronco, é Salisbury. O rio Avon está muito próximo e um dos seus braços passa ao fundo do pomar, sendo a sua saída regular por meio de comportas. Alguns caixilhos de carvalho estão na sala de jantar, que também é sala de entrada e cuja porta se abre diretamente com descida de escada de três degraus, de sorte que o nível da sala está abaixo do nível do solo exterior, obra pouco comum e provavelmente feita por pouco tempo para levantá-la a partir do momento em que cessasse de servir de depósito dos instrumentos agrícolas (como dizem os velhos habitantes da região) para tornar-se moradia. Ela é comprida, baixa e estreita (12,25 x 3,90 x 2,7 metros) e no teto encontram-se velhas vigas de carvalho quase completamente consumidas e que indubitavelmente ali estão há séculos. Os caixilhos das janelas são de carvalho e igualmente os respectivos postigos. Notável escada de carvalho conduz da sala de entrada a um andar superior, continuando até um aposento recentemente convertido em biblioteca, após a retirada de velhas vigas e levantamento do teto.

No começo de nossa locação, permaneceram alguns velhos quadros na casa, bem como móveis, até o momento de nossa instalação completa. Havia igualmente uma escada à saída do salão e também outras em um ponto inesperado de um corredor do andar superior, de sorte que alguém espontaneamente me observou: “Esta casa só parece feita de escadas a subir e a descer”, o que, bastante exagerado, se assemelhava à frase pronunciada pela vidente. Em face da porta de entrada, o jardim-pomar era parcialmente cercado de um muro de calcário, coberto de colmo à moda de Wiltshire, e esse muro de marga calcária parecia pedra.

Entre todos os pontos concordantes, o do pórtico é, entretanto, o mais notável. Recentemente construído para proteger a entrada, possui verdadeira porta de igreja, evidentemente muito antiga e de considerável espessura uniforme de cerca de 7 centímetros. Por todos os lados, era essa porta guarnecida de rebites ou de cavilhas de ferro, tinha gonzos bem compridos, dois ferrolhos assaz maciços e correspondentes encaixes. Informei-me junto ao meu senhorio a respeito dessa particularidade da casa e

fiquei sabendo que, quando foi construído o nosso pórtico de pedra em torno da porta de entrada que dava para a avenida norte da casa, percebeu-se que tal pórtico estava um tanto fendido pela ação do tempo, em consequência do que Lady Glenconner, ao visitar a casa no momento da reforma, observara aos construtores que a entrada principal poderia ser melhorada, acrescentando-se-lhe uma segunda porta externa ao pórtico, dizendo saber onde encontrar uma porta apropriada. Esta se achava numa dependência do Wilsford Manor e provavelmente fora posta de lado no momento em que foi reparada pelo antigo proprietário de Wilsford. Essa bela e antiga porta foi, pois, transportada e fixada no pórtico da casa de Normanton. Em certos pontos ela ainda apresenta manchas provenientes, sem dúvida, do uso que dela fizeram os pintores de prédios durante seus anos de abandono, mas note-se bem que ela apenas serviu de porta após a guerra, isto é, considerável tempo depois da visão ou predição de 1913. Naquela mesma época não existia o pórtico e a família Glenconner ainda não estava de posse da residência, pois comprou a propriedade em setembro de 1915.

Talvez seja bom acrescentar que, por ocasião da reforma da casa de Normanton em 1919, os Glenconner nenhum conhecimento tinham de qualquer predição e essa predição só nos foi feita pelo espírito decorrido muito tempo. O pórtico e as transformações secundárias estavam completamente terminados antes que houvéssimos visto a casa ou apenas sabido de sua existência.

No começo de 1920, o teto fora retirado e construída uma sala de biblioteca na mansarda. É quase incrível que todos os outros detalhes mencionados pela predição tenham podido adaptar-se tão exatamente por efeito do acaso e mais inacreditável ainda é que houvesse sido prevista, com grande antecedência, a existência de uma porta de igreja no pórtico da entrada de determinada casa. Prefiro não fazer um esforço inútil para explicar o incidente.

Quanto aos outros detalhes secundários: um envidraçado do lado sul da casa, com mesas e cadeiras, fato certamente inesperado, atendendo a que eu mesmo o fizera construir nesse lugar

com uma pequena estufa. Ao fazê-lo, não tinha eu a menor recordação de qualquer profecia a respeito. A predição dizia assim: “Não há duas peças que se assemelhem.” Os dois aposentos, cuja semelhança poderia ser notada, eram o pequeno salão da manhã e o salão principal, ambos no rés-do-chão, na face do sul. Eles são pouco mais ou menos da mesma dimensão, mas apresentam diferenças. Um tem o soalho levantado, com uma porta de acesso, de sorte que é mais quente do que o outro. A padieira da chaminé de um deles é bem maior do que o usual. A aparência longa e baixa da casa era mais evidente antes do alteamento e do acréscimo de um andar superior.

Existem, do outro lado do tabuleiro, dois belos celeiros que poderiam, de outro ponto de vista, ser considerados como partes da casa de que são característica notável. É verdade que a casa não está situada sobre uma elevação, mas está bem acima do nível dos prados próximos ao rio. O condado de Wiltshire é ligeiramente acidentado e ondulado no sentido único da ondulação de toda essa região. É fácil fazer uma caminhada de 800 metros em encosta ascendente até a uma altitude de cerca de 70 metros e ver abaixo de si a casa no vale do Avon, enquanto que Stonehenge está a 5 quilômetros e um quarto do outro lado, sobre uma parte mais chata da planície. São estes últimos os únicos pontos que um crítico rigoroso poderia considerar inexatos. Contudo, ainda recentemente, o que talvez convenha ser mencionado, uma senhora, poetisa americana, após curta visita, enviou-me suas saudações, endereçando-as para a “casa cinzenta abaixo das colinas de Wiltshire”.

A viscondessa, senhora de nossas relações, de que já falei aqui,⁹ com o nome de Lady Glenconner, permitiu-me citar seu nome neste relato, ao qual acrescentou coisas interessantes. Sabe-se que ela também perdeu seu primogênito durante a guerra, Edward Wyndham Tennant, cujas memórias escreveu. Nesse livro lhe foi dado o apelido familiar de “Bim” e, a este propósito, sabe-se que ela recebeu várias comunicações espíritas dele por médiuns de boa reputação. Autorizou-me a dizer que tanto mais a impressionou essa coincidência quando dela foi informada, no começo da locação, por ter tomado notas durante

as suas sessões com a sra. Leonard, no mês precedente, notas que agora lhe pareciam alusivas ao assunto. Suas notas, tomadas naquela época, encerram passagens como esta: “Chegam novas pessoas. Ela está muito satisfeita, não se trata exatamente de uma construção, mas de transformações, transformações no teto... Estão muito contentes com os vizinhos.”

Naquela época estava vaga outra casa na propriedade de Lord Glenconner e então se achava em andamento a reforma completa dos tetos dos diversos celeiros. Supunha-se que as frases citadas se referiam a esses trabalhos, que estavam longe de ser convincentes. Mais tarde, diz Lady Grey, à luz de acontecimentos ulteriores, essas alusões e outras semelhantes tornaram-se absolutamente claras ao pai de “Bim” e mesmo à mãe. Em outra sessão posterior com a sra. Leonard, perto de Londres, “Raymond” exprimia a sua satisfação ao saber que íamos para a casa que ele tinha em vista e esperava que ela conviria à saúde de sua mãe e agradaria. Foi o que aconteceu.

Observações: O episódio completo, no que se refere a “Raymond”, não é senão um dos numerosos exemplos em que ele mostrou conhecer os acontecimentos atuais e tornou-se útil. Até este ponto tudo é simples e de fácil explicação, mas como explicar a previsão da sra. Vera, caso se trate de uma previsão, feita num momento em que nenhuma intenção tínhamos de deixar os arredores da moderna cidade universitária, nem a menor idéia de ir morar no campo e como explicar, em particular, a possibilidade de prever os detalhes de uma casa que, naquela época, se achava em outras mãos, casa então servida como sede de fazenda? Eis fatos que escapam à minha compreensão. Tampouco compreendo a existência prevista de velhos quadros numa habitação que para nós naturalmente só poderia ser uma casa desprovida de móveis, como efetivamente o seria se, no momento de alugá-la, Lord Glenconner não a tivesse, durante a guerra, ornado com alguns quadros para torná-la mais confortável aos oficiais aos quais a havia cedido.

Nem tampouco tenho a menor compreensão da previsão de uma porta de igreja que em 1913 praticamente não existia, em que ninguém pensava e que se achava numa dependência da

cavaliária, quase a um quilômetro de distância. Somente de modo vago é que posso conjecturar uma espécie de “preparação” no além para produzir tais coisas. Porque, como já disse algures, a dedução do presente e o estabelecimento de projetos para o futuro são nossos dois métodos normais de predição nos negócios ordinários de nossa vida.

Nota suplementar – Penso ser oportuno desenvolver um ponto a que já me referi. É o de certas alusões, por antecipação provável a esse episódio, cujas anotações foram feitas por Lady Glenconner na ocasião de suas sessões com a sra. Leonard, em maio de 1919. Essas alusões eram tão anteriores ao assunto que permaneceram sem interpretação naquela época. Jamais víamos a casa, nem dela ouvimos falar e a ninguém poderia ocorrer a idéia de relacionar-nos com o assunto da mensagem até o dia do passeio com meu amigo Lord Glenconner numa data que verifico ser, conforme minha agenda, 12 de julho de 1919. Lady Grey permitiu-me ver as notas de uma sessão com a sra. Leonard em 1º de maio de 1919, da qual ela escolheu e transcreveu o que se segue:

“Bim” diz: Sabes que em breve ele terá algo a fazer por seu pai? – Sim, é verdade. Dentro de algumas semanas. A “Feda” dá ele a impressão de ser para o meio do verão. É algo de importante a respeito de L. Alguém que se chama L. será interessado. É um apelido de família. Um homem. “Bim” diz que a coisa se relaciona intimamente com o pai dele e que é importante. Em que sentido? pergunta Lady Grey. De modo material e, contudo, não se trata de negócios, mas de alguma coisa feliz, algo de mais elevado. Ambos vós ficareis tão contentes e felizes, mas é preciso um pouco de paciência antes de sua realização.

“O prédio vai ser parcialmente demolido – diz ainda “Bim” –, mas somente em parte e a coisa vai causar muita satisfação; algo referente ao teto”, acrescenta ele, “que será a reconstrução. Esse acontecimento me causará muita alegria. Vizinhos. Eles estão contentes por se ter podido arranjar o negócio.”

Classe III

Psicometria

“Há fatos novos e obscuros a explicar e, antes de ligá-los às coisas psíquicas e transcendentais, preciso se torna pensar em tudo o que o corpo humano possa descobrir, imaginar ou conceber. Pode-se admitir que todas as nossas faculdades conhecidas apenas formam uma espécie de clarabóia, um lugar por onde as influências exteriores e interiores virão o mais freqüentemente tocar os nossos centros sensoriais, enquanto que, em torno dessa clarabóia, todas as espécies de sensações obscuras e não classificadas se acham provavelmente dispersas.” (Fredrich Myers em *Human Personality*, II, pág. 269).

O exemplo que escolho para a terceira classe de fatos, isto é, a psicometria ou diagnóstico de um objeto, é muito longo para ser contado detalhadamente, a não ser em relatórios de uma sociedade do gênero da *Society for Psychical Research*.

Devo restringir-me a um resumo. As experiências que deram origem a este caso foram feitas no decurso da primavera e do verão do ano de 1901, ano subsequente à minha nomeação para Reitor da Universidade de Birmingham, que acabava de ser criada. Eu deixara, pois, a residência de Grove Park, Liverpool, e alugara outra casa em Edgbaston-Birmingham. Tudo fora dirigido pelo meu hábil e devotado assistente de Liverpool, sr. Benjamin Davies, que durante muitos anos me auxiliou eficazmente em muitas investigações científicas.¹⁰

A médium em questão era uma certa sra. Thompson, que morava numa pequena rua afastada de Liverpool e cuja clientela era principalmente constituída de gente pobre, a quem dava sessões e conselhos. Eu tinha razões para acreditar que as suas faculdades fossem reais e, conseqüentemente, o sr. Davies realizou algumas sessões com ela, a fim de pô-la à prova, comparecendo só e incógnito. Ele conseguiu acalmar as apreensões que ela teve quanto ao propósito de sua presença e em vista de conservar sempre o seu anonimato, mas, logo que se certificou de que não

se tratava de um agente policial ou jornalista, lhe deu sessões notáveis no decurso das quais, entre outras, registrou cerca de doze pequenas antecipações do que lhe aconteceria em futuro próximo. Mais tarde ele reconheceu que sete foram exatas, não podendo, porém, verificar a inexatidão das restantes.

O caso, porém, não é este. Basta dizer que essas sessões preliminares lhe deram confiança nas faculdades da médium. Aconteceu que entre a comunidade irlandesa de Liverpool se achavam amigos ou conhecidos do sr. Davies, entre os quais uma família de que um dos membros era paralítico e a quem chamarei David Williams. A fraqueza desse homem obrigava-o a permanecer deitado em cima de um canapé, consistindo sua única obrigação em fazer passar um pano de uma a outra mão. Trabalhara como mineiro irlandês no Transvaal e, quando estalou a guerra ali, ele e outros mineiros fugiram de Johannesburg e embarcaram de volta à Inglaterra. Adoecendo durante a viagem, seu estado se agravava dia após dia; provavelmente sofrera um acidente ao subir do fundo da mina no elevador apinhado de homens. O médico considerava o seu estranho caso de paralisia como dificilmente compreensível.

Desejoso de auxiliar os seus amigos, o sr. Davies propôs confiar à médium um objeto pertencente ao enfermo. Um irmão deste, acompanhado pelo sr. Davies, levou dois objetos, sendo um deles o pedaço de pano continuamente manejado pelo doente. Esse irmão não foi apresentado à médium, a quem entregaram os objetos sem nada lhe adiantar. Imediatamente ela percebeu tratar-se de um caso grave e deu poucos esclarecimentos, entretanto encorajaram-na porque desejavam realmente saber de que se tratava. Perguntaram-lhe se houvera acidente, ao que lhes respondeu: “Sim, houve um acidente em um lugar profundo e escuro, sendo o crânio comprimido” e exatamente indicou a sede do mal tocando a região occipital do sr. Davies. Acrescentou que era necessário praticar uma operação e indicou a localização de um coágulo de sangue perto desse lugar do crânio. Nada disso fora percebido pelo médico, entretanto considerei boa tal ocasião para tentar uma prova. Escrevi, pois, a um eminente cirurgião, o dr. Robert Jones, ora conhecido sob o título de Sir Robert, que

então clinicava em Liverpool, pedindo-lhe o favor de ir examinar o doente, cujo endereço lhe forneci, para determinar a natureza da moléstia, sem nada dizer (bem entendido) sobre o “diagnóstico” fornecido pela médium. Ainda que muito ocupado, teve ele a amabilidade de visitar o doente e verificou a existência de uma lesão no crânio, na região previamente localizada. Após a segunda visita, resolveu operá-lo. Um diagrama indicava a sede do ferimento, não visível, apontado pela médium, bem como o lugar próximo em que fora praticada a trepanação, assim como a posição anunciada do coágulo do sangue. Terminada a operação, o cirurgião não encontrou o coágulo, mas admitiu que nada havia de contrário à idéia de que pudesse ter existido um naquele lugar e que tivesse sido absorvido.

Parcialmente restabelecido, depois de certo tempo, pôde o enfermo indicar alguns detalhes relativos ao acidente, acreditando-se que ele houvesse se debruçado para fora do elevador na ocasião em que esse subia do poço da mina de Johannesburg e os mineiros tratavam de fugir ao estourar a guerra. Supõe-se que a sua cabeça se tenha chocado com algum ferro saliente.

Eis o relatório do cirurgião:

“30 de maio de 1902 – Operei David Williams, praticando um corte no lugar em que me parecia existir uma depressão no crânio. Verifiquei certo espessamento e uma aspereza no lugar do osso extraído e ainda alguma adesão da “dura mater” nesse lugar. Se houve um coágulo de sangue, ele deveria estar quase inteiramente absorvido e a aparência da “dura mater” se prestava perfeitamente à hipótese de um coágulo de sangue. Abrindo a “dura mater”, verifiquei que a “pia mater”, embaixo, parecia perfeitamente normal e que a pulsação do cérebro era bem marcada, excluindo, assim, toda teoria de pressão no interior do crânio. O enfermo achava-se em péssimas condições no momento da operação e essa aparentemente pouca diferença produziu. Não tornei a vê-lo durante uma quinzena, ou três semanas, mas, quando voltar da França, no dia 11 de junho, visitá-lo-ei e informar-me-ei de seu estado. *Ass.: Robert Jones.*”

Em tempo: Esqueci-me de dizer que houve, de fato, uma lesão no crânio, do lado de dentro. Um pouco mais tarde talvez eu possa extrair maior parte do osso.”

Muitos casos semelhantes de diagnósticos mediúnicos encontram-se em um livro do dr. Eugène Osty, vertido para o inglês pelo sr. Stanley de Brath e intitulado *As faculdades supranormais do homem*.

Classe IV

Exemplos de colóquios recentes sobre a vida póstuma e uma pequena prova de identidade

“Quando a morte atinge uma pessoa, poder-se-á supor que a sua parte mortal perece, enquanto que a sua parte imortal se retira à aproximação da morte, sã e salva... É indiscutível que a alma é imortal e imperecível e que as nossas almas viverão efetivamente em outro mundo. (*Fédon*, de Platão).

Introdução – O caso que vou recordar é de um aspecto diferente. É apenas o relato de uma das minhas palestras com “Raymond” a respeito do Além e das condições póstumas. Essa conversa se refere ao auxílio que os espíritos podem ocasionalmente dar-nos, auxílio mútuo que costuma ser assim estabelecido entre eles e os vivos. Certamente que tais colóquios se verificam com a colaboração daquele que, disto estou certo, é o meu velho amigo Fredrich Myers.

É dele que “Raymond” aprende tantas coisas e é com ele que trabalha como uma espécie de assistente. O mesmo “Myers” intervém, de tempos a tempos, para explicar ou desenvolver alguma frase. Antes de fazer o relato de uma parte da conversa que se segue, cumpre-me explicar uma coisa.

Eu sabia que “Myers”, quando vivo na Terra, se interessava pela idéia de ajuda mútua e da comunicação através do véu e que, por uma ou duas vezes, fizera alusão a um texto do capítulo XI da Epístola aos Hebreus, onde se lê: “Sem nós eles não se tornarão perfeitos.” Algumas vezes ele o citava de acordo com o

texto em latim da Vulgata. No decurso de uma conversa, julguei azada a ocasião para citar este trecho a “Myers” com o fim de saber o que ele diria. “Feda” agia como “controle” e não era fácil fazer-lhe transmitir alguma coisa estranha. Ela transmitia os sons da linguagem o melhor que podia, mas me parecia provável poder “Myers” compreender melhor uma das minhas próprias palavras. Perguntei-lhe se escutava; depois, referindo-me à recente conversa nossa, eu lhe disse: “ *Ut non sine nobis consumarentur*” (Creio que eu deveria dizer *ne* em vez de *non*, segundo certa versão). Foi-me dito que “Myers” fazia um sinal com a cabeça para indicar que compreendia e que pronunciava algumas palavras que “Feda” misturava, de modo que, apesar de tudo, fui induzido a escrever algo como *Rebus in ora* (ver mais abaixo). “Myers” respondeu: “Não está direito, porém não modifique coisa alguma”, evidentemente com a idéia de que eu corrigiria mais adiante.

Passadas duas ou três semanas, ao ler as notas que estavam sendo datilografadas, veio-me a idéia de que talvez fizesse ele alusão ao texto da passagem da Epístola aos Hebreus. Não me lembrando do texto, fui procurá-lo. As palavras que o precedem são: “Deus preparou algo de melhor para nós.” A passagem continua: “A fim de que sem nós eles não possam tornar-se perfeitos.” Escrevi ao meu amigo dr. Rendall, antigo Provisor da Chaterhouse, para lhe perguntar se na Vulgata havia algo capaz de elucidar a grosseira tentativa de “Feda” de interpretar as palavras de “Myers”. Ele me sugeriu as palavras *nobis meliora*, que pensava, bem poderia ser a rápida recordação de “Myers” das principais palavras do texto, quer dizer “coisa melhor para nós”, porque, ainda que seja empregado o singular *melius aliquid*, na versão autêntica, igualmente correto é o emprego do plural. Em suma, estou disposto a admitir que a sua sugestão é boa. Não insisto e não me baseio nele, mas é um exemplo da maneira empregada algumas vezes por “Myers”. Assim, quis ele provavelmente indicar haver compreendido a frase latina, que, a despeito de sua grande simplicidade, era ininteligível para “Feda”, bem como para “Raymond”, do que estou certo, e igualmen-

te ininteligível, naturalmente, para a sra. Leonard, em estado de transe.

Como seqüência a esse episódio comparativamente sem importância, citarei agora um trecho da conversa que a ele se refere e, por esse meio, aproveitarei a ocasião para mostrar que as nossas palestras com o Além não se limitam aos afazeres domésticos e a outras ninharias, mas que freqüentemente tratam de assuntos mais elevados e mais generosos. De espaço a espaço, acrescento um comentário entre aspas, mas de outro modo deixo o relato tal qual foi feito. “Feda” é o “controle” ou “guia” da sra... Leonard¹¹ e, ainda que seja menos infantil que outrora, ainda é algumas vezes divertida em sua graça e irresponsabilidade. Difícil é obter dela informações sérias e é esta a razão por que “Myers” geralmente prefere o sistema de “mesa falante”, mais lento, porém mais preciso, método empregado de tempos a tempos com a sra. Leonard. O nome que “Feda” aplica a “Myers” é “Senhor Fred”. Às vezes “Raymond” afetuosamente o chama de “tio Fred”, porém com mais freqüência (especialmente no começo) de “senhor Myers”.

Compilação das notas da sessão com a sra. Leonard em data de 16 de setembro de 1927

Fica entendido que “Feda” é a pessoa que fala, que transmite o que lhes dizem e que muitas vezes se exprime na primeira pessoa. Às vezes cede o lugar a outro “controle”, que diz algumas frases. Após algumas observações relativas a projetos, ela diz que, segundo “Myers”, um de meus livros, prestes a aparecer, conteria “algumas experiências psíquicas, não apenas experiências antigas, mas algumas *novas*”.

O. Lodge – Bem, desejo publicar algumas palestras que mantive com ele e “Raymond”.

Resposta – Sim, não só como provas, mas também do ponto de vista de seu interesse geral.

O. Lodge – É o que eu desejaria fazer.

Resposta – Tendes muitas provas que são satisfatórias. Já agora deseja-se saber o que fazemos, como vivemos e o que

pensamos das coisas que vos interessam, e assim por diante. É nossa a idéia do livro. “Raymond” diz: “Pergunta-se muitas vezes se dizemos algo de interessante. Dizem que sempre nos limitamos a dizer: “Achareis uma fotografia que nunca vistes, na gaveta de uma escrivãzinha”. (Aqui “Feda” interrompeu para dizer: “Como é que ele fala. Que mau é!”). Já estão fartos de cofres desconhecidos e de fotografias. Agora querem saber e conhecer as nossas idéias e as nossas vidas, e até que ponto podemos ajudar aos que vivem na Terra.

O. Lodge – Não nos dizeis grandes coisas.

Resposta – Falta tempo.

O. Lodge – É verdade, eu desejaria mais algumas sessões (com a sra. Leonard eu só havia feito duas ou três sessões, durante o ano).

Resposta – Eu desejaria fazer-vos cientes de uma coisa: até que ponto e como nos é permitido ajudar a gente aí da Terra. É-nos permitido auxiliar-vos por todos os meios que não afetem o vosso livre arbítrio. Se percebemos que tendes o desejo de cometer um erro, não nos será permitido atirar-vos pela escada abaixo para quebrar-vos a perna e impedir assim consumeis o erro. Isto seria afetar o vosso livre arbítrio. Não nos permitem hipnotizar-vos e fazer-vos assim mudar de intenção, mas podemos sugerir-vos algumas coisas e recordar-vos certas condições, esperando que mudeis de resolução. Não podemos, contudo, forçar-vos a isso. A evolução do espírito é toda razão de ser da vida. Isto é simples. Pergunta-se: Por que isto? Por que aquilo? A razão de ser da vida é o desenvolvimento do espírito. O livre arbítrio é o fator admirável que permite ao homem escolher entre o bom e o mau. Não podemos escolher em seu lugar. Eis por que não gostamos de constranger-vos e dizer aos assistentes de uma sessão o que deveriam ou não fazer.

O. Lodge – Sim, mas às vezes estais mais bem informados do que nós e podeis ver no futuro.

Resposta – Sim, sim, mas durante todo esse tempo nós vos levaremos ao bom caminho, sem vos forçar e, desde o momento

em que vós, que estais na Terra, o escolhestes, permitido nos é ajudar-vos por todos os meios possíveis.

Também querem que lhes demos uma idéia clara e precisa de nosso meio. “Raymond” diz: “Não nos será preciso muito tempo para fazê-lo. Agora eu quero fazer breve alusão a alguma coisa.” (refere-se, sem dúvida, aqui a algo que eu sugerira inteiramente hipotético, no momento de uma sessão precedente, como um meio possível de explicar sua apreciação de árvores e outros objetos supostos existirem do “outro lado”).

Pensastes que o nosso mundo é provavelmente, igual ao vosso, observado deste outro lado: outra visão dele.

O. Lodge – Sim. É assim?

Raymond – Visto ser o nosso mundo tão diferente do vosso sob certos aspectos, um pouco difícil é considerá-lo debaixo deste ponto de vista, mas estou perfeitamente de acordo convosco acerca de um ponto que parece condizer com a vossa teoria, e ei-lo: Tudo o que é necessário ao homem, tudo o que o homem faz seu, por assim dizer, possui um duplo etérico. Nós vemos esse duplo etérico.

Exemplifiquemos com uma cadeira. Pode acontecer que a cadeira que vedes em vossa casa, a vossa cadeira, material, e a cadeira que vemos aqui, que é a cadeira etérica, sejam de fato a mesma cadeira, todavia a cadeira etérica parece estar conosco. Já sabeis do espanto dos espíritos comunicantes, principalmente os recém-desencarnados, quando tornam a encontrar a mesa, a cadeira ou o quadro que estimavam na Terra. Vós os suporíeis como sendo os mesmos vistos de um outro lado.

O. Lodge – Estais de acordo?

Raymond – Papai, é justamente nisto que está para a mim a dificuldade de dizer se estais errado ou tendes razão, porque o espaço e o tempo tão pequena significação têm para nós comparativamente com o que são para vós, porém muitas coisas sugerem que tendes razão. O que o “tio Fred” diz é que condições mentais e desenvolvimentos espirituais diferentes podem negar a ilusão de espaço e de tempo. “É Exato, diz ele, e importante em cada sentido; é verdade que isto cria uma distância. Pareceu-me

sempre que comecei por viajar; quando os deixei, pareceu-me que eu deveria percorrer certa distância para os reencontrar. Eu tinha a impressão de que deveria deixar nosso lugar para o lugar em que vocês se achavam.”

Agora fala o “senhor Fred” (a “Raymond”) e diz:

“Sim, jovem, isto é perfeitamente exato, mas não percebeu você, que era sua maneira de ver que fazia toda diferença? A distância agora não lhe parece tão grande, agora não a percebe. Quando voltou, ficou impressionado com o começo de sua nova vida e lhe parecia que revivia em novas condições. O seu espírito estava persuadido de que se tratava de um novo estado de coisas, de um lugar distante daquele de onde você veio. Assim, quando pensava na casa de seu pai, ela lhe parecia essencialmente diferente. Foi preciso que vencesse o sentido da distância. A razão pela qual não percebe mais a distância é que, agora, já atravessou muitas vezes o abismo ilusório.”

Raymond – Sim, papai, deve ser assim, mas eu não posso ver as coisas inteiramente como o “tio Fred” e dizer que não haja nenhuma distância entre o vosso e o nosso mundo. Contudo, o “tio Fred” crê que ela não existe. Talvez mais tarde eu possa pensar e ver precisamente como o “tio Fred”. Notai bem que não tenho a pretensão de dizer que ele não esteja com a verdade, mas não vejo inteiramente do mesmo modo.

O. Lodge – Pois bem, “Raymond”, vou agora formular uma pergunta: Suponho que contemple a forma etérica de qualquer objeto material. Pego um machado e corto-o em pedaços. Que aconteceria à forma que você observa?

Raymond – Papai, isto muito dependerá (e é bem importante) de vossa atitude mental no momento em que destruí o objeto.

E esclareceu ainda dizendo que, se se tratar de um objeto de estimação, a forma etérica poderá ainda subsistir, mas, se o objeto for destruído em consequência de um mau humor ou aborrecimento provocado pelo objeto, “esse desapareceria no éter geral, informe, no éter que ainda não se moldou, que ainda não recebeu a vida. Pode-se modelar o corpo etérico de uma coisa – de um piano, de um relógio, de uma mesa – amando-a e

gostando de sua companhia. Assim se lhes imprime uma espécie de vida etérica, se lhes dá o molde mental ou a forma etérica dele”.

O. Lodge – Uma espécie de materialização às avessas?

Raymond – Algo de semelhante.

O. Lodge – Quer dizer que não vê as coisas materiais a menos que nelas pensemos?

Raymond – Papai, nós não vemos as coisas materiais. Quando dizemos que fazeis tal ou qual coisa é porque os vossos pensamentos nos orientam. Podemos ir ao teatro convosco e gostar do espetáculo, mas suponhamos que ali estivésseis bem aborrecido, que não acompanhásseis a peça, e logo teríamos feito triste idéia dela, a menos que observássemos a força do pensamento de alguém perto de nós.

O. Lodge – Quer dizer que vocês vêem as nossas coisas por meio de nossos olhos?

Raymond – Sim, podemos fazê-lo, mas devo dar uma explicação. Podeis compreender que não só vemos as coisas por vosso intermédio, mas por causa de vós? (Provavelmente como na mediunidade – *O. Lodge*). É difícil explicar por meio de “Feda”. (Já sabeis que uma parte de vós pode ver sem que os seus olhos registrem o que vêem). Ver sem ver. Uma parte de vós deve registrar as coisas, mas a outra não. Algumas coisas roçam a mente consciente para passar ao subconsciente. Não deixam nela nenhuma impressão, porém nós podemos utilizar sua impressão subconsciente das coisas.

O. Lodge – Do mesmo modo, creio que vemos as coisas espirituais por vocês e por causa de vocês.

Raymond – Precisamente, papai, é justamente a mesma função. Quando viveis conscientemente em contato conosco e as nossas vidas, tornar-vos-eis capazes de colher, em certas fontes, conhecimentos que pertencem ao nosso plano. Queremos que procureis ver e ouvir as coisas do nosso lado, assim como fazemos com o vosso. Tanto melhor o poderdes fazer tanto mais subireis. O “senhor Fred” diz: “É verdadeiramente achar Deus por nosso intermédio”. Não quero dizer que não o achareis

diretamente, porém o caminho mais direto para se chegar a Deus é talvez por meio de nós. Podeis ir diretamente a quem quer que seja? Há sempre uma série de etapas entre vós e a vossa meta. Se Deus é o vosso fim, podeis atingi-lo por nosso intermédio. Em minha opinião, é um dos melhores caminhos.

Sinto que quanto mais vós, habitantes da Terra, fazeis uso da vista e do ouvido, tanto mais somos capazes de ver em vosso plano. Quanto mais o seu alcance for aumentando, tanto mais nos ajudareis estender o nosso.

O. Lodge – Vou então dizer, “Raymond”, algo que “Feda” não compreenderá e que você não o compreenderá também, mas o “senhor Fred” entenderá, se ele me ouvir. Ouve-me ele?

Raymond – Sim, ouve.

O. Lodge – Muito bem, pois, *ut non sine nobis consummarentur*.

Raymond – Ele está de acordo e pronuncia palavras estranhas, como *rebus in, rebus in tore tory, in ora hora, inora, rebus in*, alguma coisa *ora*. Sacode a cabeça e diz: “Não inteiramente exato.” Ele crê que é muito importante que as duas vidas, a psíquica e a física, sejam entrelaçadas muito conscientemente, o que, em certo sentido, aumentará a vida etérica no plano físico.

Diz para vós que é verdadeiramente desejável aumentar na Terra o que chamamos de vida etérica. Mais aprofundamos, mais estendemos a vida etérica na Terra, mais a apreciamos, mais a avaliamos, mesmo que seja de uma cadeira ou de uma mesa, menos nos mergulharemos no pântano da vida animal e física. Temo-nos ocupado de tal modo com o aspecto simplesmente animal e físico da vida que nos esquecemos da parte etérica. Quando compreendermos o valor etérico das coisas, não seremos mais obsidiados por aspectos materiais, como dinheiro. Sinto que poderemos legar uma herança de melhor saúde à futura geração quando compreendermos o éter.

O. Lodge – “Myers”, a vida física não é nenhum pântano.

Resposta – Não. Quando compreenderdes melhor o éter, sabereis apreciar melhor a ordem física e material, o vosso corpo, a vossa beleza, tudo o que é físico, mas não ficareis submersos

nem vencidos por ele e então sabereis apreciá-lo em seu justo valor. O lado temporário da vida pode ser muito belo. Não quereis perder, no sentido material da vida, um dos vossos filhos, não é? Mas quando virdes o lado etérico do vosso filho ou de uma outra pessoa, já considerareis de outra forma a vida na Terra. Não se deve nunca desprezar a ordem material; competenos, sim, torná-la tão bela quão possível e apreciá-la tanto quanto pudermos.

A conversa tomou em seguida outra feição e breve terminou. Não preciso dizer que considero essas palestras como um debate entre amigos e em que ninguém é infalível, embora alguns estejam mais bem informados do que outros. Não se deve considerá-las como oráculos, porém bastas vezes são sugestivas. Toda tendência para muita fé em informação obtida de outro modo que não pelos nossos próprios esforços deve ser desaprovada. Isso pode ser demonstrado por exemplos da Antigüidade.

Classe V

Oráculos – Notas relativas a casos antigos de consultas a oráculos

Permiti-me terminar a citação destes exemplos de fenômenos mentais diversos recordando aos meus leitores alguns casos familiares e antigos de prática de adivinhação e particularmente um caso de excelente prova, imaginado por um homem que adquiriu um pouco da sabedoria de Sólon ao mesmo tempo que a prosperidade material. Designá-lo-ei pelo nome de *Uma tentativa antiga de pesquisa psíquica*.

Diz-se, às vezes, de passagem que a Ciência Psíquica é muito antiga, o que não é verdade, mas os fenômenos psíquicos são tão antigos quanto a humanidade. A Ciência mesmo é comparativamente nova e a pesquisa psíquica é mais nova ainda, todavia não era desconhecida dos antigos. O rei Saul fez uma boa experiência quando procurou, sob anonimato, certo médium, embora a mensagem obtida não fosse encorajadora. O médium, uma boa pessoa que se ocupava de seus cuidados corporais, insistindo

para que ele fizesse uma refeição, temia primeiro transgredir uma lei recentemente promulgada e obter assim uma manifestação mais forte do que esperava. Os casos de consultas a videntes domésticos ou médiuns (Gad, Iddo e outros) são inumeráveis entre os reis israelitas e parece que essas consultas deram muitas vezes bons conselhos.¹² No período clássico, os casos de socorro às práticas ocultas eram comuníssimos. A notável experiência de Creso, rei de uma grande parte da Ásia Menor, comprovando o valor dos oráculos ao consultá-los seriamente, é bastante boa para satisfazer a *Society for Psychical Research*, supondo-se que a narrativa feita por Heródoto seja exata. Cito apenas um extrato de um velho exemplar da *Light*. Creso enviou mensageiros a seis oráculos diferentes, sem dúvida os melhores e os mais famosos de seu tempo. Eles se achavam dispersos em todo o mundo conhecido da Grécia do Norte até a longínqua Líbia.

“Os mensageiros foram enviados por caminhos diferentes. Creso, tendo a intenção de pô-los à prova, caso em que ficaria sabendo se eles diziam a verdade, mandou perguntar-lhes o que fazia Creso em tal momento, trazendo, por escrito, a resposta de cada oráculo.”

Heródoto nos diz que ele não conhecia as seis respostas, a não ser a de Delfos, que foi dada pela célebre pitonisa (falando em estado de transe); acrescenta, entretanto, que uma outra resposta satisfez a Creso, a do oráculo de Anfiaraus (em Oropes, na Ática), mas preferiu a resposta de Delfos, provavelmente porque era mais clara. Essa profecia délfica se tornou famosa e Heródoto a cita, escrita tal qual em versos hexamétricos:

Conheço o número de grãos de areia e a extensão do mar.

Compreendo os mudos, escuto aquele que não fala.

O sabor da tartaruga de concha dura cozinhada no bronze com a carne de carneiro aguça meus sentidos.

O bronze é posto por baixo e o bronze é posto por cima.

A prova proposta por Crespo foi bem imaginada e precauções especiais tinham sido tomadas. Os mensageiros receberam ordens de fazer suas perguntas no centésimo dia seguinte às suas partidas e cada um deles levava a mesma pergunta e essa pergunta era: “Que fazia Crespo naquele momento?” Evidentemente, tal intento, se foi devidamente executado, impediria qualquer conluio e ainda leitura de pensamento da parte do oráculo na mente dos mensageiros. Esses a ignoravam completamente: a leitura de pensamento estava fora de causa. É possível que o próprio Crespo não tivesse decidido ainda o que fazer, pois, verdadeiramente inquieto, tinha tido a sabedoria de nada decidir até os seus últimos dias.

“Ele procurou o que seria impossível de descobrir ou de adivinhar e, no dia pretendido, cortou em pedaços uma tartaruga e um carneiro e os fez cozinhar juntos em um caldeirão de bronze com um tampo de bronze.”

O resto, como todo mundo sabe, não foi tão feliz, pois Crespo então se fiou imprudentemente no oráculo. Enviou uma segunda pergunta a propósito de sua projetada invasão da Pérsia. Recebeu uma resposta suscetível de dupla interpretação e agiu segundo a pior, com resultados desastrosos. Seu vencedor, Ciro, o ouviu, antes de sua execução iminente, citar Sólon: “Não chameis nenhum homem de feliz antes de estar morto” e, magnânimo, lhe poupou a vida.

Capítulo V

Métodos de comunicação ou mediunidade

“Parece necessário insistir... em que a conformidade com as conclusões do “senso comum” ou mesmo da filosofia escolástica não basta por si só para tornar uma hipótese absurda ou insustentável.” (Mac Dougall, em *Body and Mind*, pág. 363).

* * *

“Somos atualmente testemunhas do desenvolvimento do mistério principal da vida humana sob condições novas, com o início de uma observação mais completa do que nunca. Temos um espírito utilizando um cérebro. O cérebro humano é, em última análise, um arranjo material especialmente adaptado para ser manipulado por um Espírito, mas, enquanto governado pelo Espírito habitual, o seu funcionamento é geralmente mais fácil para permitir-nos a observação do mecanismo. Agora já podemos observar um Espírito, não acostumado ao instrumento, ali se instalar e estudá-lo.” (Fredrich Myers, em *Human Personality*, pág. 254).

Uma das razões pelas quais certas pessoas acham que é difícil acreditar nas afirmativas referentes à mediunidade ou na narração das comunicações com a pretensão de provirem dos desencarnados, por intermédio dos médiuns, é que elas não podem fazer nenhuma idéia do seu processo, de modo que isso lhes parece estranho e impossível. Todavia, os testemunhos relativos à realidade das coisas são bem consideráveis e aumentam de volume rapidamente. Os que fizeram experiências falam delas como sendo bastante simples e natural. O hábito só basta para nos acostumar gradualmente a comunicar com os mortos, como já nos acostumou à conversa habitual com os vivos, porque, se fizermos a análise do processo da conversa habitual, nós desco-

briremos aí traços tão bizarros como aqueles que encontramos na literatura chamada espírita.

Com o fito de esclarecer isto, peço aos meus leitores ou àqueles que experimentaram essa dificuldade, que estudem a natureza de nossas ações normais, particularmente essa parte familiar de nosso organismo que rege a atividade recíproca da inteligência e da emoção.

Examinemos, pois, o que sabemos todos, mas também o que poucos talvez saibam a respeito dos métodos usuais da comunicação mediúnica.

Métodos de comunicação em geral

A experiência comum da humanidade mostra que cada indivíduo é composto de um corpo e de um Espírito, um Espírito para o entendimento e a concepção e um corpo para a recepção de um estímulo e a execução das intenções. Sabemos também que é por nosso corpo que reagimos sobre o universo material que nos cerca e que os nossos pensamentos e as nossas vontades são impotentes e ineficazes a menos que uma parte do nosso corpo seja posta em movimento. A nossa atividade corporal consiste e se resume na contração muscular. O resultado dessa contração é, primeiramente, o movimento dos nossos membros e em seguida tal porção da matéria terrestre, não muito pesada ou muito fortemente fixa, que está em contato conosco. O movimento da matéria de um conjunto ou de uma porção de um objeto material, eis o que podemos realizar e nada mais realizamos na esfera física. Se pomos em movimento uma porção somente de um corpo sólido, nós a submetemos a uma tensão, que pode ser elástica. Esta pode exigir um esforço contínuo para a sua conservação, ou, se a matéria for plástica, pode dar em resultado uma distorção permanente dela. Se pomos em movimento uma porção material isolada, esse movimento continuará por causa das suas propriedades materiais, até a paralisação proveniente de sua resistência. Tudo o que fazemos no plano

físico pode se resumir como movimento e, por consequência, como reajustamento da matéria.

Todo o efeito ulterior resultante do movimento, quer seja a tenção de um impulso, o incêndio de um edifício, a produção de um ruído, a geração de uma corrente elétrica ou a germinação de uma semente, é causado pelas propriedades componentes da matéria sobre as quais não temos nenhum controle. Um acontecimento pode ser imaginado ou arranjado por nós, mas não podemos atingir o nosso fim senão dispendo de porções convenientes da matéria de modo a permitir suas propriedades agirem como desejamos. A produção verdadeira do resultado não cai, de modo algum, sob o nosso poder direto.

Nossa ação sobre o mundo físico limita-se ao início ou à regularização dos movimentos. Empregando a energia, que, de outro modo, se perderia, podemos guiá-la nas direções desejadas e, por meio dessa direção física, executaremos uma diversidade espantosa de esforços.

Primitiva e diretamente, portanto, estamos limitados a uma intervenção muscular. Pelo lado receptivo, não estamos tão limitados, pois que somos dotados de certos órgãos de sentidos que nos permitem apreciar os agentes físicos que chamaremos de “som, luz e calor”, tanto quando apreciamos os simples estimulantes do movimento e da força. Podemos receber impressões pelos nossos músculos e a nossa pele em geral, mas as recebemos também pelos órgãos especializados de nossos sentidos. Qualquer agente físico supracitado pode ser empregado para o fim de comunicação elementar. Tudo o que temos a fazer é agir sobre a matéria, de modo que variações e flutuações sejam aplicadas sobre a intensidade de tais agentes, pois que, aliás, como se sabe muito bem, os nossos sentidos não reagem a todo fenômeno que se processa de um modo perfeitamente uniforme, só sabendo apreciar a modificação. Podemos fazer sinais por variações de som, luz ou temperatura, bem como por mudanças de movimentos e de pressão, ainda que o método utilizando a temperatura não seja, ao que sei, atualmente usado, exceto talvez, de tempos em tempos, por um prestidigitador.

É perfeitamente possível que algum de nós possa responder ao pensamento direto, mas isto não é ainda um método de comunicação e praticamente podemos dizer que, se queremos comunicar-nos com os nossos companheiros, clara e inteligentemente, é preciso fazer mais do que *pensar* as idéias que desejamos enviar, é preciso dizê-las ou escrevê-las e com este fim empregar um cérebro e um mecanismo nervoso para pôr em ação certos músculos. Em outros termos, é preciso governar uma máquina corporal de modo que ela seja impelida a fazer sinais convencionais em uma folha de papel ou bem produzir vibrações na atmosfera de um modo previamente estabelecido, chamado linguagem, escolha essa com relação aos ouvintes, sempre que o conhecimento do orador lhe permita usar os numerosos códigos convencionais.

Estamos de tal forma habituados a esse método de comunicação oral ou pitoresca que ele nos parece não só natural, mas inevitável; todavia não é verdadeiramente um processo simples, porque quanto mais o analisamos, tanto mais ele nos surpreende. O pensamento, ou a emoção, quando transmitido, deve forçosamente tomar a forma de uma vibração atmosférica ou etérica, atmosférica se meios acústicos forem empregados, como a música ou a palavra, etérica se um método ótico for empregado, como pela escrita ou a pintura. Podem existir ainda outros intermediários, tais como uma vibração elétrica, por exemplo, no caso de um fio telegráfico intervindo como parte de um mecanismo transmissor. Toda a operação é singularmente mecânica, mas deve-se notar que, em cada caso, é preciso interpretar mentalmente o fenômeno físico antes de sua terminação, pois, de outro modo, o esforço oratório ou qualquer outro se perde, transformando-se em uma pequena quantidade de calor. O poder de percepção dos ouvintes ou dos leitores eventuais depende, primeiro, de sua vontade de permitir o estímulo físico agir sobre os seus órgãos, em segundo lugar depende de seu conhecimento do código e, em terceiro lugar, da extensão de sua própria faculdade simpática e interpretativa.

Cada uma dessas três condições é essencial a fim de que um estímulo físico possa aparecer como uma idéia, ao passo que,

olhando do ponto de vista da pessoa transmissora, o processo de comunicação consiste na entrada, em ação e na direção, do mecanismo corporal de que é munido para representar sua atividade mental sob a forma desejada. Nossa familiaridade com a operação não deve iludir-nos quanto ao seu caráter notável e maravilhoso. Quando refletimos sobre a verdadeira natureza da palavra, da escrita e da produção artística, consideradas somente do ponto de vista de sua natureza física, é inteiramente surpreendente que as idéias e as emoções possam ser transmitidas de tal maneira.

Sem dúvida, é preciso encarar o processo como sendo principalmente de natureza mental, visto que, à parte o código conhecido e a inteligência, quase todos os instrumentos podem ser utilizados como veículos de comunicação. Um diafragma de telefone (um delgado disco circular de folha) pode captar espantosamente toda a complexidade das vibrações indispensáveis à palavra articulada ou ao toque de uma orquestra.

Os sons de cada instrumento são reproduzidos. Uma alavanca, fazendo o seu tique-taque, com uma repetição monótona, fala ao operador telegráfico com uma voz clara e certa. Pode-se transmitir ordens ou informações de uma grande importância com uma bandeirola na mão ou por oscilações de um raio luminoso. Uma linha ondulada, traçada em um pedaço de papel por um tubo de vidro deixando um risco de tinta sobre o papel móvel, é o método habitual de recepção de notícias vindas de até do fim do mundo. O traço registrado por um risco de tinta se mostra aos olhos do espectador não instruído tão ininteligível quanto aos de um selvagem. O mistério, que o espírito popular atribuía ao telégrafo sem fio, quando de seu início, é um exemplo do fato de que o povo é inclinado a supor que os métodos físicos de comunicação são estranhos e fantásticos desde o momento em que eles lhe são desconhecidos.

Tomando dois espíritos sincrônicos em razão de seus conhecimentos comuns e conhecidas também as suas faculdades de transmissão e de recepção (porque elas não se adquirem naturalmente: experiências em asilos para surdos e mudos), nós verificamos que quase todos os instrumentos poderiam ser utilizados

para transmitir idéias. Basta tornar ativo qualquer processo físico e fazer nascer no mundo material algum movimento. A atuação através do mundo material parece indispensável pelo menos durante o tempo que tivermos cérebro; entretanto o fato de que o Espírito possa agir pouco que seja sobre a matéria fica obscuro. Como transpor o abismo entre o psíquico e o físico? Por quais meios pode a nossa idéia ou a nossa vontade modificar o movimento da menor porção de matéria, quer seja esta o dedo mínimo ou uma célula cerebral? Tudo isto é, presentemente, uma incógnita. Assim não temos nenhuma teoria para a explicação na categoria das impressões psíquicas de um estímulo físico.

Alguns filósofos dizem-nos que, na nossa falta de compreensão concernente à conexão entre a causa e o efeito (neste caso, à ação recíproca entre o psíquico e o físico), não há nada de excepcional. Nós nos apercebemos da dificuldade mais facilmente aqui do que nos casos comuns, mas esta dificuldade existe por toda parte e o nosso erro é o de não vislumbrar tal dificuldade.

Assim, diz Lotze, ainda que eu não esteja inteiramente de acordo com ele:

“O fundo deste erro é que nós cremos possuir sempre um conhecimento da natureza da ação recíproca das coisas umas sobre as outras, conhecimento que não só não possuímos, mas que é impossível em si mesmo. Daí considerarmos a relação entre a matéria e a alma como excepcional, pois ficamos espantados ao percebermos que não temos conhecimento algum da natureza das suas relações recíprocas.

É fácil demonstrar que, na relação entre o corpo e a alma, não existe nenhum enigma maior do que em qualquer exemplo de causa e efeito. Somente a nossa falsa vaidade de compreender algo em um caso excita o nosso espanto de nada compreender no outro.” (Citação de Lotze pelo prof. Mc Dougall em *Body and Mind* – Corpo e Mente, pág. 207).

Estou de acordo em que não podemos compreender inteiramente a ação de uma porção da matéria sobre outra, da mesma maneira que a força exercida por um átomo sobre outro, a menos que tenhamos conhecimento das ações elétricas ou magnéticas,

isto é, a menos que conheçamos o éter. E insisto em que, se não podemos esperar chegar a uma compreensão racional da ação recíproca entre a alma e a matéria, seremos forçados a fazer um apelo, de uma forma ainda desconhecida, a essa grande e substancial entidade física como intermediária.

Mas, embora a natureza da ação recíproca entre o físico e o psíquico seja desconhecida, o fato em si mesmo é certo e familiar, de tal modo familiar que não desperta atenção alguma. É considerado como um fato normal. Nós mesmos (isto é, o nosso “eu” espiritual e o mental) somos um fato positivo. Governamos a energia terrestre, pomos em movimento a matéria, modificamos sua configuração e produzimos efeitos que, antes, não se realizavam. Partilhamos desse poder, até um certo ponto, com todos os animais, que, igualmente, produzem estruturas específicas, tais como ninhos, teias de aranha, conchas, porém, entre tais atividades animais, há algumas delas especificamente humanas e mais especialmente esses sinais físicos aceitos pela nossa porção da humanidade e que são inteligíveis à nossa raça. O instrumento por meio do qual executamos tais coisas no plano físico é primordialmente o sistema cérebro neuromuscular, compondo a maior parte de nosso corpo.

De uma forma ou outra, nós utilizamos ou estimulamos o cérebro, de sorte que um impulso passa pelas suas fibras com uma ligeireza que se pode medir e faz contrair um dado músculo de uma maneira determinada. Pode-se verdadeiramente considerar o processo como milagroso ou como toda outra coisa, mas, qualquer que seja a sua natureza, ele existe, embora não possamos analisá-lo completamente. Portanto, podemos dizer que a menor execução de um movimento, seja a simples piscadura de uma pálpebra ou o franzir do nariz, nada é deslocado (nada, a menos que não admitamos a possibilidade da telepatia, que ainda não foi devidamente reconhecida), porém, se o dispositivo é uma porção de matéria, por exemplo, o manipulador de um telégrafo Morse, um semáforo, ou, melhor ainda, uma pena ou um lápis, permitindo o movimento à vontade, não há limite à inteligência ou à emoção, que é assim possível de transmitir indiretamente.

Todos os métodos de transmissão, qualquer que seja a forma de utilização, pressupõem uma outra pessoa (dotada de percepção) possuidora de um instrumento conveniente para receber a impressão física e bastante alerta na sua interpretação mental. Podemos assim estimular o mecanismo e os Espíritos dos outros bem facilmente se temos um transmissor. Alguns instrumentos valem mais do que outros, mas não importa qual instrumento quase possa bastar e é claro que a laringe, com o seu aparelho, não é senão um instrumento mais altamente especializado para a sua função que toda outra porção da matéria, visto que é o instrumento que temos especialmente adestrado e ao qual já estamos habituados.

Possibilidade de um instrumento emprestado

Podemos agora admitir que toda pessoa possui uma laringe e uma mão ligadas a um sistema cérebro neuromuscular semelhante ao nosso e que algumas desenvolveram o emprego desses instrumentos pela educação quase da mesma maneira que nós. Seria possível que o mecanismo transmissor de uma outra pessoa não possa jamais ser empregado por nós em lugar do nosso?

Suponhamos que um físico ou qualquer químico faça entrar em um laboratório uma outra pessoa e ali busque fazer alguma experiência ou dirigir alguma investigação. Ele acharia muitas dificuldades, pois que não saberia então em quais ordens as coisas estariam arranjadas, embora, sem embaraços, tivesse êxito até certo ponto. Ele veria objetos familiares, tais como balanças, provetas e frascos e conheceria quase todos os usos do aparelho. Haveria muitos de que não teria necessidade e faltariam alguns que lhe seriam necessários, mas ele acharia meios de escolhê-los e de adaptá-los mais ou menos aos seus fins e utilizá-los a seu modo.

A questão se resume então em saber se esse laboratório de que alguém é dono, ao qual alguém está acostumado, pode, por um meio qualquer, funcionar e ser utilizado por uma inteligência estranha, que não é o seu proprietário. Em outros termos, per-

gunta-se se um pensamento ou uma idéia, no Espírito de uma pessoa, pode excitar um movimento ou produzir uma resposta qualquer no mecanismo de uma outra.

O fato experimental da telepatia parece sugerir que uma coisa semelhante é possível. A ação telepática comumente produz-se entre dois Espíritos e a passagem do psíquico para o físico pode-se fazer de maneira habitual, porém a faculdade de telergia, ainda mais obscura, à qual em aparência somos às vezes obrigados a recorrer para achar a explicação para um fato observado, parece demonstrar que o aparelho transmissor de um sensitivo ou de uma pessoa excepcionalmente dotada pode às vezes ser posto em atividade por uma outra inteligência, desde que o seu dono queira deixar vaga uma parte de seu organismo e que ele seja bastante generoso para permitir que um outro faça uso dele. Que a operação, em um dado caso, seja feita pela telepatia ou telergia, é um detalhe, e que a operação será rara ou freqüente é igualmente de pouca importância. A coisa principal é que o mecanismo corporal de algumas pessoas, embora geralmente sob o controle delas, não o é exclusivamente. Os fatos da personalidade múltipla sugeriram há muito tempo a existência do controle de uma inteligência por outras inteligências estranhas, estas nem sempre sendo benfazejas. A faculdade, assim demonstrada patologicamente e reconhecida sem controle, pode, em certas circunstâncias e condições melhores e mais sãs, ser utilizada para serviços simpáticos.

Os médiuns são pessoas que possuem a faculdade de permitir que os seus organismos sejam operados por outras inteligências que não as suas. A mediunidade não é, pois, senão a resposta fisiológica a um estímulo de uma outra inteligência e que ela seja ou não uma verdadeira faculdade é uma questão de evidência. Digo explicitamente, tanto quanto eu possa saber na presente hora, que a sua verdadeira existência é a hipótese mais simples que se possa formular para a explicação de certos fenômenos que muitas pessoas obtêm por meio de experiências. Ela não parece uma faculdade rara, embora exista em diferentes graus. É provavelmente susceptível de ser cultivada e melhorada. Muitas pessoas podem obter o que se chama de “escrita automática”,

uma das formas mais simples da mediunidade, isto é, permitir que a sua mão ou o seu braço seja controlado por uma inteligência na aparência estranha, mas benévola, sendo a sua inteligência retirada localmente pela intervenção de outra para dar lugar à incorporação e manifestação.

O transe é um afastamento mais pronunciado da atenção consciente. Durante o transe, algumas pessoas podem permitir que o seu órgão vocal seja utilizado para a transmissão da palavra e às vezes para a expressão de idéias inteiramente fora do seu alcance. Tais pessoas, ao saírem do estado de transe, não se recordam do que disseram, ainda que haja provavelmente sempre um registro em uma parte do seu cérebro, capaz de ser excitado por meios convincentes.

O transe difere do sono hipnótico, embora possuindo ambos muitos pontos de contato, mas, ao passo que, no estado hipnótico, o sensitivo está sob o controle da sugestão ou mais ou menos controlado por uma pessoa viva, o fato notável, no estado de transe ou em uma variedade especial desse estado, é que o organismo pode ser governado por inteligências desencarnadas ou, em outras palavras, por pessoas cujo mecanismo corporal foi completamente destruído.

Parece que existem todos os graus de impressionabilidade e todas as variedades de resposta física, desde as sacudidelas mais elementares de uma mesa ou de um braço de semáforo até a escrita ou pronúncia de frases inteligíveis. Às vezes, entretanto, bem que raramente, idéias são expressas em uma língua desconhecida do médium.

A facilidade com que as comunicações se podem estabelecer depende muito da faculdade e habilidade do comunicante e ainda da inteligência da pessoa que as recebe, mas depende também das aptidões e dos hábitos do instrumento fisiológico utilizado. Pode muito facilmente ser utilizado para proferir frases habituais ou banalidades, porém bem mais difícil é levá-los a expender idéias profundas ou fazer uso de uma linguagem inabitual e isto é quase impossível por meio de um instrumento sem instrução, embora nem sempre seja assim. Há palavras vazias de sentido em muitas ocasiões, bem como dificuldade de pronunciar nomes

pessoais. A experiência, com efeito, parece bem semelhante ao ditado de um telegrama pelo telefone: frases familiares são facilmente captadas, ao passo que palavras estranhas e nomes pessoais precisam ser repetidos várias vezes e laboriosamente soletrados. Assim, perguntas bruscamente interpoladas no meio de uma mensagem podem ter o efeito de desconsertar o comunicante e algo semelhante a uma mudança brusca de assunto pode facilmente comprometer a nitidez da mensagem, a menos que essa já tenha sido escrita antes e que a transmita mecanicamente.

Em cada caso, o mais familiar ou o mais extraordinário, importante é considerar, e o devo repetir, que a parte essencial da comunicação é sempre de caráter mental, quer seja ela feita pela palavra articulada, pela escrita ou por uma representação qualquer. Os meios empregados por um pintor, por exemplo, para representar a sua idéia, consistem em um arranjo de cores de uma certa maneira, do mesmo modo que um compositor musical imagina certos sons, o que ele faz, na realidade, escrevendo instruções que permitirão a uma pessoa competente reproduzir mais tarde os sons que foram desejados. E se essa reprodução se realiza na presença de uma pessoa não dotada de um aparelho receptor conveniente (como aquele a que chamamos de vista ou ouvido cultivado), a mensagem imaginada por um pintor ou o músico executante não atingirá o seu fim. Tanto o que há no quadro como todas as notas musicais podem ser vistos ou, no caso das notas, ser ouvidas por um selvagem ou por um animal, mas neles, como nos não entendidos, é a mesma coisa que nada.

Para ver um quadro como ele deve ser visto ou apreciar uma música, é preciso certa faculdade, uma espécie de atenção e compreensão mentais e sem certa resposta psíquica, nada se faz. A nossa apreciação de uma obra de arte depende de nossa contribuição.

Não devemos, pois, espantar-nos de que, se a harmonia psíquica é estabelecida, a parte física da transmissão pode verificar-se com facilidade. Um gesto pode transmitir muito, sem palavras. A leitura dos lábios é muitas vezes empregada pelos surdos. A simples inscrição de sinais sobre linhas pode representar, para um musicista, harmonia e melodia. Linhas negras sobre uma

folha de papel constituem o lado físico de um poema. Mesmo as sacudidelas de uma mesa são reconhecidas como capazes de transmitir inteligência e emoção, por estranho que possa parecer. A bizarra faculdade de telepatia prova que, no fim de contas, pode-se mesmo dispensar o menor estímulo físico, ainda que, em tais circunstâncias, o processo seja habitualmente lento e incerto. Então, não é verdadeiramente assombroso que uma organização corporal inteira, embora pertença ela a outra pessoa, possa ser empregada habitualmente por uma inteligência desencarnada, na hipótese que inteligências semelhantes existam e que tenham elas a capacidade e a vontade de transmitir às pessoas ainda ligadas à matéria alguma mensagem afetuosa ou alguma prova engenhosa de sua existência póstuma e sua identidade? Se os nossos parentes e os nossos amigos existem verdadeiramente após terem deixado o seu corpo terreno, eles possuem tudo o que é necessário como aparelho psíquico ou mental para estabelecer uma comunicação, sendo a única coisa que lhes falta um instrumento físico e, por hipótese, a presença de um médium parece assegurá-lo.

Se eles podem operar sobre um organismo fisiológico estranho do mesmo modo que antes operavam sobre o seu, sem saber de forma alguma como, fora do simples fato de operar, o resto é fácil. Eles estão ao corrente dos nossos códigos e dos nossos modos de pensar e se podem conseguir fazer funcionar o mecanismo de uma maneira bem semelhante à empregada outrora, é natural supor que nós podemos compreendê-lo. Mister se faz que nos ponhamos em uma atitude receptiva e lhes prestemos a atenção necessária, pois, de outro modo, ficarão impotentes. Às vezes poderão fazer esforços especiais para atrair a nossa atenção, poderão chamar-nos, por assim dizer, mas é preciso uma cooperação mútua para se receber uma mensagem algo coerente. As mensagens que nos chegam são freqüentemente simples, algumas vezes são apenas palavras de afeto, seguidas de tentativas para estabelecer uma identidade, em face de uma incredulidade persistente e tradicional, por reminiscências insignificantes e frases características. Tais palavras, simples e hesitantes, transmitidas por meios não habituais, com uma dificuldade

evidente algumas vezes, recebidas com um silêncio proposital e muitas vezes por uma incredulidade mal dissimulada, são uma questão perturbadora para a Igreja e uma loucura para a Ciência, mas, para os aflitos, constituem uma força e um conforto de um valor incalculável.

Capítulo VI

É possível a comunicação com os mortos?

“Já é tempo de um estudo das coisas invisíveis, tão sincero e ardente quanto o que a Ciência nos familiarizou com os problemas terrestres.

“A Ciência, como se sabe, não fica indiferente ao excepcional, ao catastrófico, ao miraculoso... Seu ideal elevado é a lei cósmica e ela começa a suspeitar que toda lei verdadeiramente cósmica é também, em certo sentido, uma lei da evolução.

“A descoberta da telepatia nos revela a possibilidade de uma comunicação entre todas as formas da vida. E se, como a nossa evidência atual o indica, essas relações telepáticas podem existir entre os espíritos encarnados e desencarnados, essa lei deve ser o centro mesmo da evolução cósmica.

“Nossas idéias concernentes ao que é nobre e ao que não o é na natureza não nos guiaram na descoberta da verdade?

“Aristóteles, por exemplo, crendo que as estrelas fixas eram de natureza divina, por causa de seu afastamento, não teria considerado indigna a suposição de que elas consistem dos mesmos elementos dos seixos que magoavam os seus pés? As almas desencarnadas, como as estrelas, não podem assemelhar-se mais do que temos o hábito de imaginar?” (Fredrich Myers, em *Human Personality*, II, cap. IX).

Espanta-se alguém muitas vezes com os processos da comunicação mediúnica e se pergunta, mesmo se admitindo que tal seja possível, se é legítimo se conversar familiarmente, por não importa qual meio, com aqueles que são geralmente considerados sagrados ou desaparecidos. Eles não o são, na verdade, nem uma coisa nem outra e breve o mundo aceitará esta verdade de um modo racional, melhor para eles e para o mundo. É preciso vencer gradualmente dificuldades conseqüentes de um longo

hábito e uma velha tradição, em parte pela experiência, mas antes pela leitura e pelo estudo. Assim, eu me dirijo àqueles que encontram certa dificuldade, talvez mesmo uma objeção religiosa na idéia da comunicação póstuma e que se perguntam seriamente: “É possível falar com os mortos? É possível para eles comunicar-se conosco de uma maneira qualquer?”

Não é possível nenhuma resposta a esta questão por meio de considerações *a priori*, a menos que seja uma resposta negativa e desdenhosa, baseada em uma consideração muito apressada concernente à significação da pergunta. Se é verdade “que os mortos não sabem nada”, segue-se daí que eles não têm mais existência pessoal e assim não pode ser possível comunicar-se com um ente que não existe, mas isto é raciocinar às escuras. O melhor método de atacar o problema é o de assegurar antes, pela experiência e pela observação, se a comunicação é possível e, em seguida, estabelecido o fato, deduzir que, efetivamente, os mortos sabem muito bem alguma coisa e que eles têm existência pessoal.

A questão se apresenta então assim: “Como é possível comunicar-se com o que quer que seja, por inteligente que for, não se possuindo um instrumento físico ou um órgão para conversão do pensamento em ação?” Como é possível apreciar o pensamento mesmo?” Uma resposta parcial é dada pela descoberta da telepatia, que parece ser um processo direto de transmissão entre dois Espíritos, mas permanece sempre, que, para uma espécie qualquer de reprodução, de utilização ou transmissão, um processo físico é necessário, que é preciso, afinal de contas, de um mecanismo fisiológico.

É preciso aí um instrumento qualquer, mas não se segue que o instrumento empregado deva necessariamente ser propriedade da inteligência que se comunica. Um músico, privado de seu instrumento favorito, poderia aprender a tocar no de outro. Sem instrumento de qualquer espécie, mesmo que seja uma pena, a sua alma poderia estar cheia de música, mas essa seria silenciosa e incompreendida, ela não poderia jamais ser reproduzida, não poderia mesmo ser escrita, pois um instrumento inferior ou estranho valeria mais do que nada e poderia talvez, uma vez

ainda, traduzir qualquer expressão. Ora, os fatos da personalidade múltipla demonstram que, em certas circunstâncias excepcionais, um único corpo humano pode ser utilizado por várias inteligências e não apenas por uma. O dono normal dele, por assim dizer, pode ser às vezes expulso e ter o seu lugar tomado por outros. Eis a imagem e é possível que essa imagem seja mais aproximada da realidade do que se pode pensar. Há certas pessoas cujo valor, no propósito de ampliar a nossa experiência, é bem maior do que o que se sabia até aqui, tudo sacrificando ao permitir a utilização de seu corpo para a transmissão de mensagens a diversas outras pessoas, mensagens recebidas telepaticamente ou por qualquer outro meio de inteligência fora da sua própria.

A sua personalidade parece suspensa. Ela cai em transe durante certo tempo, ao passo que o seu cérebro e o seu corpo permanecem em atividade e mensagens são transmitidas a respeito de fatos antes desconhecidos deles, sem deixar qualquer recordação ulterior na sua memória. A pessoa assim empregada, como mecanismo de transmissão, por uma outra inteligência, chama-se “médium”. Há diversas espécies de mediunidade e esta não está sendo associada a uma inconsciência normal completa, mas, em todos os casos, parece ser uma variedade sã e útil do que se chama nos casos patológicos de “personalidade múltipla”.

A personalidade secundária, no médium, não é necessariamente importuna ou molesta. Pode ser razoável ou lógica, mas não é a inteligência normal do médium e a camada de memória utilizada não é a mesma. Fatos, então do conhecimento de uma outra pessoa, são revelados e os que eram familiares ao médium são olvidados durante certo tempo. O espírito e a memória, assim atingidos, podem ser algumas vezes os de uma pessoa normal encarnada, mas o corpo material parece uma obstrução pela razão única de que os métodos sensoriais de comunicação nos são bem habituais e familiares. Resulta daí que é verdadeiramente mais fácil para o organismo do médium ser utilizado por uma inteligência desencarnada, isto é, por alguém que já passou pela dissolução ou dissociação material comumente chamada “morte”.

Quaisquer que sejam os outros métodos de comunicação mais elevados que possam existir, inclusive o que se chama inspiração, a utilização corrente das faculdades de um médium é autêntica e muitas pessoas estão familiarizadas com as mensagens assim recebidas. Muitas são relativas a acontecimentos domésticos e desprovidas de qualquer significação pública, mas bem escolhidas para dar uma prova da entidade comunicante. A trivialidade dos incidentes contados não tem nenhuma importância se eles possuem esse caráter de identificação. Os acontecimentos importantes estão longe de serem úteis, visto que pouco podem ser identificados por pertencerem à notoriedade pública. São as coisas triviais e domésticas que fornecem as provas e os traços pessoais tão desejados pelos sobreviventes aflitos. Há muitas espécies de mediunidade. A condição de transe, de que já falei, é uma das mais perfeitas, mas algumas pessoas podem obter a escrita automática ou semiconsciente, deixando apenas a mão escapar-se do controle habitual. Nesse caso, o instrumento é a mão, munida de uma caneta ou um lápis, que é guiada normalmente pelos músculos, enquanto que o sentido da mensagem é ignorado pela inteligência normal da pessoa que dela se serve. Algumas vezes o lápis é fixado em um pedaço de madeira, de modo que o movimento muscular é mais simples e se assemelha menos ao que é utilizado na escrita ordinária. É o método chamado de “prancheta”.

Algumas vezes essa prancheta é preparada de modo a indicar letras já impressas, em lugar de escritas. Outras vezes utiliza-se um método um pouco mais fastidioso, sempre por um instrumento físico, e a mensagem chega sob a forma de simples sinais, pela repetição do alfabeto soletrado segundo as sacudidelas de uma mesa até a letra designada pelo espírito. O movimento de uma mesa parece ser uma distração antiga e desdenhada antes que um método sério, pareceria antes um jogo, mas com cuidado pode-se obter comunicações claras, mesmo por esse meio. Evidentemente, uma mesa não é senão uma variação grande e volumosa da prancheta, da caneta ou do lápis, que não é, em suma, senão um pedaço de madeira posto em movimento pelos músculos.

Os modos de conversão do pensamento em movimentos físicos são inúmeros e pouco importa ao que dele se utiliza. A mão, a laringe, os músculos do braço, os músculos da garganta, são todos fragmentos de matéria submetidos à influência mental pelo mecanismo do cérebro e dos nervos associados. Como são postos em ação pelo espírito permanece um enigma, mas é impossível negar que são postos em ação. O aspecto bizarro de qualquer comunicação não é que a matéria se mova, segundo um código, para reproduzir o pensamento de um outro espírito, visto tal ser igualmente verdade para a palavra e a escrita. O elemento bizarro dos casos supranormais reside no fato de que o Espírito e o sentido da comunicação são estranhos à pessoa transmissora e característicos de qualquer outra pessoa desejosa de enviar uma informação inteligível ou uma mensagem de conforto e de identificação, servindo-se de órgãos corporais e fisiológicos que se lhe permitem usar momentaneamente.

Permito-me agora indicar qual o gênero de mensagens se pode receber. Algumas se reportam a fatos e experiências no “Além”, gênero de vida, meio, condições, dificuldades, persistência de um interesse em assuntos terrestres, que são, até certo ponto, a razão de ser de tais comunicações. A abundância desses esforços de informações consta de volumes e eles tratam mais do que chamamos de “assuntos não verificáveis”.

Não temos nenhum meio de pôr à prova tais asserções ou de verificar o que há de verdade nessas mensagens, razão por que é preciso considerá-las com prudência. Basta dizer que a informação constante é de que as condições do “Além” se assemelham muito às condições de cá embaixo, que os próprios comunicantes não teriam imaginado. Eles falam de flores e de animais, de pássaros e de livros, de belezas de todas as espécies. Afirmam que não sabem muito mais coisas do que nós, que o seu caráter e a sua personalidade permanecem os mesmos, embora façam progressos, e que não são bruscamente transformados em algo de celestial, muito menos em infernal, que são os mesmos que dantes, com gostos e aptidões similares, porém que estão em situações mais felizes e mais favoráveis, mais libertos das dificuldades que tinham no tempo em que estavam ligados à maté-

ria. Dizem também que as coisas ao seu redor são inteiramente sólidas e substanciais e que são agora as velhas coisas que parecem quiméricas e evanescentes. Assim, apenas se dão conta dos acontecimentos terrestres, salvo quando missões definidas lhes são confiadas para auxiliar os que deles precisam ou quando pensamos neles ou ainda quando fazem esforços espontâneos para chegarem até os que amaram e deixaram na Terra. São grandemente sensíveis à amizade e à afeição e menos tímidos e mais pródigos em exprimir os seus sentimentos que na ocasião em que estavam aqui.

Eles não parecem se achar em uma outra região do espaço, mas estão em relação íntima e associados estreitamente com a sua nova ordem de existência. A mesma faculdade construtiva que, inconsciente durante o seu longo período da evolução, é chamada a constituir o seu antigo organismo visível pelo arranjo de partículas materiais, parece capaz de continuar a sua tarefa sob condições novas e lhes dá um outro corpo ou modo de manifestação, utilizando tal substância que aí se acha disponível e que se pode hipoteticamente supor ser o éter. Essa faculdade construtiva, segundo toda probabilidade, pertence não somente à vida humana e animal, mas a todas as formas da vida orgânica, de tal sorte que o seu meio, por alguns considerados como um mundo etérico, não é necessariamente muito diferente do meio que nos é familiar neste reino da matéria, reino este agora tão real e tão dominador para nós, excitando a nossa mais viva admiração, e no entanto desconhecido de nós em seu verdadeiro modo de construção. Quaisquer que sejam elas, as primeiras mensagens que nos chegam não são de um caráter descritivo. Elas representam tentativas para nos convencer e não para nos embalar, antes para nos fazer realizar que os nossos chamados desaparecidos estão sempre ativos e vivos e que eles são tão felizes quanto lhes permitimos. A nossa dor lhes faz sofrer, mas, de outro lado, acham a sua nova vida cheia de interesse, de auxílio e de uma espécie de alegria.

As primeiras mensagens são mensagens de afeição. Depois vêm essas pequenas recordações de família que são muitas vezes bem claras e satisfatórias para aqueles a quem são destinadas,

embora para os estranhos tenham de tal modo necessidade de explicação que perdem muito de seu interesse. Referências a pequenos nomes, a animais favoritos, a acontecimentos vários, a ligeiros contratempos ou acidentes, todas essas coisas parecem voltar à memória quando se faz um esforço para considerar uma mensagem de identificação espiritual.

Ainda que a transmissão clara e correta dos nomes seja algo difícil para a maior parte dos médiuns e embora a importância dos nomes, como prova, seja facilmente muito apreciada, todavia os nomes são bastas vezes dados espontaneamente, particularmente os nomes de um caráter íntimo e privado. Uma pergunta feita inesperadamente, tal como um pedido de prova estabelecida de antemão, produz confusão na mensagem e perturba a sua nitidez. Todo o mundo deve saber como é fácil aqui na Terra romper a seqüência de nossas idéias. Muita ansiedade por parte do consulente é prejudicial. Calma e paciência são necessárias. As primeiras mensagens, entretanto, são muitas vezes estimuladas por um desejo aparentemente vivo de aliviar os sobreviventes de alguma ansiedade, de alguma suspeita, de algum mal-entendido ou de alguma atribulação que projete uma sombra sobre as suas vidas. Os nossos amigos desaparecidos parecem muito sensíveis a tais coisas e fazem muitas vezes esforços sérios e enérgicos para transmitir uma mensagem reconfortante a uma pessoa que vêem aflita. Como eles conhecem essa aflição pode nos parecer um enigma. Tais coisas são experimentadas por nós, entretanto, de um modo obscuro em nossa própria vida terrestre e elas podem fazer sentir mais vivamente e despertar mais remorsos lá em cima do que aqui embaixo. Penso que o remorso é uma característica notável do estado mental, incorpóreo, quando justificado. O sentimento pode se aliar ao que nós experimentamos às vezes durante as horas de insônia.

A possibilidade da telepatia, pela qual as impressões mentais de um caráter profundo podem influenciar outros Espíritos, mesmo Espíritos desencarnados, parece provavelmente fornecer um outro meio graças ao qual os sentimentos dessa espécie podem ser hipoteticamente despertados.

Como quer que seja, a percepção dos sentimentos dos sobreviventes é um fato inegável e um dos grandes méritos das comunicações recebidas em tais casos é o alívio e o conforto que eles trazem aos que se acham do outro lado do véu. Nos tempos de tristeza geral, essas mensagens são necessárias e bem numerosas. Elas nos vêm de todas as maneiras. Não é provável que os moços riscados da vida terrena, em plena juventude, estejam em paz se se certificarem de que os que amam se lamentam indevidamente de sua perda e arruinem o que resta de sua vida aqui. Eles podem duvidar de seu poder de penetrar o véu, e muitas vezes duvidam mesmo disto; mas se, com o auxílio de um amigo ou por outro meio qualquer, descubrem tal possibilidade, estão prontos a fazer os seus melhores esforços para despertar naqueles que aqui ficaram um desejo semelhante, a fim de que, de um modo ou outro, cedo ou tarde, uma comunicação (talvez de um caráter muito subjetivo) se estabeleça.

Em meu bem conhecido livro sobre a vida e a morte,¹³ dei exemplos de mensagens provando a sobrevivência da entidade pessoal e da memória e explicando o caráter além da morte. Dei exemplos, com efeito, de conversas familiares com meu filho “Raymond” e outros, mas estas últimas deveriam ser tratadas em seu conjunto, pois não seria justo nem honesto escolher extratos delas ao acaso e os mencionar fora de seu contexto. Não é preciso que tais conversas sejam muito freqüentes ou muito persistentes. Uma vez estabelecido que a afeição mútua é persistente, alguns anos de separação podem ser suportados e a tarefa da vida, aqui embaixo ou lá em cima, pode ser cumprida.

A valia e a importância da vida terrena atual são bem reconhecidas pelos nossos amigos do outro lado. Seria uma pobre recompensa para o privilégio da comunhão ocasional e um falso reconhecimento para com aqueles que, em tão grande número, recentemente levados à morte, com uma abnegação tão nobre, se os nossos lamentos paralisassem as atividades que nos são possíveis no decurso de nossas existências atuais. Em último lugar, pode-se perguntar: se essas outras inteligências existem, por que não as temos sempre conhecido? “Na verdade, muitos sábios as conheceram, estiveram em comunhão com elas e

sentiram a sua influência. Também os poetas sentiram a sua inspiração. Entretanto, é motivo de espanto que mesmo aqueles que estão dispostos a admitir sua existência não falem mais das suas atividades, fazendo-nos conhecer a natureza de seu ambiente. A resposta é, primeiro, que já nos contaram mais do que se supõe geralmente e, em segundo, que a coisa não é fácil.

Disponho-me a terminar este capítulo pela seguinte fábula infantil:

O peixe e o pássaro

Um solitário linguado se distraía nadando em direção à margem de um lago escocês. O acaso fez com que a andorinha voejasse perto dele, rasando com seu vôo a superfície d'água. O peixe, embasbacado com essa aparição indistinta, murmurou:

“É verdade! Há seres vivos lá em cima! Sempre pensei que tal fosse possível. Bem que se viram sombras e outros indícios. Os nossos, que nadam livremente, fizeram essa dedução. Mas isto é só fantasia, imaginação. É mais seguro ficar em terra firme. Estamos mais seguros em nosso lodo e nossa areia, o resto é ficção.”

E quando a andorinha passou de novo por cima dele, lhe perguntou:

– Quem é você? Você tem barbatanas?

A andorinha lhe respondeu apenas:

– Não nadamos. Voamos.

E acrescentou, com um bom humor, como se quisesse responder a uma pergunta inexprimida:

– É quase a mesma coisa, só que é mais belo, mais rápido e muito melhor. Temos penas, que você não sabe o que é, planamos acima da terra e podemos viajar a grandes distâncias. Mesmo os seus melhores nadadores não conhecem a metade do que lhes resta saber.

O peixe permaneceu silencioso e espantado durante certo tempo, mas logo recuperou sua habitual presença de espírito e começou a responder com volubilidade e sem hesitação:

– Isto é extraordinário. Nem podemos acreditar na sua existência. Alguns dos nossos dizem que sabem voar, mas, em todos os casos, só por um pequeno espaço. Eles nos contam que entreviram criaturas durante os seus vôos, mas naturalmente que nenhum de nós acreditou neles. Dizem que, quando estão lá em cima, podem ver ao longe, de modo a prever a passagem dessas conchas sombrias que nos inquietam às vezes, mas muitas vezes se enganaram. Somos de opinião de que o vôo deveria ser suprimido. Não permitiremos que se nos engane.

A andorinha planou um momento, escutando essa confissão, e assim respondeu, lançando um olhar para cima:

– Vocês fazem muito bem em não se deixarem enganar, mas pode ser que não haja apenas uma espécie de engano. Vocês têm medo da ilusão? É que ainda não conhecem todas as glórias da existência.

– E você – disse o linguado, procurando fazer sua cabeça sair fora d’água e sufocando-se com o esforço feito –, conhece tudo, você? É que tudo isto em cima é claro, na sua liberdade transcendente. Conta-me como é, na verdade, o seu mundo.

– Não lhe posso contar direito – respondeu a andorinha –, porque não o entenderá. É algo que se assemelha ao seu mundo, mas é muito mais bonito. Vocês têm belas coisas aí em baixo, se procurarem ou se ouvirem os seus narradores, que lhes falam de pedras brilhantes, plantas marinhas, conchas do mar e mesmo as suas escamas são bonitas, porém nós, nós vemos árvores, flores e frutos, nós...

– Não compreendo o que você está dizendo. – interrompeu o peixe – Que coisas são igrejas, posso saber?

– Ah! Eis algo que ultrapassa o meu saber. – respondeu a andorinha – Há muitas coisas que não conhecemos ainda. Não sabemos porque as igrejas foram construídas. Parecem um pouco com as granjas, mas têm mais telhados e beiradas, entretanto são diferentes. Parecem representar uma concepção do universo mesmo ainda um pouco mais alto do que o nosso.

– Bem – exclamou o linguado, quando a voz da andorinha se perdia docemente no silêncio –, ela não nos pode dizer bem a

que o seu meio se parece, portanto faz especulações a respeito de regiões ainda mais incompreensíveis! Não, tudo isso é muito vago e indefinido! Temos razão em não acreditar em nada além de nossa morada. Se eu contasse aos outros que este peixe voador disse algo de verdade, eles zombariam de mim. E, no entanto, conservo uma lembrança vaga de que, em minha juventude, eu nadava mais livremente... Ai de mim, esses raios de minha mocidade estão extintos: devo contentar-me com a luz ordinária.

Assim dizendo, recomeçou a chafurdar o seu longo caminho até se reinstalar no seu lodo.

A sua experiência, porém, não ficou completamente perdida. Certas vezes não podia deixar de escapar algumas palavras, apesar do desprezo dos seus companheiros, e se sentia verdadeiramente mais feliz, ainda que fosse mais consciente de sua ignorância que dantes. Todavia, continuava a se perguntar ainda porque o pássaro não pudera dar-lhe maiores informações sobre a natureza do mundo de além.

Capítulo VII

Perspectiva. Breve resumo

“E a minha pequena chama de vida desaparecerá nas vossas profundezas e alturas?”

* * *

“Através das portas que vedam o horizonte me chega um raio do que está mais alto.”

(Dos últimos poemas de Tennyson)

Para concluir, lancemos um rápido olhar sobre o terreno já percorrido e encaremos o futuro. As nossas vistas começaram a ampliar-se de todas as maneiras, elevando-se de sua atenção somente sobre a Terra para a compreensão do mundo infinito de que a nossa Terra é uma porção integral. Penetramos já nos interstícios dos próprios átomos de que a Terra é composta.

Encontramos por toda parte um sistema de lei que governa o imenso e o infinitamente pequeno, não sendo a Terra uma exceção. Começamos a ser forçados a estender a nossa concepção cósmica ao domínio da vida e do Espírito. Procuramos o imperecível, o perfeito, o real, e achamos tais atributos no próprio espaço. É lá, e não na matéria, que está a nossa habitação permanente, lá que achamos o veículo físico que utilizamos agora e que continuaremos a usar sempre. Os nossos corpos materiais se gastam e somos obrigados a deixá-los na terra. Nenhum objeto material é permanente, cedo ou tarde cai em ruínas, mas a alma de uma coisa não se acha na sua aparência material. O lado material de um quadro é a tela e as cores, nada mais poderia ser descoberto pelo microscópio, porém, por um tal exame, não existe nenhum “quadro”; a “alma” ou a significação, *a realidade*, desaparece desde o instante em que o objeto material foi assim considerado analiticamente. Acontece o mesmo com os nossos corpos. Quando dissecados, são só músculos, nervos, vasos sanguíneos, um mecanismo maravilhoso, mas nenhum exame análogo pode descobrir nele o Espírito.

O Espírito utiliza e domina a matéria. Usa-a para fins de demonstração e execução, emprega-a como um veículo de manifestação, mas é um erro capital identificar o pensamento e a personalidade com qualquer aglomeração de átomos. O cérebro é uma massa mole de matéria, misteriosamente combinada para reagir sob a ação do pensamento, para receber e transmitir impressões, mas o cérebro não passa, não pode ver, nem ouvir, nem imaginar. Tais coisas são devidas só ao Espírito, de que o cérebro é o instrumento. Sem ele e sem a sua coordenação neuromuscular, seríamos impotentes para fazer mover a matéria e, conseqüentemente, impossibilitados de falar, escrever ou de transmitir as nossas impressões e os nossos pensamentos.

O nosso corpo material é um aglomerado de átomos habilmente unidos em uma estrutura maravilhosamente engenhosa e perfeitamente adaptada. Cada parte dele tem a sua função particular e nós vivemos cá em baixo graças à cooperação e ao funcionamento harmonioso do conjunto. É assim que vivemos na Terra e convivemos com outras pessoas construídas como nós. As partículas que compõem o nosso corpo provêm da união da substância animal e vegetal coordenada pela entidade psíquica interior que se pode chamar vida ou alma, coisa que não pretendemos compreender, mas é aí que se situam o *eu*, o caráter, a memória, e não no mecanismo.

A orelha não ouve, mas o mecanismo da audição ouve, pois aquela não é senão um mecanismo, como o é o telefone. O olho não vê, do mesmo modo que um aparelho fotográfico não vê. Somos nós acionados por vibrações. Nós interpretamos sensações como uma paisagem, uma obra de arte, um poema ou uma pintura. Quando ouvimos as palavras, o que percebemos não são senão vibrações atmosféricas. Os sentidos dos animais as percebem do mesmo modo, mas eles não têm o Espírito para interpretá-las. Esta faculdade de interpretação é surpreendente. Acabamos de aprender, por certas invenções engenhosas, como interpretar as ondas etéricas para traduzi-las em harmonia e em inteligência. Confundir o nosso ser verdadeiro com o seu instrumento é uma imbecilidade.

A forma mesmo do corpo não depende, em nada, da matéria, como não depende, muito menos, da natureza da nutrição absorvida como os cristais, nutrição que poderia servir igualmente para a formação de um frango ou de um porco. Nenhuma identidade pessoal reside nas partículas, nem no agregado delas. A identidade pessoal pertence à alma, princípio animador e vivificante que agrupa as células e afeta em cada uma delas o seu papel especial.

A célula protoplásmica, passando o sangue durante a digestão, vai a qualquer parte do tecido e, lá, é ela utilizada segundo as suas necessidades. Em certo lugar, ela contribuirá para formar uma unha; em outro para produzir o cabelo, em outros ainda para criar um músculo ou a pele. Feri a pele e ela se refará depressa; cortai um nervo e ele se curará logo. O fato é maravilhoso, ultrapassando completamente a nossa faculdade consciente. Quem, utilizando só o pensamento, poderia fazer crescer uma unha do pé, um dente ou um cabelo?

Os fatos físicos e químicos podem ser estudados, mas a força interior e imanente que os guia escapa ao nosso saber. Tudo obedece à lei e à ordem. Pode-se formular leis, observações hábeis podem estudar e descrever o processo de sua ação, mas apenas isto. Assim nós poderíamos estudar a estrutura de uma ponte, ou de uma máquina ou de um aparelho de telegrafia sem fio, enquanto que aquele que a imaginou ou criou fica invisível. Identificar a força que anima o veículo, com o veículo material mesmo, é tornar-nos ridículos e fechar os olhos à realidade. Um violão ou um órgão é um instrumento, mas a música pede um músico. Nós mesmos não somos matéria. Utilizamos a matéria e depois a abandonamos. O corpo é o nosso instrumento, que dura certo tempo. Depois é preciso enterrá-lo ou incinerá-lo, pois terminou o seu serviço e doravante as suas partículas podem ser utilizadas por um outro organismo.

Nós mesmos não baixamos nunca à sepultura, mas sim continuamos uma existência ininterrupta. É provável que tenhamos então um outro modo de manifestação e, em certo sentido, um outro corpo, que não é mais dessa matéria, pois o velho corpo material está morto e enterrado e não será nunca ressuscitado por

nós. Não há ressurreição de cadáver, uma vez que a vida o deixou completamente; não seria uma ressurreição gloriosa, seria, sim, um milagre bizarro e inexplicável, ou bem um grande horror.

Aqueles que se limitaram a uma visão material da existência, aqueles que fecharam os seus olhos à realidade das coisas espirituais, encaram evidentemente o destino humano de um ponto de vista estreito e terra-a-terra. Eles consideram que a idéia de sobrevivência é um absurdo. Se o cérebro é o Espírito, se toda memória é nele conservada, se só ele é instrumento para a manifestação dos pensamentos e das idéias, ou, por outra, o ser humano real, então, com efeito, somos bem criaturas efêmeras, vivendo alguns anos e retornando em seguida ao pó de onde viemos. Vida fútil, sem continuação, sem significado! Todas as nossas esperanças, toda a nossa fé e o nosso amor, todas as nossas alegrias, as nossas dores e os nossos sacrifícios são sem nenhum valor, desfeitos e terminados como uma história acabada.

Para semelhantes teóricos, a única noção possível da sobrevivência seria a ressurreição do mecanismo corporal. Tal processo, a justo título, se chamaria necromancia, isto é, uma empresa limitada ao cadáver. Houve uma época em que se acreditava firmemente que os túmulos liberariam os seus mortos, que haveria uma ressurreição geral e que os nossos pobres aglomerados de partículas materiais, usadas e abandonadas, seriam reunidas de novo, para serem ou torturadas ou rejubiladas eternamente. Emancipai-vos de uma superstição tão grosseira!

Onde está a verdade? Contrariamente a tais afirmativas, a verdade é que não estamos destinados a morrer, que não sofreremos desgaste, que temos uma existência permanente além da vida do organismo material, herança comum da criação animal, que é o Espírito criador e diretor que constitui verdadeiramente o nosso *eu* e que este persiste fora dos acidentes que possam sobreviver ao corpo, sensível, entretanto, aos males que possam assaltá-lo. Podemos subir a alturas inexprimíveis e descer a profundezas correspondentes.

O elemento permanente no homem é o caráter – a vontade. É ele que determina o destino do homem. Somos bem superiores ao mecanismo, não somos conduzidos por ele, não corremos sobre trilhos como os trens, não temos leme e somos livres para escolher os nossos caminhos. Muitos dentre nós estamos contentes se podemos evitar os obstáculos e caminhar livremente pela grande estrada, mas outros podem fazer mais. Têm, por assim dizer, asas, podem planar, ao menos durante certo tempo, acima das penas da vida habitual, podem ganhar a liberdade e atingir a beleza, cantar, conhecer a fé e encorajar os homens e partilhar de sua ventura diante da beleza e a majestade do universo do qual começam a entrever a luz.

A perspectiva esplêndida que se apresenta diante da entidade em estado de ver e de compreender tornar-se-á a esperança e a inspiração da raça humana neste planeta. Este planeta Terra é a região das almas que lutam e têm aspirações, mas que estão entravadas, e, no entanto, estão fortificadas pela sua associação disciplinar com a matéria. O homem, tal como o conhecemos, é um produto recente da evolução que não soube ainda controlar sabiamente o seu invólucro material. Ele se engana gravemente sobre a importância relativa das coisas, mas escritores inspirados lhe asseguraram que podem conseguir a sua salvação só pelos próprios esforços. As sementes da boa vontade já foram lançadas e, quando elas florirem, as gerações futuras herdarão um paraíso terrenal digno do longo trabalho de preparação, de sofrimento e de esforço que foram a obra das primeiras etapas. A Terra será então verdadeiramente um corpo celestial e o Reino do Céu a nossa última recompensa.

O homem não está, até aqui, plenamente desenvolvido, pois que somente alguns dentre eles ultrapassaram os seus companheiros e tempo virá certamente em que todo o mundo poderá receber essa herança. O mal-estar atual é bem um esforço quase cego para conquistar coisas mais elevadas, um sentimento de que este mundo não pode ser tudo, que a instrução e o repouso valem bem uma luta, que existem recompensas ao alcance atual do homem comum. Alguns desses esforços são terrivelmente falsos, o egoísmo perturba os idealistas e o seu sono, porém, mais cedo

ou mais tarde, todo esse caos será refeito. A humanidade está no início de sua evolução e ainda resta muito tempo diante de nós. O homem e a sua raça têm diante de si uma perspectiva magnífica e, se almejamos firmemente Justiça e Direito, se procurarmos auxílio e direção certamente iminentes, se buscamos verdadeiramente compreender o que é a significação da existência, pondo as nossas vontades em harmonia com esse esforço sublime, então chegaremos à paz e à idéia de serviço que representam a liberdade completa.

Falo de auxílio e de direção. São realidades que ninguém nos força aceitar, mas serão nossas se as buscarmos. Multidões viveram e lutaram na Terra e elas não desapareceram.

Neste grande universo nada de real desaparece. Esse real pode estender-se além de nosso alcance, mas não deixa de existir. Os próprios átomos parecem ser permanentes. Cada fração de energia é conservada, não há nunca destruição, mas mudanças. Assim tem sido com todos os seres que viveram e sabemos muito bem que alguns deles sofreram para ajudar a humanidade. Pensais vós que eles não trabalham mais, que agora repousam e que nos abandonaram? Não, nunca! Não estamos sós. Não somos senão uma parte dos seres que lutam por condições melhores. Um grande exército está em atividade, não para destruir, mas para obra de regeneração, de ajuda e de orientação. Ele não abandonou a luta, de que se ocupa sempre, e agora a contempla de um ponto de vista mais elevado e, observando os nossos erros, está sempre pronto a nos estender a sua mão compassiva e amiga.

Tudo isso está, sem dúvida, submetido a um Poder Superior além de nossa imaginação, que trabalha por meio de leis, por meios físicos e com o auxílio de agentes que não podemos conhecer ainda, mas com os quais somos felizes em aprender. O destino de cada indivíduo depende muito de si mesmo. O destino de cada raça depende de nós e daqueles que nos precederam. Somos colaboradores deles. Essa condição mais feliz, que se chama Reino do Céu, é o começo e o fim, e um dia será alcançado na Terra. Poderes imortais trabalham para tal fim. Vontades rebeldes o retardam. O egoísmo a ele se opõe, mas certamente

que as Forças do Bem serão mais fortes e terão finalmente a sua vitória.

Esta é uma terra maravilhosa e bela e cada vida terrestre tem, evidentemente, uma importância imensa no plano geral. O nosso grande ideal será realizado. Um dia a humanidade se elevará até as possibilidades que ela começa a entrever. Ela já produziu Platão, Shakespeare, Newton, tais cimos de montanhas que refletem, na aurora, os raios de sol sobre prados e vales e, quando o homem comum atingir tais altitudes, que serão os cimos?

Notas:

-
- ¹ *Revista de Metapsicologia*, ano I, número 2, página 45.
 - ² *La Revue Spirite*, número de agosto de 1951, página. 138.
 - ³ Gastone De Boni, *Metapsichica, Scienza dell'anima*, página 19, edição de 1946.
 - ⁴ Oliver Lodge, *Barriere Illusorie fra Materia e Spirito*, tradução de Lisa Sarafati Scopoli, edição de 1936.
 - ⁵ Theodor Reike, *Religião e Psicanálise. O Deus próprio e o Deus alheio*. Traduzido diretamente do alemão por Odilon Gallotti, página. 193.
 - ⁶ Oliver Lodge, *Vie et Matière*, tradução de J. Maxwell.
 - ⁷ Necessário se faz um esclarecimento ao leitor: nesta obra, o autor se propõe a demonstrar, *cientificamente*, a imortalidade (ou a continuidade) do ser psíquico individual – sua memória, seu conhecimento, seu sentimento –, independentemente da existência efêmera do corpo físico. Em outras palavras, evidencia a continuidade perpétua de cada *personalidade individual e pessoal*. Isto posto, nada mais natural do que o título original, de caráter científico, adotado pelo autor: *Por que creio na imortalidade pessoal* (Nota do revisor).

-
- ⁸ Infelizmente, essa longa comunicação a respeito da catástrofe do Himalaia (1924), recebida nas condições adiante descritas, foi emitida por deferência a um pedido formulado pela família interessada. Ela está, contudo, registrada nos arquivos da *Society for Psychical Research*, para referência futura, se tal for preciso. Substituí-a por outro episódio.
- ⁹ Após a morte de Lord Glenconner, sua viúva desposou o Visconde de Grey, ex-Ministro das Relações Exteriores da Inglaterra.
- ¹⁰ Ver os *Philosophical Transactions of the Royal Society*, de 1893 a 1897.
- ¹¹ Gladys Osborne Leonard é o seu nome completo e “Fedá” era uma índia americana que desencarnou mocinha.
- ¹² Ver, por exemplo, I Sam. XXX, 7-8; 2 Sam. V. 23-34; 2 Sam. VII, 5; XXI, 1; XXIV, 2; I Reis III, 5; I Crôn. XVII, 3; XXI, 9; XXIX, 29; 2 Crôn. XVIII, 14; XXIX, 25; XXXIII, 18; Isaías, XXX, 10.
- ¹³ *Raymond*, ou *A Vida e a Morte*.